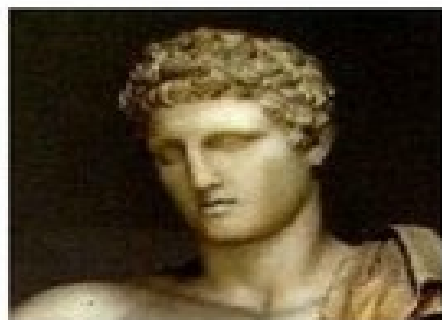


O Sr. Ganimedes



Alfredo Gallis

INDEX

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O Sr. Ganimedes

Alfredo Gallis



INDEX ebooks

2014

Ficha técnica

Título: O Sr. Ganimedes

Autor: Alfredo Gallis

Revisão, introdução, capa e notas: João Máximo, Luís Chainho e Patrícia Relvas

Edição 1.00 de 15 de setembro de 2014

Copyright © João Máximo e Luís Chainho, 2014

Todos os direitos reservados.

Esta publicação não poderá ser reproduzida nem transmitida, parcial ou totalmente, de nenhuma forma e por nenhuns meios, eletrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, digitalização, gravação ou qualquer outro suporte de informação ou sistema de reprodução, sem o consentimento escrito prévio dos editores, exceto no caso de citações breves para inclusão em artigos críticos ou estudos.

INDEX ebooks

www.indexebooks.com

indexebooks.com@gmail.com

www.facebook.com/indexebooks

Lisboa, Portugal

ISBN: 978-989-8575-43-2 (ebook)

Introdução

Desde a sua instituição em Portugal, em 1536, até ao início do século XIX, a Santa Inquisição, ou Tribunal do Santo Ofício, reprimiu a sodomia, "*o abominável acto nefando*" ou o "*nefando pecado*", que equiparava aos piores crimes, como a heresia. A simples menção da homossexualidade era escandalosa, os homossexuais, perseguidos, escondiam-se e em sociedade ninguém se atrevia a nomear o "*inominável*". Ao longo do século XIX, com o progresso do liberalismo e a extinção das ordens religiosas, as mentalidades e a moral foram lentamente evoluindo e, na sequência de alguns escândalos com homossexuais que agitaram as páginas dos jornais sensacionalistas da época, Abel Botelho e Alfredo Gallis atreveram-se a publicar, já perto do final do século, romances cuja temática central era a homossexualidade.

Nas suas obras, Botelho e Gallis apresentam ainda a homossexualidade como uma perversão, uma doença social que é preciso erradicar, coincidindo com a opinião dos médicos portugueses que, à época, também se começavam a interessar pela inversão sexual dedicando-lhe dissertações académicas, como Adelino Pereira da Silva (*A Inversão Sexual, Estudos Médicos Sociais*, 1895) ou Egas Moniz (com um capítulo dedicado à *Homossexualidade*, no volume 2 de *A Vida Sexual*, 1902). Foi assim que Abel Botelho incluiu o seu *O Barão de Lavos* (1891) na série de obras que designou por *Patologia Social*, e Alfredo Gallis incluiu o romance *Sáficas* (1902) na série *Tuberculose Social*.

O "*nefando pecado*" passava a ser nomeável e até com algum pioneirismo em relação ao resto do mundo. Robert Howes refere que *O Senhor Ganimedes* (1906), de Alfredo Gallis, em conjunto com *O Barão de Lavos* e *O Bom Crioulo* (1895), do brasileiro Adolfo Caminha, "*são das primeiras obras literárias modernas numa língua europeia a tratar abertamente o tema da homossexualidade masculina. É este o tema central das três e, embora não sejam pornográficas, a natureza das relações sexuais em causa é descrito muito claramente. Para além disso, situam-se localmente, em Lisboa e no Rio, e decorrem num período quase contemporâneo. (...) Em contraste com o tratamento encoberto dos romances ingleses da época, os romances portugueses eram bastante mais abertos no retrato que faziam do sexo e da sexualidade, fornecendo assim casos de estudo esclarecedores sobre a circulação deste novo tipo de conhecimento*» [sexual]."

Como romancista, Alfredo Gallis foi um dos autores mais prolíficos da sua época, tendo conquistado grande popularidade com os seus cerca de três dezenas de romances, alguns dos quais com títulos sugestivos da sensualidade que os impregna, nomeadamente *A Amante de Jesus* (1893), *O Marido Virgem* (1900), *Devassidão de Pompeia* (1909) ou *O Abortador* (1909). A partir de 1926, com o Estado Novo e o progressivo retorno da estrita moral cristã, alguns dos seus livros viram-se mesmo proibidos (*Mulheres Perdidas*, *Amor ou Farda: romance contra o militarismo*, *As Mártires da Virgindade e Sáficas*), e Gallis foi sendo deliberadamente "esquecido" e as suas obras deixaram de ser editadas.

Em *O Sr. Ganimedes*, Alfredo Gallis começa por nos alertar logo no prólogo que o seu livro se destina a "avisar as mulheres e castigar os efebos [efeminados] pela sua falta de brio e de sentimentos, fazendo ver aos pais que devem acostumar os seus filhos a serem homens desde pequenos, a fim de que a uma educação errada e maricas se não possa atribuir a causa da adoção miserável de hábitos e costumes indignos do simples brio e respeito natural do homem pelo seu sexo." O tom moralista, no entanto, parece servir apenas para justificar o escandaloso, à época, conteúdo homossexual e um erotismo *soft* que renasceu recentemente com *As 50 Sombras de Grey* e que foi responsável, tal no caso daquele romance contemporâneo, pelo enorme sucesso comercial das obras de Alfredo Gallis. Curiosamente, como observa Howes, "o enredo falha conspicuamente na validação da moral tradicional".

Bibliografia:

- Adelino Pereira da Silva, [*A Inversão Sexual: Estudos Médico-Sociais*](#) (INDEX ebooks, 2014, ISBN: 978-989-8575-37-1 (ebook) e 978-989-8575-38-8 (papel))
- António Ventura, «Rabelais», isto é, *Alfredo Gallis, o pornógrafo* (posfácio a *Aventuras Galantes*, de Rabelais – pseudónimo de Alfredo Gallis, Tinta da China, Lisboa, 2011, págs 167-174, ISBN: 9789896711078)
- Comissão do Livro Negro Sobre o Regime Fascista, *Livros proibidos no regime fascista*. Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, 1981
- Egas Moniz, *A Vida Sexual* (França Amado, Coimbra, 1902)
- Paulo Jorge Fernandes , *Mariano Cirilo de Carvalho: o "poder oculto" do liberalismo progressista (1876-1892)*, (Colecção Parlamento, Leya, 2010)
- Robert Howes, *Cartoon and Literary Images of Homosexuality in Nineteenth Century Portugal* (em *Depicting Desire: Gender, Sexuality, and the Family in Nineteenth Century Europe: Literary and Artistic Perspectives*, de Rachael Langford, Peter Lang, 2005, págs 133-147)
- Robert Howes, *Concerning the Eccentricities of the Marquis of Valada: Politics, Culture and Homosexuality in Fin-de-Siècle Portugal* (na revista *Sexualities* de fevereiro de 2002)

Prólogo

Onde é que começa e onde é que acaba a moral do romance?

Esta pergunta acode-me naturalmente à imaginação quando me lembro de que, à falta de outros argumentos, os *improdutivos* me acusam de as minhas obras serem imorais, citando delas a escabrosidade de algumas passagens e episódios, deixando, porém, em propositado esquecimento o fundo da tese, que elas atacam ou defendem com a arma rija da verdade.

A moral, como a justiça, como a honra, como o pudor, como o brio, como todos os demais sentimentos humanos, está sujeita a convencionalismos e regras variáveis segundo as circunstâncias, o meio e as pessoas sobre as quais ela incide e faz sentir o seu influxo.

Em muitos casos mesmo, onde se lê moralidade, deve ler-se: hipocrisia.

Há no mundo complexos quadros de moral esboçados sobre uma espessa e larga tela de imoralismo, como aquela das mulheres adúlteras por vício e ausência de sentimentos pundonorosos conhecidos como tais, e que são recebidas em todas as casas, ao passo que as portas dessas mesmas casas se fecham à pobre rapariga incauta, que levada pelos impulsos de um amor sentido e verdadeiro, confiou em demasia nas falsas promessas do homem que depois a abandonou com a sua desonra e com a sua vergonha na imensidade hostil da sua crítica social.

É imoral toda a mulher que à chuva, ao frio, ao relento, passa horas à janela nas rijas noites de inverno, chamando os transeuntes para angariar a mísera praca com que paga o seu parco sustento à dona do lupanar que a explora, mas cumprimenta-se respeitosamente em S. Carlos, na Avenida, no Chiado, no *Cambaret dos gourmets*, etc., etc., a elegante e fina *coquette* que em casa da sua modista se prostituiu chiquemente em exhibições de rendas caras e sedas perfumadas a troco de uns brincos de brilhantes ou de um cheque de cem mil réis, com toda a delicadeza introduzido num *sachet* de *bons glacês*.

É imoral todo o livro que abra sem piedade os bordos purulentos destas chagas sociais, castigando os delinquentes, avisando os incautos, prevenindo os ingénuos e irritando os velhacos, mas têm foras de santidade, cheiros litúrgicos de pura moral em ação, aqueles que suavemente, com palavrinhas mansas e períodos românticos oleosos e castos, vão ensinando o adultério por meios tão doces e púdicos, que quando a mulher concede o seu corpo ao amante, esquecendo o que deve ao marido e a si própria, até fica convencida de que praticou a oitava obra de misericórdia — enterrar os vivos — que esqueceu aos fabricantes dos catecismos católicos.

*

O que o romance moral propriamente dito pode produzir nos espíritos fracos e nos temperamentos nervosos, excitáveis, passionais e sensíveis, está de sobejo constatado para que me alongue nessa consideração.

Toda a gente sabe a série de suicídios e de paixões que a publicação do *Werther* causou em toda a

Alemanha.

Era uma obra demasiado moral e apaixonada, romântica e idealista, fora da prática da vida, que levara até à morte voluntária as que julgavam incuráveis os seus sofrimentos morais, verdadeiros ou imaginários, como os romances de grandes paixões idealistas conduzem ao adultério as mulheres que se julgam agravadas nas suas esperanças pelo prosaísmo do matrimónio, ou feridas pelos maridos nos modos de ver a vida conjugal.

Com um castigo tão rude e doloroso como aquele que apliquei à heroína do meu romance, *Os predestinados*, poucas mulheres sentirão desejos de serem adúlteras, muito especialmente se têm filhas.

Com o doce encanto que em geral se observa nos adultérios dos romances moralistas, o não ser-se adúltera é quase sintoma de falta de gosto ou de imbecilidade espiritual.

*

Juvenal disse: *ridendo castigat mores*.

Eu não pretendo castigar os costumes rindo, mas sim apresentando-os em toda a sua nua e crua simplicidade, rasgando de alto a baixo esse véu de hipocrisia em que eles se envolvem; expor bem firmemente aos tartufos que nem todos se resignam a aceitar sem protesto como coisa legal e pura esta atmosfera de crápula e de deboche particular em que todos vivemos.

As coisas são o que são, e ao romance moderno cabe o papel de traduzir a sociedade a que pertence, corrigindo-a e aplicando-lhe sobre as pústulas o cautério doloroso de uma crítica impiedosa.

É possível que os moralistas da última hora se indignassem menos se eu suprimisse nos meus livros umas cenas e detalhes talvez um tanto ou quanto escabrosos, mas essa supressão equivaleria a uma castração, porque são exatamente essas cenas e detalhes o banho químico que revela a chapa onde foram fotografados os indivíduos.

Sem elas, toda a ação, ficaria como que apagada num ténue esfumamento de linhas confusas sobre um fundo sem relevo nem colorido, e os personagens assim apresentados perderiam muito da sua intensidade pictural.

Foi este o processo seguido por Zola em todas as suas obras, cuja maior soma de leitura é aquela que diz respeito à descrição do meio onde os personagens se vão desenvolvendo como uma cultura bacteriológica.

No momento em que o cenário esteja em antagonismo com as individualidades apresentadas, a ação decorre incoerente e dúbia.

É necessário, uma vez por outra, apresentar bem nítido o desenho dos caracteres e dos locais que produziram toda a dissolvência deletéria do nível moral de um indivíduo.

É possível, pois, que os meus livros sejam imorais na sua epiderme superficial, mas se lhe enterrarem bem fundo na derme o escalpelo da observação fria e justa, imparcial e séria, encontrarão a moral em toda a contextura da sua rede nervosa.

Poderão objetar-me que a sugestividade de várias cenas perverte e excita os temperamentos lascivos e

os caracteres fracos.

É possível que assim suceda até ao ponto em que o reverso da medalha começa a manifestar-se.

Desde, porém, que essa manifestação se revele, a antítese resulta logo, e o que a principio surgiu como uma tentação, acaba por se desenhar como uma expiação e um aviso.

O meu livro *Sáficas* foi mais proveitoso e leal conselheiro para os pais ingénuos e de boa-fé, que todas as catilinárias que se escrevem contra o amor vil e torpe da mulher pela mulher.

Assim, também, na presente obra abordo uma tese que mais lhe poderia chamar uma chaga social, o efebismo.

*

Com um impudor que ultrapassa as raias da inconsciência, apontam-se a dedo e citam-se aí por toda essa Lisboa o nome de efegos de profissão, uns que dessa infâmia fazem modo de vida, outros que executam por vício e pleno esquecimento do que devem à dignidade do seu sexo.

Dizem vários autores que se nasce efebo como as mulheres nascem tríbades, em consequência do desenvolvimento exagerado do clitóris.

É possível que se deem ambos estes fenómenos fisiológicos, dos quais existem exemplares curiosos observados por vários médicos, mas em regra o efebo é o produto legítimo de uma educação errada ou descuidada e o hábito adquirido cria uma segunda natureza puramente artificial, com pleno prejuízo da verdadeira, da que é inerente a todas as criaturas.

A sodomia e o masturbismo são dois vícios que uma vez adquiridos tarde ou nunca se perdem.

Ora o homem, como todos os animais da criação, não é naturalmente sodomita nem masturbador.

Se agentes externos lhe não desvirtuarem as suas tendências naturais, a não ser que possua as tais deformações fisiológicas de que tratam alguns médicos e são raras, a sua inclinação genésica é toda para a fêmea.

Está averiguado que entre os marinheiros que persistem muitos dias no mar sem contato com as mulheres é que a sodomia se encontra mais vulgarizada, assim como nas penitenciárias muitos reclusos endoidecem em consequência dos excessos da masturbação.

Nos colégios bem conceituados, tanto particulares como oficiais, a vigilância do internato para obstar ao primeiro destes vícios é rigorosa.

Um pai sensato e conhecedor dos males do mundo, deve evitar por todos os meios ao seu alcance que os filhos tenham uma educação afeminada, essa educação piegas e bandalha que faz com que muitos rapazes de sete e oito anos pareçam meninas, de cabelos compridos, fatos amaricados, modos e atitudes femininas, verdadeiros embriões de futuros efegos quando caiem sob a queixada tremebunda dos grandes tubarões da seita.

Rapazes educam-se como rapazes e raparigas como raparigas.

Nada de inverter os sexos nem os papéis que a cada um naturalmente competem.

Muitos destes meninos-meninas sofrem nos colégios as primeiras investidas dos mais velhos, já

pervertidos pela malária colegial. A pouco e pouco vão-se acostumando e enviciando insensivelmente, convencendo-se que nasceram para dar prazer aos outros, e concluindo por gozarem com esses mesmos prazeres que facultam, se a mão providencial de uma mulher, a criada da casa ou a prima solteirona, roída de desejos cúpidos não os salvar desse abismo onde fatalmente vêm a cair.

Quando eu andava no Liceu Francês, estudando instrução primária, teria os meus doze anos se tanto, existia no colégio um rapazito muito bonito que vendia os seus ligeiros favores por seis penas novas!

As penas eram uma espécie de moeda, com a qual se fazia no colégio grandes transações entre os rapazes, inclusive esta!

O rapaz ganhava centenas de penas novas por mês e tinha verdadeiros apaixonados e um eleito ao qual dispensava por amor as suas amáveis condescendências.

Nunca gastei com ele nem uma pena velha, por que em casa desemperrava a alavanca do prazer com a Maria Delfina, uma rapariga dos seus vinte anos que já tinha tido dois filhos e não cabia por uma porta.

Passaram muitos anos e vim a saber que esse ganimedes de colégio, então já homem feito, era um efebo de marca, requestado e solicitado como se fosse uma bela e interessante mulher!

E como este, quantos e quantos rapazes se encontram em iguais circunstâncias?

Eu vi há anos socarem-se valentemente à porta do salão da Trindade, dois tubarões, ricos e bem colocados, que disputavam a posse de um lindo efebo que apareceu no baile de máscaras vestido de noiva, tão lindo e bem posto que a mais formosa rapariga não o venceria.

Ainda vive esse reversivo, que não faz segredo do seu impudor e sendo já homem para além dos trinta e tantos continua na mesma!

Ora a gente é senhor do que é seu, como ele diz, agora o que não tem é o direito de enganar outros como tem sucedido a muita mulher séria e honesta, que enamorando-se destes pultrastres, casam com eles e acabam por se encontrarem ligadas a uns seres cujo nome as desonra com a fama dos seus vícios, e cujos vícios as insultam nas suas legais e justas exigências de mulheres casadas.

E o mal tem alastrado tanto que todas as prevenções que se façam para por de sobreaviso as incautas, são poucas.

A índole deste livro é pois essa: avisar as mulheres e castigar os efebos pela sua falta de brio e de sentimentos, fazendo ver aos pais que devem acostumar os seus filhos a serem homens desde pequenos, a fim de que a uma educação errada e maricas se não possa atribuir a causa da adoção miserável de hábitos e costumes indignos do simples brio e respeito natural do homem pelo seu sexo.

Será isto uma intenção imoral?

É possível que o seja para os sacerdotes deste culto baixo e porco dos prazeres contranatura.

Para os homens dignos e honestos, que para fraqueza da carne só conhecem o único alvo que a natureza criou, a mulher, certamente que a minha obra merecerá aplauso deles e até o de todas as mulheres que a lerem, pois que a mulher tem sempre pelo efebo uma repugnância e um desprezo positivamente instintivos.

Parte I

I

Soberbo de luz e de limpidez atmosférica aquele magnífico dia de agosto, em cuja atmosfera quente pairavam os perfumes penetrantes dos frutos maduros e dos cravos em flor.

No nosso céu peninsular, de um azul de turquesa, puríssimo, não se divisava nem o mais leve floco de uma nuvem.

O bom sol de Portugal envolvia no seu amplo manto de luz todo o vasto estuário do Tejo, onde à superfície espelhenta e tranquila das águas se balouçavam barcos de vela e de vapor de todas as nacionalidades e dimensões.

Pequeninos vapores de reboque e da fiscalização aduaneira singravam no rio, fazendo ouvir o silvo agudo dos seus apitos de alarme, enquanto pesadas fragatas a custo navegavam com as grandes velas largas brandamente impelidas por uma fraca aragem do nordeste.

Lá muito ao longe, na linha extrema do horizonte, a desenhar-se no vago esboço de uma silhueta esguia, descortinava-se a torre do Bugio, ereta sobre esse enorme rochedo perdido no meio do mar.

Eram oito horas da manhã.

O sol ainda não aquecera bastante as camadas atmosféricas, e uma leve brisa outonal, como que vinda de longínquas paragens, confortava os pulmões enchendo-os de vida e de conforto.

Na cidade ia a animação matinal que caracteriza essa hora ridente do acordar do trabalho quotidiano das populações.

Ainda então não havia carros elétricos, nem a linha férrea de Cascais, nem as obras do porto.

A largura do rio era mais vasta e o panorama mais pitoresco.

A passo de chouto as mulas dos americanos trotavam pelo aterro tirando os pesados carros.

No conjunto, porém, o aspeto da cidade pouco diferia daquele que hoje conserva, à parte a grande mole de prédios em construção que se viam nos chamados bairros novos.

Às sete em ponto já o honrado comerciante Policarpo Martins da Gama Cabral, sua esposa D. Eudóxia e o seu filho único, o pequeno Leonel, nascido após onze anos de um matrimónio estéril, estavam vestidos e prontos para irem para Belém esperar o seu amigo Bernardino Pena Pina, que regressava do Brasil depois de uma ausência de vinte e um anos certos.

Bernardino, protótipo de provinciano trabalhador e ativo que vem a Lisboa procurar vida, era natural de Cabeceiras de Cambra e aos doze anos entrara como marçano para a loja de fazendas brancas que o Policarpo possuía na rua dos Fanqueiros.

Ativo, esperto, honrado e diligente, ali se conservara até aos vinte anos, época em que, sendo já caixeiro havia quatro, se resolveu a partir para o Brasil para tentar fortuna.

O patrão quisera dar-lhe sociedade no estabelecimento, reconhecendo que ele era um excelente empregado, mas o Bernardino, ambicioso e na força da energia da vida, recusara, manifestando o seu desejo de ser rico.

A loja do patrão não poderia nunca satisfazer-lhe esse desejo.

Além de ser restrito o seu negócio, os interesses não davam grande margem, porque o Policarpo, tímido e de vistas curtas, não tendo ânimo nem decisão para desenvolver o estabelecimento, contentara-se em tirar dele o bastante para viver regularmente e manter-se sem credores nem letras a prazo.

Possuía umas inscrições e um pequeno prédio na rua de S. João dos Bem-casados, que eram até à data os únicos bens de que dispunha e com isso se julgava feliz.

Solteiro, gozava a vida a seu modo, e muito metodicamente, em companhia da mãe velha e cardíaca, a quem prometera não casar enquanto ela vivesse.

Forçoso pois foi deixar partir o Bernardino, suggestionado pelas cartas de um colega e amigo que há cinco anos fora para Manaus, onde estava realizando magníficos interesses.

Amigo do patrão, que sempre o tratara muito bem, pois o Policarpo era um excelente homem, bondoso, afável, delicado e serviçal, amigo dos seus empregados, o Bernardino ficara sempre correspondendo-se com ele.

Assim foi, que tanto um como outro iam sucessivamente tendo mútuo conhecimento dos sucessos que lhes iam sucedendo na vida.

O Policarpo ficara mesmo sendo correspondente do seu antigo caixeiro, e era quem lhe recebia o dinheiro que este mandava aos pais velhos, que viviam na terra.

Ao cabo de três anos o Bernardino soube que o seu patrão se casara.

Tendo-lhe falecido a mãe e não estando acostumado a viver só, Policarpo casou com D. Eudóxia, senhora de quase trinta anos de idade, filha de um general reformado, antigo freguês da casa, ainda do tempo do pai do Policarpo, que ele namorava havia uns quatro anos e pico, seduzido pelos lindos olhos e cabelos negros que ela possuía.

Por seu turno a vida do Bernardino ia de vento em popa. Já estava sócio do seu colega, com casa de secos e molhados, e metera-se num negócio de compra de baldios, do qual esperava tirar grandes lucros, porque se projetava a passagem por eles de uma nova linha de caminho-de-ferro.

Dez anos volvidos o Policarpo soube que ele estava subdiretor de um banco e dono de uma grande casa de comissões no Rio de Janeiro, para onde se transferira depois de haver realizado o trespasse da casa de Manaus, que deu a cada sócio um lucro de sessenta contos fortes.

Prestando grandes serviços à colónia portuguesa, o governo português agraciou-o com a comenda de Cristo.

Era pouco mais ou menos a milésima edição de todo o português esperto, ativo e trabalhador, que emigra para o Brasil a procurar fortuna.

E assim foram decorrendo os anos.

Os pais do Bernardino faleceram sem tornarem a ver o filho, que na velhice os amparara bem com as avultadas quantias que lhes mandava do Brasil.

Sempre tencionando vir vê-los, sempre também a multiplicidade dos negócios da sua importante casa

não lhe permitiu essa projetada visita à pátria.

Depois dos pais mortos o Bernardino mandara dizer ao Policarpo que agora só voltaria quando tivesse arranjado o pão da velhice e liquidasse a sua fortuna, se por acaso um dia a chegasse a ter.

Chegou efetivamente esse dia, e muito mais largo e ridente do que ele sempre imaginara.

Com quarenta e três anos de idade e vinte e dois de residência naquele grande país, o Bernardino encontrava-se de posse de uma fortuna realizável avaliada em mais de trezentos contos fortes.

Solteiro, assaltou-o então a nostalgia da pátria, essa doença moral tão vulgar naqueles que durante muitos anos estão ausentes do seu país, doença que no português é mais intensa que em qualquer homem de outra nacionalidade, talvez por este nosso feitio amorável e romântico que faz com que os ecos das nossas serras, o murmúrio dos nossos rios, a florescência dos nossos campos, quiçá até o calor do nosso sol e as urzes das nossas montanhas, nos deixem no coração raízes que não se despegam nunca.

Pôs em ordem os seus negócios com esse método e prudência a que o seu carácter ponderoso e refletido e uma larga vida de trabalho comercial haviam servido de mentor, e procedeu à liquidação.

Não estava velho, mas encontrava-se cansado.

Tinha trabalhado muito desde os doze anos e era já tempo de colher os frutos dessa existência laboriosa e ativa.

Gozara sempre de boa saúde e estava afeito ao clima, mas a sua querida terra portuguesa sorria-lhe como um encanto novo, agora que não precisava de trabalhar mais nem tinha cuidados que o preocupassem.

O Brasil, que percorrera quase todo nas suas viagens comerciais, deixara-o satisfeito.

Dera-se lá muito bem, nele conquistara a sua independência e o seu futuro, mas a sua pátria não era aquela, por muito que a ela se houvesse adaptado durante o largo período de vinte e dois anos de permanência.

Não sendo fácil alijar de si a totalidade absoluta dos seus negócios, liquidou os principais, e resolveu vir à Europa passar uma temporada. Voltaria de novo ao Rio a ultimar a liquidação completa de vários interesses ligados ao Banco de que era diretor e à sua importante casa comercial, na qual dera sociedade ao filho do seu antigo colega e sócio, que morrera deixando uma fortuna considerável, e só então se retiraria definitivamente para Portugal.

Nestes termos escrevera ao seu ex-patrão, amigo e correspondente Policarpo, anunciando-lhe o seu próximo regresso pelo paquete da linha inglesa, o *Thamar*, que devia chegar a Lisboa no dia 14 de agosto.

Eis, pois, o motivo por que a família do Policarpo, então contando já as suas cinquenta e duas primaveras, estava a postos às sete horas da manhã para ir esperar o Bernardino, pois o paquete devia fundear em Belém às nove horas.

— Leva a sombrinha, disse ele à esposa. Faz muito calor, e o sol deste mês é prejudicial.

— Oh mamã, nós vamos no americano? perguntou o Leonel, que contava então oito anos e era um

rapazinho bonito, de grandes olhos e cabelos negros e ondulados, de uma correção de feições encantadoras tão lindas e mimosas que mais parecia uma menina do que um rapaz.

— Vamos sim, menino, respondeu a mãe que o adorava e não via no mundo outro sol nem outra lua.

Ao cabo de onze anos de casada, Deus dera-lhe aquela joia de filho, muito meigo, muito afetuoso, muito bonzinho, que era o encanto da sua alma e o seu maior orgulho.

Os médicos declararam-lhe que esse facto, aliás tantas vezes repetido em cônjuges estéreis durante muitos anos, se devia atribuir à influência dos banhos do mar em Espinho, que ela tomara demoradamente na época que precedera a sua inesperada gravidez.

Não passara bem de saúde durante ela, mas fora muito feliz no parto e a criança nascera um verdadeiro encanto, muito limpo, muito gordinho e muito robusto.

O Policarpo fora sempre muito saudável e a D. Eudóxia, apesar de nutrida, talvez em excesso, também não sofria de doença alguma de mau carácter, afora um bocado de herpetismo, para o qual lhe aconselharam os banhos do mar, fortes e tonificantes.

O nascimento do filho viera, pois, derramar uma intensa claridade de ventura naquele lar, até ali um tanto ou quanto melancólico, apesar de os dois esposos serem muito amigos e viverem na melhor harmonia.

Muito amiga de crianças, a D. Eudóxia levava onze anos a lastimar-se por Deus não lhe conceder um filho.

Chegara mesmo nesse sentido a fazer uma promessa ao Senhor dos Passos da Graça, mas a veneranda imagem não lhe atendeu os desejos, deixando esse encargo às ondas potentes de Espinho, que foram para o caso verdadeiramente milagrosas.

A criança, apesar da sua bela aparência externa, não era robusta, e os pais rodearam-na dos mais extremos e afetuosos cuidados.

Assim foi crescendo e desenvolvendo-se cada vez mais linda e louçã.

Não era estúpido nem rude o pequeno Leonel, possuindo mesmo uma natural sagacidade e finura de inteligência muito viva, embora tivesse para o estudo pronunciada negação.

Os pais não o forçaram, esperando que com a idade lhe viesse o estímulo próprio.

Criado numa atmosfera mole e estiolante, entre mimos e delicadezas como se fora uma menina, o pequenito afeminara-se demasiado, tendo modos, gestos, ademanes e tendências de rapariga.

Aos oito anos ainda usava saias e os cabelos compridos em caracóis que lhe desciam até aos ombros. Era muito meigo e afável, extremamente pacífico e tímido, não tendo essas diabruras próprias dos rapazinhos da sua idade.

No talhe do rosto e dos olhos, no relevo das formas, na cor mate da pele e na pequenez dos pés e das mãos dir-se-ia que a natureza o talhara mais para fêmea do que para varão.

Instintivamente ele mesmo não procurava a companhia das crianças do seu sexo. Preferia sempre brincar com meninas, cujos modos e ademanes imitava perfeitamente.

Por esse motivo a mãe, não o querendo misturar com rapazes grosseiros de colégio, tomara-lhe como professora das primeiras letras uma sua vizinha de dezoito anos, a menina Lígia, órfã de pai e mãe, que vivia em companhia de sua tia Benedita, respeitável matrona de cinquenta e nove primaveras, viúva de um coronel do exército falecido em África.

Amicíssima de crianças, Lígia afeiçoara-se ao seu discípulo com entranhado afeto e ainda o afeminara mais do que ele já estava.

Leonel chegara, pois, aos oito anos de idade sem conhecer o trato de outro homem além de seu pai, que o estremecia.

Esta existência primordial passada entre saias tornara-o cobarde e muito sensível, não gostando senão de senhoras.

Assim é que, nesta linda manhã de agosto, em que ele devia acompanhar os pais a Belém a esperar o Bernardino que regressava do Brasil, o encontramos vestido de *piquet* branco com uma faixa azul celeste na cintura, os negros cabelos em canudos até aos ombros, peúgas de seda aberta, sapatinhos de polimento, um fio de ouro ao pescoço com um medalhão representando a Virgem Imaculada e chapéu também de *piquet* branco com uma pena *gris*.

Tal e qual se fosse uma menina, ninguém ao vê-lo diria que era um rapaz!

Bateram à porta.

— Deve ser a Lígia, exclamou a D. Eudóxia.

A criada foi abrir.

Era efetivamente a Lígia, encantadora e sugestiva, na sua modesta mas elegante *toilette* de verão, de percal claro, um cinto de couro branco a cingir-lhe a estreita cintura, uma romeira de rendas creme e um chapéu de palha enfeitado de veludo preto com uma grande fivela de aço.

Luvras brancas de *peau suède* e sapatos amarelos de entrada curta a estojarem-lhe os pequeninos pés muito benfeitos e arqueados, através de cujas meias pretas arrendadas se lhe via a brancura láctea da pele.

Lígia era uma verdadeira formosura singular, na alvorada florescente dos vinte anos.

Alta, gentilíssima de talhe, os seios opulentos e tércios harmonizavam com a curva pronunciadíssima das nádegas, que quando ela andava tinham tremulações sedutoras.

Era oval o seu juvenil e lindo rosto emoldurado em bastos cabelos negros, frisados, lustrosos, relevado por uns grandes e expressivos olhos verdes que tinham uma expressão sensual e picante, amortecendo por vezes em deliciosos esmorecimentos de sedutora ternura.

A boca vermelha e desdenhosa era um pouco grande, velando duas preciosas fileiras de magníficos dentes brancos pequeninos e iguais como pérolas.

O nariz ostentava uma bela correção clássica, e na face esquerda tinha um sinalzinho castanho que lhe dava especial graça.

Era pois, em resumo, o que se chama uma linda rapariga.

Adoradores não lhe faltavam, mas qual Argus vigilante, a tia Benedita inquiria logo da qualidade e mais atributos desses pretendentes e como todos continham a pelintrice vulgar dos rapazes namoradeiros despedia-os com todo o desprazo dizendo à sobrinha:

— Desculpa, Lígia, mas aquilo não te convinha. Antes ficar solteira do que casar pobre.

A sobrinha também não reagia.

De todos esses pretendentes deslumbrados pela sua formosura ainda não aparecera nenhum que lhe merecesse real simpatia.

Boa rapariga, honesta, dedicada, afetuosa, diligente e trabalhadeira, no fundo da sua alma era ambiciosa.

Reconhecera-se bela, e compreendia que essa beleza era merecedora de receber em prémio esses confortos de luxo e de elegância que via noutras que não valiam um só dos seus lindos pezinhos brancos e rosados, que ela tratava com desvelado esmero, pois neles tinha especial vaidade pelo muito que lhos gabavam.

Com as suas preleções sobre as agruras dos matrimónios sem fortuna, a tia Benedita alentava as ambições da sobrinha, fazendo-lhe ver que poderia, linda como era, encontrar um homem rico que a mantivesse na opulência.

Demais, estava ainda muito nova, vinte anos apenas e naquela idade podia esperar.

Refletida como era, Lígia concordava que estes conselhos da tia eram todos para a sua felicidade e assim se conservava sem namoro à espera que a sorte lhe deparasse um homem de fortuna que lhe pudesse satisfazer essas ambições de luxo e de bem-estar com que sempre sonhara.

II

Quando chegaram a Belém ainda o paquete vinha ao largo demandando o quadro das quarentenas e soltando para o azul da atmosfera os negros rolos de fumo das suas chaminés.

Com prazer souberam que os passageiros teriam livre prática, por os portos de onde vinha, estarem, coisa rara, considerados limpos de febre-amarela.

Fretaram um bote e meteram-se nele com ordem de atracar ao vapor.

Muito medroso como sempre, o Leonel agarrava-se nervosamente ao braço roliço da Lígia, em cujo pulso luzia uma bonita pulseira de prata polida.

O Policarpo estava comovido.

Após vinte anos de ausência ia tornar a ver o seu ex-marçano e caixeiro, que nesse prazo de tempo angariara uma bela fortuna e um nome respeitado e considerado na praça fluminense.

Agora, quase que se arrependia de não ter feito o mesmo.

Os negócios estavam maus, a concorrência era feroz e a muito custo conseguira arranjar um pequeno rendimento de mil e quinhentos réis diários, que era tudo quanto deixaria à mulher e ao filho se morresse naquela ocasião.

Se seu pai não houvesse sido um político tão assanhado e um espírito tão sensível, certamente que ele teria herdado uma grande fortuna; mas o velho Sebastião Martins da Gama Cabral gastara muito dinheiro com a política e ficara por fiador de muitos colegas que quebraram sem lhe pagar.

Morrera comendador de Cristo e cavaleiro da Conceição, vereador e grande influente político da sua freguesia, banalidades estas que reverteram em desproveito da sua casa, porque os políticos, conhecendo-lhe o fraco, o exploraram uberrimamente, a exemplo do que as mesmas aves de arribação fizeram ao José Gregório da Rosa Araújo, que chegou a presidente da Câmara Municipal de Lisboa, mas esvaziou todas as belas peças de ouro que seu pai, o velho Cócó dos pastéis de nata, amontoara em sólidas arcas de carvalho com o labor de mais de meio século a fazer pastéis e a fabricar amêndoas.

O Policarpo não seguira as pisadas do pai. Embirrava com a política e nunca se metera nela.

O pai quisera mandá-lo para Coimbra e fazê-lo doutor, sonhando para ele com uma cadeira em S. Bento, mas o rapaz preferira o comércio e ficara na loja paterna muito tranquilamente a servir os fregueses e a gozar os teatros e as touradas, de que era amador apaixonado, em companhia dos amigos.

O Sebastião levara para a cova o grande desgosto de não ter podido fazer do filho coisa de jeito, como ele dizia, quando tantos outros vindos das berças andavam por aí no galarim da politica a botarem figura enquanto nas terras da sua naturalidade os parentes cavavam batatas para se alimentarem e andavam de tamancos e braços nus.

Agora é que o Policarpo estava arrependido de não ter também ido para o Brasil tentar fortuna como o Bernardino. Preocupava-o muito o futuro da mulher e do filho e encontrava-se velho para poder acompanhar o segundo até lhe dar uma posição social que o deixasse morrer sem cuidados.

Pensando nestas coisas, assim chegou junto do paquete, que acabava de lançar ferro.

Na tolda formigavam centenas de indivíduos de todas as qualidades, idades e sexos.

Com a vista, o Policarpo procurou o Bernardino, mas não o viu.

— Subamos a bordo, disse ele à mulher, ele deve cá estar.

O bote aproximou-se da escada do portaló e todos a subiram, levando a Lígia o Leonel muito seguro, pois a criança estava transida de medo.

Quando entraram no convés, aproximou-se deles um homem robusto, bem trajado, com magníficos brilhantes no peitilho da camisa e nos anéis, que dirigindo-se ao Policarpo lhe disse sorrindo:

— Então já não me conhece, Sr. Martins?

O Policarpo afirmou-se um pouco e estendendo-lhe os braços exclamou:

— Olhem, cá está ele, o Bernardino. Mas como você está mudado, homem!

— Pudera, meu caro amigo. Vinte anos no Brasil não são dois dias.

As senhoras tinham-se aproximado.

— Minha mulher, exclamou o Policarpo, a nossa amiga D. Lígia de Vasconcelos e o meu morgadito.

Muito expansivo, o Bernardino apertou efusivamente as mãos enluvadas que as senhoras lhe estendiam e beijou o Leonel, dizendo:

— Como é bonito! Parece uma menina. Descansem, acrescentou, enquanto eu vou dar ordem para me conduzirem a bagagem para terra. Trago-lhes o papagaio e as bananas da praxe, acrescentou, sorrindo, e outras coisas que depois veremos.

E muito lépido e alegre lá foi pelo navio fora dar as suas ordens, enquanto o Leonel olhava muito espantado para toda aquela cena, completamente nova para ele.

— Você fica em minha casa, disse-lhe o Policarpo, obsequioso.

— Agradeço o seu oferecimento, meu caro amigo, respondeu o Bernardino, mas se me dá licença vou para o hotel. Já vê, homem só, com hábitos e costumes livres, preciso estar liberto de umas certas coisas que seriam incómodas para si e para mim. Não se ofenda com esta minha sinceridade e espero que no seu íntimo me dará razão.

— Como queira, meu caro Bernardino. Concordo com o que me diz, mas creia que o meu oferecimento é feito com a melhor boa vontade deste mundo.

— Não duvido nem por sombras dessa sinceridade, e se o não aceito é por conveniência de nós ambos. Isto não quer dizer que de vez em quando não lhe vá comer as sopas.

— Com certeza, que se assim não fizesse ficava mal consigo.

As bagagens estavam já no bote.

O Bernardino despediu-se do comandante, a quem ofereceu como lembrança uma linda cigarreira de prata cinzelada, e descendo a escada do portaló ofereceu a mão a Lígia para ela embarcar.

A formosa rapariga colheu os vestidos e saltou para o bote, deixando ver descuidadamente ao Bernardino as mais lindas e bem torneadas pernas de mulher que se poderiam desejar.

Já todos embarcados, vogando o bote através do rio, proa a Belém, a D. Eudóxia disse ao Bernardino, que com incrível satisfação contemplava a vastidão do rio e a margem da cidade repleta de casaria:

— E o Sr. Bernardino volta ao Brasil?

— Volto, sim, minha senhora, daqui a três ou quatro meses. Preciso liquidar os meus negócios para então fixar-me definitivamente em Portugal. Conto ir às Caldas tratar-me de um bocado de reumatismo articular que me martiriza bastante; depois vou à minha terra ver umas coisas que lá tenho e me ficaram de meus pais, e só depois de tudo posto em ordem regressarei ao Rio. Conto lá chegar na estação quente, partindo daqui nos fins do outono. É a melhor época de partida, para quem já não está habituado ao inverno português.

— E gosta do Brasil? inquiriu a Lígia.

— Sim, minha senhora. É um belo país, com um largo futuro e umas opulências de natureza bastante raras. Especialmente a vegetação é um assombro de grandeza e de variedade.

— Mas a febre-amarela!

— Eu lhe digo: realmente essa terrível doença existe lá no estado endémico, mas é relativamente possível evitá-la havendo cuidado.

— Não apanhando sol?

— Não, não é bem o sol que prejudica, mas sim as cacimbas, e sobretudo os frutos da terra. Quem tiver muito cuidado com o estômago e muito asseio, quase que pode considerar-se indemne. Só depois de dez anos de aclimação é que eu ousei comer as mangas e os acajus. E ainda assim tive um ameaço febril, que atalhei logo com uma poderosa desinfeção intestinal. Morrem de febre muitos europeus pelo modo de vida que levam e falta absoluta de critério para perceberem que não podem ali seguir o mesmo sistema de vida que usavam nos seus países. Muitos desses, mesmo, morrem de moléstias várias, que os médicos classificam de febre-amarela para evitarem mais maçadas. Como esta é a fonte de morte mais fértil que existe no Brasil para os europeus, ela só, chega e sobra para justificar todos os óbitos.

— E o calor é muito?

— Sim, muitíssimo. Nos últimos anos já não me afrontava tanto, mas ao princípio sofri horrivelmente. Há dias que mal se pode respirar, especialmente no Rio e no Pará.

— Eu talvez não me desse lá mal, acrescentou a Lígia sorrindo e mostrando a linda fieira dos seus preciosos dentes.

— É que V. Ex.^a dá-se mal com o frio?

— Muito, sou muito friorenta. Detesto o inverno: o meu tempo é este.

— Então com certeza que havia de gostar do Brasil, apesar que as noites são quase sempre frescas, mesmo no pino do verão. A temperatura ali sofre uma mudança brusca do dia para a noite.

— Deve ser bom para as pneumonias.

— Não. Essa doença é pouco vulgar no Brasil. Armazena-se de dia calor suficiente em todo o corpo para resistir à frescura da noite.

Tinham chegado à margem.

O Bernardino saltou em terra e ajudou as senhoras a desembarcarem, admirando sorratamente os lindos pezinhos da Lígia, que, muito rosada e alegre, estava verdadeiramente fascinante.

Sobre as malas lá vinham, numa grande gaiola de folha, dois magníficos papagaios bravios e bisonhos, que ainda não sabiam falar e olhavam desconfiadamente para tudo que os rodeava.

Ultimadas as praxes aduaneiras meteram-se todos num trem e o Bernardino mandou bater para o Hotel Francoforte, do qual tinham boas referências no Rio, era ainda então viva a sua proprietária, a D. Joaquina, mulher enérgica e de ação, que sabia como poucos dirigir o seu negócio.

— Convido-os para almoçar comigo, disse o Bernardino.

Todos agradeceram.

No trem, por mais de uma vez os seus olhos se encontraram com os de Lígia, que eram verdadeiramente sedutores e raros no seu tom esmeraldino, de um brilho e duma expressão singulares.

O Bernardino estava bem conservado, apesar da sua cor um tanto macilenta e de no bigode já lhe alvejarem alguns cabelos brancos.

Era, porém, homem robusto, alto, bem conformado, pouco nutrido, musculoso, de expressão viva e insinuante, feições muito corretas e magnífica apresentação. Ao contrário da maioria dos portugueses que persistem no Brasil muitos anos, o *soutac* da pronúncia brasileira quase que nele se não percebia.

Não tinha mesmo esses modos e ademanos especiais do país, conservando o gesto largo e desembaraçado de português legítimo.

Ostentava uma certa dignidade, porte inerente à sua qualidade de comendador, sem no entanto ser ridículo.

Intimamente, Lígia achava-o muito simpático e não se cansava de admirar-lhe os magníficos diamantes da camisa e do anel, que faiscavam em vibrações cintilantes de irisada luz.

Especialmente o do anel era uma verdadeira estrela. Custara-lhe, em S. Paulo, três contos de réis fracos dissera ele tirando o anel do dedo e passando-o a Lígia.

Era de primeira água e pesava seis quilates e cinco oitavas.

Abancaram à mesa e veio o almoço regado com vinhos escolhidos, como ele recomendara.

Estavam todos com apetite.

Sob a influência do Bucelas branco e do *Château Laffite*, Lígia animara-se e estava linda.

Colhendo as frutas ou levando o copo aos lábios, as mangas largas e soltas da sua *blouse* deixavam-lhe a descoberto o seu braço escultural, branco, e aveludado, dessa brancura mate, que é a mais bela que uma mulher pode possuir.

Nem um só dos seus movimentos passara despercebido ao Bernardino, que tinha para ela verdadeiros requintes de delicadeza.

O Leonel, guloso, atascava-se em doces sem proferir palavra e a mãe, babosa, beijava-o muito de momento a momento.

Quando acabaram de almoçar passava das duas horas da tarde.

O Porto e o Jerez animara-os bastante e conversaram muito.

O Bernardino bebia pouco.

Sem perder a linha, contara toda a sua vida de vinte anos e o muito que trabalhara para atingir a meta dos seus sonhos.

O Policarpo descrevera-lhe o estado do comércio em Lisboa e como o negócio estava cada vez mais difícil.

— Se o amigo precisa de algum dinheiro, disse o Bernardino, queira dizer, porque estou às suas ordens. Até vinte contos pode dispor, e sem juro, entenda-se.

O Policarpo agradeceu a oferta, mas observou que não queria meter-se em cavalarias altas. Continuará como até ali. Tencionava reformar a loja, e nada mais.

— Uma limpezazita para que ela brilhe e ficarei por aqui.

O seu character tímido nervoso era avesso a inovações ou rasgos de audácia.

A D. Eudóxia suspirou e olhou para o filho, que estava muito atarefado a comer um biscoito molhado em vinho do Porto.

Vieram charutos.

Os homens serviram-se.

— E o Sr. Bernardino nunca pensou em casar? interrogou Lígia.

— Não minha senhora. Tive sempre trabalho de mais para pensar nos encargos do matrimónio.

— É porque nunca encontrou uma senhora de quem gostasse.

— Talvez; mas o que não se encontra cedo, encontra-se tarde.

E o Bernardino fixou Lígia, que se ruborizou um pouco e baixou os olhos.

O Policarpo e a D. Eudóxia não perceberam o intencionalismo da resposta.

— Domingo, vem jantar connosco, disse o Policarpo.

— Domingo, não pode ser.

— Porquê?

— Porque estão convidados para irmos passar o dia a Sintra, e a sr.^a D. Lígia também.

Agradeceram penhorados.

— Tenham paciência, ajuntou o Bernardino, acendendo o charuto que deixara apagar. Já agora serão os meus companheiros da estúrdia nestas férias de vinte anos que concedi a mim mesmo. Não tenho conhecimentos em Lisboa, nem os quero, e na companhia dos meus amigos terei muito prazer em me distrair um pouco.

Com as lágrimas nos olhos (efeitos do Jerez), o Policarpo agradeceu comovido essa prova de afeto do seu antigo caixeiro.

— Venha hoje tomar café connosco, disse a D. Eudóxia.

— Aceito. Em sendo sete horas lá estarei. Deem-me, porém, a morada para poder lá ir e mandar-lhe o

papagaio.

O Policarpo entregou-lhe um cartão.

O Leonel adormecera com a cabeça encostada aos braços cruzados sobre a mesa.

— Boa idade, observou o Bernardino.

— É um santinho, disse a Lígia recordando-o.

Despediram-se, e do alto do patamar da escada do hotel, o Bernardino ficou admirando a gentileza da Lígia, cujas nádegas opulentas tremelavam em oscilações lascivas ao descer dos degraus.

— Linda rapariga, murmurou ele.

E como estava fatigado, foi-se deitar sobre a cama, onde não tardou a adormecer.

*

Às sete horas foi pontual em casa do Policarpo.

Este, ajudado por Lígia, que era dotada de um bom gosto muito artístico, arranjara a mesa a primor, repleta de doces finos, vinhos escolhidos e flores frescas.

O antigo serviço de prata que o velho Martins deixara, foi chamado a capítulo, assim como as chávenas da China, autênticas, como talvez não existissem outras iguais em todo o país, chávenas do tempo do avô do Policarpo, que contavam mais de um século.

— Por ser a primeira vez, aceito o tom de gala com que este café me é oferecido, exclamou o Bernardino apenas entrou na casa de jantar.

E rapidamente, num relancear de olhos, procurou Lígia.

A formosa menina não tardou a aparecer, muito alegre e sorridente, deixando então ver o esplendor dos seus belos cabelos negros.

Sentando-se, o Bernardino pediu licença para oferecer ao Policarpo e à esposa duas insignificantes lembranças, e tirando da algibeira dois estojos entregou-os aos seus respectivos destinatários.

O do Policarpo continha um magnífico cronómetro de ouro, cadeia e medalha do mesmo metal, tendo esta em rubis e diamantes o monograma da pessoa a quem era oferecido.

O da D. Eudóxia encerrava um par de brincos de brilhantes magníficos, artisticamente engastados em coroa.

Ambos os brindes haviam sido feitos numa das melhores ourivesarias do Rio de Janeiro.

Os brindados agradeceram comovidos.

— Que lindos são! exclamou Lígia dilatando as grandes pupilas negras e luminosas à vista dos brincos que o Bernardino oferecera à D. Eudóxia.

— Põe lá para ver o efeito que fazem, disse-lhe esta.

A Lígia enfiou os brincos nas lindas orelhas cor-de-rosa e mirou-se ao espelho da casa de jantar.

As pedras despediam cintilações de fogo que se harmonizavam lindamente com a formosura da jovem senhora.

Numa espécie de êxtase admirativo, o Bernardino admirava-a em silêncio.

— Fazem um efeito deslumbrante, observou a D. Eudóxia.

Lígia tirou-os e meteu-os no estojo com todo o cuidado, soltando um suspiro.

— Gosta muito de brilhantes a Sr.^a D. Lígia? interrogou o Bernardino.

— Muitíssimo; mas para brincos o que mais gosto são as esmeraldas. É a pedra da minha paixão.

— Também eu. É realmente uma pedra lindíssima quando reúne à pureza da cor a limpidez absoluta.

Quando não tem jardim, como dizem os joalheiros.

A criada apareceu trazendo o café numa bela cafeteira de prata antiga.

Lígia, muito obsequiosa, serviu o Bernardino e ofereceu-lhe bolos.

A conversação generalizou-se, seguindo o Bernardino a contar várias peripécias da sua vida durante o tempo que estivera no Brasil.

Por mais de uma vez os olhos do Bernardino se encontravam com os da jovem, que baixava os seus, pudicamente.

Muito diplomaticamente, a conversação enveredou pelo tema do casamento, de maneira que ele ficou sabendo que Lígia não tinha namoro.

Esta revelação pareceu encher-lhe o espírito de prazer porque dali por diante mostrou-se mais alegre e expansivo e combinou todos os detalhes do passeio que desejava dar a Sintra no próximo domingo.

Almoçariam em Sintra, e findo o almoço partiriam para Mafra a ver o convento. Depois iriam à Ericeira e regressariam ao hotel para jantar.

E demorou-se assim até às nove da noite, muito satisfeito, e contente como se tivesse remoçado dez anos.

Quando ele saiu a D. Eudóxia disse para o marido:

— Ou eu me engano muito ou o Bernardino gosta da Lígia.

— Seria a felicidade dela, respondeu o marido. O Bernardino vale pelo menos trezentos contos.

III

Todas as tardes o Bernardino era certo a tomar café em casa do Martins. Depois saíam os dois aí por volta das oito e meia, iam até à loja, onde permaneciam até cerca das dez e meia, hora habitual de fechar, davam uma volta na Avenida, quase toda em obras, vinham até ao Suíço tomar um refresco e despediam-se, indo o Bernardino para o hotel e o Policarpo para casa. Nesses passeios, o Bernardino falou por várias vezes na Lígia, inquirindo do seu modo de vida, família e comportamento. O Martins deu-lhe as melhores referências. Não só era filha de boa família, como rapariga muito séria e honesta, bem-educada e magnífica dona de casa. Nunca lhe conhecera namoros nem leviandades e já há quatro anos que mantinham relações. Parece impossível, tão formosa como é, observara o Bernardino, não ter namoro! Tem a seu lado a tia Benedita que você há de conhecer, que a educou desde pequena e não admitia namoricos. Aí tinha você um bom casamento, ajuntou o Policarpo com um sorriso. Nova, bela, bem-educada, uma verdadeira magnificência de formas em plena aurora da mocidade, que mais queria você? Olhe que com um pedacinho daqueles merecia bem a pena prender-se nos laços do matrimónio. Depois, a sua fortuna era bastante para a fazer feliz e dar-lhe todas as alegrias e prazeres da vida que as raparigas sempre apreciam.

E baixando a voz, confidenciou coisas particulares...

O Bernardino parou.

— Por aí estou descansado, disse ele, tirando um charuto da algibeira. Gastei-me pouco e graças a Deus não me falta.

— Então não tem que temer.

O Bernardino, pensativo, não respondeu e mudou de assunto.

No entanto, os seus olhares eram cada vez mais expressivos e as suas atenções e amabilidades para Lígia não podiam passar despercebidas, tanto mais que ela era muito inteligente e subtil.

No sábado, véspera da ida a Sintra, a D. Eudóxia apresentara-lhe a tia Benedita, matrona dos seus cinquenta e três bem puxados, viúva, austera, grave, bem-educada, esperta e simpática, que passara uma vida de casada pouco vulgar e cujos segredos desceriam com ela ao túmulo.

O marido fora um sensualista de primeira ordem e com ela manuseara durante vinte e um anos de matrimónio todo o dicionário das mais intensas luxúrias. Nos seus tempos fora uma boa mulher, sem ser formosa.

O marido achara-a sempre muito a seu gosto e dedicara-se-lhe com amor, auferindo as inapreciáveis delícias a que se prestava o temperamento ardentíssimo e voluptuoso da esposa.

«Com esta que é só minha é que eu devo gozar tudo», pensava ele segundo o seu modo de ver, e se bem o pensou, melhor o fez.

Não tinham filhos.

Quando ele morreu, Benedita teve um desgosto colossal e jurou que mais nenhum homem a possuiria.

Assim cumpriu, dedicando-se à educação de Lígia, filha de sua irmã Andresa, que, ao contrário, fora infelicíssima com o casamento.

Um reumático gotoso, persistente e violento, fazia-a sofrer muito e extorquir-lhe todas as ardências da sua carne, que quando casada vibrava rápida em ansiosos desejos concupiscentes.

Engordara muito e tornara-se devota.

A lembrança do marido nunca mais se lhe apagara da alma e a morte dele a mergulhara em profunda tristeza.

Bastante inteligente e sagaz, via as pessoas e o mundo pelo seu verdadeiro prisma.

A sua conversação fluente e cordata agradou extraordinariamente ao Bernardino, que, no labutar de uma ativa vida comercial de vinte e dois anos, aprendera maduramente a apreciar as pessoas de bom pensar.

Demais, ele era naturalmente um homem sério e grave, dotado de raro bom senso, do qual sempre dera sobejas provas.

Por isso todas as teorias e modos de ver da D. Benedita lhe causaram a melhor das impressões.

Compreendeu que estava ali uma mulher séria e austera, cuja influência deveria ter-se exercido salutarmente sobre a educação de Lígia.

Por seu turno, também a D. Benedita simpatizara muito com ele. Achara-o um homem extremamente apreciável sobre o triplo ponto de vista do dinheiro, da idade e do modo de pensar, e enquanto assim reflexionava não lhe passara despercebida a maneira como ele olhava para Lígia.

Essa maneira é sempre especial e característica quando um homem gosta de uma mulher ou uma mulher de um homem. Por mais esforços que reúnam para disfarçarem o que lhes vai na alma, eles resultam vãos à observação perspicaz de qualquer pessoa prática do mundo.

A D. Benedita percebeu, pois, perfeitamente que o Bernardino gostava da sobrinha, e este percebimento encheu-a de júbilo.

Aquele sim, aquele é que era o marido que ela sempre sonhara para Lígia.

Rico, e de idade madura, sem ser velho, era o melhor que se poderia desejar para fazer a felicidade da formosa menina. Oxalá ele estivesse resolvido a prender-se nos doces laços do matrimónio!

*

Estava um verdadeiro encanto aquela manhã de verão, perfumada e luminosa, quando Policarpo, a D. Eudóxia e o filho, o Bernardino e a Lígia, tomaram o primeiro comboio para Sintra.

Tinham convidado a D. Benedita, que não pode aceitar, porque com o calor o reumático ainda a torturava mais do que com o frio do inverno.

Cantava nas ramagens a passarada alegre e descuidosa, e das árvores dos pomares que ladeavam a linha férrea, carregadas de frutos maduros, exalavam-se penetrantes e apetitosos perfumes.

Estava um céu azul, de uma serenidade inconcebível, um azul puro, uniforme, a perder de vista, onde não perpassava o mais ténue farrapo de nuvem.

Nas eiras amontoavam-se os molhos de espigas maduras, em feixes prontos para a descasca.

Pelas encostas dos montes pastavam rebanhos de cabras e carneiros retouçando a pouca erva que encontravam, enquanto alguns fugiam a saltos às pedras que lhes jogavam para os afastar da via-férrea.

E o comboio, silvando, passava rápido, deslocando na retina, em marcha contrária, todo este cenário campesino que alegrava o espírito.

Lígia estava simplesmente encantadora. O ar fresco da madrugada tingira-lhe de vivo carmim as faces mimosas e os lábios sensuais e delicados.

Os seus belos olhos verdes tinham cintilações esmeraldinas e o vento desmanchara-lhe um pouco os cabelos da frente, que esvoaçavam em lindas espirais negras e lustrosas.

Toda vestida de *piquet* branco, com um elegante cinto de veludo negro, as curvas opulentas dos quadris e a elevação venusina dos seios relevavam-se em linhas sedutoras que deslumbravam estonteadamente o Bernardino.

Calçava luvas de camurça e botas amarelas de bico estreito e salto alto, que lhe elegatizavam os pequeninos pés admiravelmente talhados.

Um chapéu de palha, enfeitado de rosas chá, completavam a sua linda e simples *toilette* de campo.

Ao apearem-se em Sintra, o Bernardino, que descera primeiro, tornou a surpreender-lhe a perna magnífica, roliça, musculosa e bem torneada, cuja alvura láctea surgia como um sonho de volúpia através do arrendado das meias pretas.

Era indiscutível a formosura pouco vulgar daquela rapariga em plena alvorada da mocidade.

Meteram-se num trem e mandaram seguir para Mafra, pois era ainda muito cedo para almoçarem.

As senhoras tomaram os lugares de honra, colocando o pequeno Leonel entre elas. O Policarpo sentou-se defronte da esposa e o Bernardino em frente de Lígia.

Mal conservada a estrada, o trem solavancava e a cada um destes solavancos os joelhos do Bernardino tocavam os de Lígia, tão roliços e fofos como se fossem duas almofadas de veludo.

Estes contactos punham-lhe no sangue e nos nervos vibrações elétricas que o desvairavam.

Lígia, muito alegre e risonha, deixando ver as fieiras preciosas da dentadura, ria contente e não reparava nesses contínuos choques dos seus joelhos contra os do Bernardino. Apenas por um movimento de instintivo pudor encolhera um pouco as pernas para não ficar com elas entaladas entre as dele.

Quando chegaram a Mafra eram nove horas e meia. O calor começou a fazer-se sentir. Descansaram um pouco no hotel da vila, escovaram-se do pó e foram almoçar, almoço alegre, expansivo, de verdadeira satisfação entre pessoas amigas.

Aí, os olhares de Lígia e do Bernardino trocaram-se várias vezes com certa eloquência.

Quando terminaram e se ergueram da mesa para irem visitar a basílica, ele ofereceu-lhe o braço, que ela aceitou, ruborizando-se.

Parecem noivos! exclamou a D. Eudóxia, a quem o Colares branco sugerira uma frase inspirada.

A Lígia fez-se muito vermelha e o Bernardino parando, respondeu:

— Nada mais fácil; somos solteiros.

E sentiu no seu braço estremecer o braço de Lígia...

Aquele sol, aquele dia hilariante de verão, aquele espaço amplo e belo, aquela atmosfera quente e carinhosa, e aquele almoço farto e saudável, regado com excelente vinho, animaram-no e, distanciando-se um pouco dos amigos, declarou a Lígia o seu amor.

A jovem esperava essa declaração mais dia menos dia, mas não tão cedo, e muito menos naquele momento.

Ouviu-o em silêncio, e quando ele terminou respondeu-lhe apenas:

— Creio nas suas palavras e saberei corresponder-lhe.

Uma onda de alegria, luminosa, intensa, polícroma, verdadeiramente empolgante, inundou o coração do Bernardino, como se sobre ele tivesse desabado um mundo de ventura.

Pareceu-lhe que o sol brilhava com mais fulgor, que o céu era mais azul, que as aves cantavam melhor e até que a enorme mole do convento a poderia erguer nos braços como se fosse um brinquedo de cartão. Sentiu em si outra vida, outra alma, outro ânimo, outro espírito, e só então se lembrou que tinha uma grande fortuna, mediante a qual podia encher de felicidades aquela linda mulher que trazia ali a seu lado, pelo seu braço, e que era o seu primeiro amor!

Tomou audácia, e até entrarem no templo não se cansou de dirigir a Lígia as mais amorosas e apaixonadas palavras, sem arte talvez, mas com um grande cunho de expressiva sinceridade.

Lígia ouvia-o sorridente e satisfeita. O seu amor-próprio de mulher sentia-se mimado em ser a preferida daquele homem riquíssimo, que tantas desejariam para marido ou para amante.

Não era um rapaz na flor da vida, também não era um velho, e fisicamente possuía uma boa figura e um rosto insinuante e ainda fresco: Era o que positivamente se chama um homem em plena idade viril.

— O que é que têm dito? O que é que têm dito, que se afastaram tanto, tanto da gente? exclamou a D. Eudóxia, a quem o Colares branco tornara atrevida e indiscreta.

— Que com o dinheiro que se gastou na construção desta monstruosidade se tinha feito muita obra útil, respondeu o Bernardino. Não é verdade, D. Lígia?

— É, respondeu a jovem sorrindo com esse sorriso especial das mulheres quando dizem uma mentira inocente.

Esse dia foi até ali o mais feliz da vida do Bernardino. Nem mesmo quando recebeu a comenda de Cristo, que lhe encheu de satisfação o seu orgulho de provinciano de baixa estirpe, se sentira tão venturoso.

A beleza, a mocidade, a elegância e os olhos verdes de Lígia, valiam bem todas as comendas e grã-cruzes deste mundo, que por muito que satisfaçam a vaidade nunca têm a virtude de agitar, como o amor, as fibras do coração num verdadeiro êxtase de inefável felicidade.

Perdida a primeira emoção que lhe causara a surpresa das palavras do Bernardino, Lígia, que era muito atilada e animosa, medira num relance toda a vastidão daquelas palavras e como que por instinto,

em vez de se retrair, tornara-se expansiva e confiante, conversando animadamente com ele através daquelas extensas galerias e corredores do enorme convento.

Não cabendo em si de felicidade, o Bernardino ainda achava pequena para a sua ventura toda aquela brutal e esmagadora grandiosidade de mármore.

Do alto do telhado, onde se liga o zimbório gigantesco e se descortina um panorama soberbo, respirou o ar a plenos pulmões e apertando a mão de Lígia, disse-lhe:

— Se casar comigo, iremos a Roma ver o Vaticano, que ainda é maior do que isto.

Lígia teve a vertigem do sonho constante da sua vida: — viajar — e por isso lhe respondeu:

— O Sr. Bernardino não está a divertir-se com uma pobre rapariga como eu, sem fortuna, sem pais e sem merecimentos, quando tem tanta senhora rica que desejará ser sua esposa?

— Peço-lhe, Lígia, que não faça de mim esse conceito. Amo-a com toda a sinceridade, e hoje mesmo lho provarei. Se me aceita para seu marido, será minha esposa em breve tempo. Na minha idade e na minha posição um namoro seria ridículo e caricato. Tenho de si e de sua tia as melhores referências, e por isso não encontro motivo para entreter tempo. O que tem de ser, seja. Talvez lhe pareça um pouco rápida de mais esta minha resolução, e nesse caso dar-lhe-ei o tempo que quiser para pensar.

— Não tenho que pensar. Acredito nas suas palavras e nos seus delicados sentimentos. Proceda como entender.

— Aceita então casar comigo? inquiriu ele aproximando-se de Lígia.

— Aceito.

O Bernardino lançou um olhar em torno e vendo o Policarpo, a D. Eudóxia e o Leonel embasbacados a admirarem o campanário, levou aos lábios a mão de Lígia e beijou-lha efusivamente.

A jovem ruborizou-se, mas não reagiu.

Esse beijo fora-lhe grato à sua vaidade de mulher, que se via assim tão efusivamente requestada por um homem tão rico, mas deixou-lhe o coração quieto numa grande tranquilidade que a surpreendeu!

«Amá-lo-ei depois», pensou ela alongando a vista até ao horizonte, onde o oceano traçava uma larga fita de espuma ao longo da costa.

Quando às cinco horas da tarde, de regresso a Sintra, se sentaram à mesa em gabinete aparte para estarem mais à vontade, todos repararam na extrema alegria de que o Bernardino estava possuído.

Essa alegria tirara-lhe a vontade de comer.

Ao assado, mandou vir *champagne*, e antes de desrolhar a garrafa disse para o Bernardino:

— Agora que estamos todos reunidos depois de um dia bem passado, tenho um grande favor a pedir ao meu caro amigo e antigo patrão, que eu nunca me esqueço que foi em sua casa que comecei a minha vida, favor que espero me não recusará.

Lígia parou de comer e encarou-o com os seus grandes e expressivos olhos.

— O que o meu caro Bernardino me pedir é uma ordem, respondeu o Policarpo; diga o que deseja?

— Desejo que o meu bom amigo se encarregue de pedir, em meu nome, à senhora D. Benedita, tia da

senhora D. Lígia, a mãe de sua sobrinha, com quem pretendo consorciar-me.

Lígia empalideceu.

— Bravo, bravo, exclamou o Policarpo. Eu sempre esperei isso. Está o meu amigo servido. Amanhã mesmo me encarregarei de satisfazer o seu pedido.

— Que eu muito agradeço, exclamou o Bernardino comovido.

— Dou-te os parabéns, Lígia, observou a D. Eudóxia, limpando as lágrimas que o Colares tinto lhe fizera assomar aos olhos; é o melhor marido que podias desejar.

Lígia beijou-a muito sensibilizada.

O Policarpo desrolhou a garrafa e, enchendo as taças, berrou:

— À saúde dos noivos!

— Então a Lígia já não é a minha noiva?! exclamou o Leonel muito espantado, com uma expressão imbecil a iluminar-lhe o lindo rosto de querubim.

O Bernardino sorriu-se e a D. Eudóxia respondeu:

— A tua noiva vai ser o colégio, que bem precisas dele, filho.

Encheram-se de novo as taças e os brindes choveram, de maneira que veio outra garrafa para os concluir.

O Bernardino estava radiante.

Lígia, muito correta e serena, tinha no cérebro um mundo de fantasias em plena ebulição.

A sua união a um homem que possuía trezentos contos de fortuna e era generoso e franco, causava-lhe vertigens. E pela imaginação passavam-lhe em tropel joias de alto preço, *toilettes* de fino gosto, carruagens, teatros, salas luxuosas, viagens à Itália, à Suíça, a Paris, a Viena, um mundo enfim de prazeres e de bem-estar, como ela sempre ambicionara no seu quarto de donzela pobre, num terceiro andar da rua da Madalena, onde vivia desde os dez anos, em que sua querida mãe falecera e onde fora recolhida pela tia Benedita.

E à volta, dentro do comboio, na penumbra do vagão, com os olhos semicerrados e o Bernardino a seu lado, ainda lhe parecia mentira tudo quanto horas antes acabara de passar-se, e era nem mais nem menos do que a completa e absoluta mudança e transformação de toda a sua existência.

A caminho de casa, pelo braço do Bernardino, este ainda lhe disse:

— O meu amigo Policarpo pode apresentar o meu pedido?

— Certamente, respondeu ela.

— Quanto é boa e quanto lhe devo! disse-lhe ele.

Lígia olhou-o à claridade do lampião da iluminação pública e leu-lhe no rosto franco, simpático e leal, toda a ventura que enchia a alma daquele homem, plenamente enamorado dela e que a requestava com a mais pura e digna honestidade, oferecendo-lhe o título de esposa.

*

Muito satisfeito por poder prestar um serviço ao seu ex-caixeiro e atual amigo respeitável, o

comendador Bernardino Pena Pina, o Policarpo almoçou nesse dia mais tarde para dar tempo a que a D. Benedita estivesse nos casos de o receber, e aí por volta das onze horas subiu ao terceiro andar e bateu.

A criada mandou-o logo entrar e atravessou o corredor lepidamente, dizendo com voz esganiçada:

— Está ali o Sr. Martins que quer falar à senhora.

A D. Benedita acabara de almoçar e lia o Diário de Notícias. Tirou os óculos, pousou o jornal sobre a mesa e, erguendo-se a custo, disse para Lígia, que costurava entre a janela:

— Que quererá o vizinho Policarpo a esta hora?

Bateu surdamente no solo os seus sapatos de tapete, que usava sempre de verão e de inverno, e foi à sala receber o Martins.

Lígia parara de coser e ficara-se pensativa a olhar um ponto vago do espaço.

Ela bem sabia qual era o fim da visita do Policarpo.

Dormira mal e custara-lhe a conciliar o sono, tendo no cérebro um mundo de pensamentos. Ao cabo de um quarto de hora, ouviu a tia vibrar a campainha para chamar a criada e esta aparecer quase em seguida e dizer-lhe:

— Ó menina Lígia, a sua tia diz que chegue lá.

Lígia, um pouco mais nervosa e comovida, levantou-se e foi à sala.

— Mandei-te chamar, disse a D. Benedita com modo grave e solene, para ouvir a tua opinião acerca de um pedido que o nosso vizinho e amigo, o Sr. Policarpo Martins, acaba de fazer-me.

— A tia dirá.

— Digo, digo, o Sr. Martins veio pedir-me a tua mão para o seu amigo Bernardino, que deseja casar contigo. É da tua vontade este casamento?

Lígia baixou os olhos, ruborizou-se e respondeu com firmeza:

— É, sim, senhora.

— Agora está bem, exclamou a D. Benedita esfregando as mãos. Pode dizer ao seu amigo que com todo o gosto lhe concedo a mão de minha sobrinha visto ser do agrado dela. Que eu cá não faço nem desfaço casamentos. Uma vez que ela quer, está concedido, e só me resta aplaudir a escolha que fez e que é própria de uma menina judiciosa e sensata, como minha sobrinha sempre foi. Não digo isto por ela estar presente e ser minha sobrinha, mas porque é a verdade.

— Há de ser muito feliz, ajuntou o Policarpo. O meu amigo Bernardino é um excelente homem, um grande carácter e um belíssimo coração. Aquilo é trigo sem joio. Com bastante pena minha, saiu de minha casa para ir para o Brasil, o que foi a sua felicidade. Demais é ainda um homem moço e possui uma magnífica fortuna. A D. Lígia não podia encontrar melhor marido. Há de ser a mais venturosa das mulheres, creia.

— Deus o oiça, vizinho, Deus o oiça, ajuntou a D. Benedita. Estimo Lígia como se fora minha filha, e vê-la feliz será o descanso mais completo dos poucos dias que me restam de vida.

Muito impressionada, Lígia beijou a tia.

O Policarpo também sentiu assomar-lhe uma lágrima ao canto do olho, pois era em extremo sensível a todas as cenas patéticas e amoráveis.

Conversaram ainda mais um bocado e o Martins levantou-se, indo transmitir ao Bernardino o bom resultado da sua missão.

— Desde já o convido para padrinho do meu casamento, disse-lhe o Bernardino muito alegre e satisfeito.

— Obrigado pela distinção, respondeu o Martins. O que lhe garanto, acrescentou, é que você leva uma das raparigas mais bonitas e de melhores sentimentos que tenho conhecido.

— É realmente muito formosa! disse o Bernardino passando-lhe pela mente a imagem encantadora de Lígia.

IV

Desde aquele dia memorável nos faustos da sua vida, até ali composta apenas de trabalho e de ambições de riqueza sem *nuances* que lhe afetassem o coração, o Bernardino começou a sentir-se empolgado por uma existência verdadeiramente nova.

Lígia enchia-lhe a alma de uma luz radiante e sumptuosa, levemente cendrada pela suavidade do seu olhar, pela doçura das suas palavras, pela correção honestíssima do seu porte.

Pouco a pouco, com essa intimidade que entre eles se ia estabelecendo em cada dia que passava, ele descobria nela novos atrativos e seduções.

Burguês prático e observador, não lhe passava despercebido o espírito de ordem e de arranjo doméstico que presidia a todos os atos da jovem senhora.

Com muita delicadeza e quase acanhamento, pedira-lhe licença para lhe oferecer o enxoval. Era um pequenino brinde de núpcias que desejava oferecer-lhe, e por isso esperava que ela não lhe recusasse esse favor.

Lígia acedeu da melhor boa vontade, pois bem sabia que só à custa de grande sacrifício sua tia lhe poderia fazer um enxoval menos que modesto.

O Bernardino entendeu-se com o Martins e por intermédio de um colega deste, que tinha largo trato com uma casa de Paris, encomendou o enxoval para essa casa, tendo a D. Eudóxia obtido de Lígia todas as medidas.

Os vestidos foram confeccionados num dos mais hábeis *ateliers* de Lisboa, o calçado mandado fazer no Coimbra, os chapéus escolhidos no Paris-em-Lisboa e as joias no Leitão.

O Bernardino gastou para cima de quatro contos, e dos magníficos solitários de peitilho de camisa mandou fazer uns lindos brincos para oferecer à sua futura esposa.

Decorriam os dias e o Bernardino cada vez estava mais enamorado de Lígia.

Todas as tardes, antes de jantar, ia vê-la, e à noite saía com ela, com o Martins e a D. Eudóxia a darem belos passeios de carruagem, ou pela Avenida, onde se sentavam a tomar ar até às onze horas.

Lígia começava a encarar com interesse a sua situação e a estimar aquele homem que ia ser seu marido, que não amava, é certo, mas que lhe agradava muito pelas suas qualidades, maneiras, dedicações e afeto.

Os preparativos do casamento empolgaram-lhe o ânimo juvenil com esse sabor penetrante da novidade.

Quando foi à modista provar os vestidos, magníficos e elegantes, sentiu-se cheia de orgulho e de satisfação. Nunca se vira na posse de sedas tão belas e distintas, rendas caras, aplicações do mais fino gosto, essa sedução enfim das coisas bonitas e ricas que só o dinheiro faculta.

A vaidade inerente ao seu sexo despertou nela e quase que se sentia tonta à vista daqueles doze vestidos lindíssimos, daquelas capas ricas e chapéus modelos, daquelas *matinéés* e blusas de

aprimorado gosto, que deram que fazer a todas as costureiras do *atelier*, que a miravam com luminosos e invejosos olhos.

O dono da casa desfazia-se em atenções e a contramestra chamava-lhe *mademoiselle*.

Começava a sentir a influência da riqueza a emoldurar-lhe a vida numa outra atmosfera muito diferente daquela em que sempre vivera.

O Coimbra estava-lhe manufacturando botas de doze mil réis o par, de pelica finíssima, forradas de seda branca e salto artisticamente peonado.

Os sapatos para o casamento, todos de cetim branco, bordados a aljôfares, eram um verdadeiro primor no género.

E quando o enxoval veio para sua casa em grandes caixas com a etiqueta do fabricante, acondicionado com suprema arte, todo de finíssima cambraia e linho de Holanda, delicioso de rendas e bordados, com o seu monograma a cetim branco, ela passou dias em companhia da tia Benedita e da D. Eudóxia a examinar todos aqueles primores dos quais se evolava um suave aroma de voluptuosidade.

Só meias de seda tinham vindo seis dúzias! O Bernardino não quisera doutras.

O adereço nupcial era uma maravilha de riqueza, de elegância e de bom gosto.

Entretanto, já na paroquial da Madalena tinham corrido os dois primeiros pregões.

Aproximava-se rapidamente o momento supremo em que ela ia ligar o seu destino ao daquele homem que a adorava.

O Bernardino não pusera casa.

Tencionava ir passar a lua-de-mel para o Buçaco, partindo em seguida para uma viagem a Paris, Suíça e Itália, verdadeira viagem de noivos, que eram os sonhos dourados de Lígia.

Só depois dessa viagem e de ter regularizado as coisas no Rio é que voltaria a Lisboa para aqui fixar residência.

Tencionava mandar construir uma casa na Avenida da Liberdade, então ainda em começo, mas cujo local achava muito bonito e central.

A D. Benedita custava-lhe muito a conformar-se com a separação da sobrinha, com quem vivia há tantos anos e criara desde pequena como se fora sua filha.

— Tenho o pressentimento de que a não torno a ver, dissera ela, chorando, à D. Eudóxia.

— Qual! A viagem dura para aí uns seis meses, se tanto.

— Mas o Bernardino diz que vai ao Brasil! acrescentou chorosa.

— E que vá! Hoje vai-se ao Brasil em quinze dias. Não pense nessas coisas, D. Benedita.

A boa senhora abanava a cabeça tristemente e ficava-se a pensar naquela separação que tanto lhe custava.

Finalmente chegou a véspera do dia do casamento; estava-se em fins de setembro. Mais algumas horas e Lígia estaria uma senhora casada.

Dois dias antes, o Bernardino fizera o seu testamento, garantindo Lígia contra qualquer desgraçada

surpresa do acaso, deixando-lhe metade da sua fortuna, caso ele morresse sem filhos.

À noite, depois do chá, em casa da D. Benedita, oferecera-lhe as joias nupciais que entregara à D. Eudóxia.

Além dos brincos de brilhantes, dera-lhe mais um adereço completo de turquesas e brilhantes, cinco anéis preciosos, um colar de pérolas, um relógio com o monograma dela em rubis, um leque de tartaruga e ouro, um *lorgnon* de ouro cravejado de safiras, um jogo de travessas para o cabelo, uma pulseira de rubis e brilhantes de alto preço, e um enfeite para cabelo, de diamantes e pérolas.

Quando, depois de ele sair, Lígia abriu aqueles finos estojos de peluche que encerravam tão preciosos objetos, ficou maravilhada.

Antes de se deitar, a tia Benedita foi ter com ela ao quarto e, sentando-se à beira do leito, disse-lhe:

— Daqui a poucas horas vais ser uma senhora casada e por isso, como ignoras os mistérios do matrimónio, vim ter contigo para te fazer algumas recomendações.

Lígia abriu muito os seus grandes olhos verdes, sem saber onde a tia queria chegar.

A D. Benedita assoou-se e baixando a voz começou a confidenciar-lhe vários mistérios do amor.

Lígia ruborizava-se mas escutava com atenção.

— Percebes?

— Sim, senhora, percebo.

— Nada de resistências escusadas. É teu marido, e na sua idade essas resistências prejudicam às vezes o entusiasmo do homem. Deixa-o proceder como ele quiser.

— Mas sem luz.

— Sem luz ou com ela, como ele desejar.

— Mas tenho vergonha, tia.

— Terás; o mesmo me aconteceu a mim, mas acima de tudo é teu marido e não o deves contrariar.

Depois fez-lhe outra pergunta.

— Ah, exclamou Lígia, isso não tem perigo; ainda faltam mais de quinze dias.

— Está bem, está bem. É sempre uma coisa desagradável para o homem quando ela nos sucede na noite do noivado. Para ele e para nós. Já te arranjei uma caixinha com vaselina bórica para levares contigo.

— Para quê? inquiriu a jovem.

D. Benedita explicou.

Lígia sentiu as orelhas a escaldarem.

Todas aquelas explicações, aliás necessárias às raparigas que vão casar, boliam-lhe com os nervos e feriam o seu pudor de virgem.

D. Benedita, porém, era minuciosa e perita no assunto. Entrou em detalhes, apontou acasos prováveis, fez recomendações atiladas e judiciosas, indicou melhor maneira de se comportar e retirou-se muito consciência de ter exercido uma missão importante, advertindo à sobrinha que às sete horas da manhã, a

criada viria preparar-lhe o banho, para o que já lá estava a tina no quarto.

Às oito viria a cabeleireira penteá-la e a D. Eudóxia vesti-la.

Todas as peças de roupa branca do noivado, as meias de seda, os sapatos, o espartilho, etc., já estavam metodicamente dispostas sobre o pequenino *chaise longue* do quarto da jovem.

*

Lígia não podia conciliar o sono. As explicações da tia Benedita dançavam-lhe macabramente no cérebro, formando quadros esquisitos e imagens confusas que ela não podia definir com precisão e certeza.

Invadiu-a um misto de receio e de curiosidade, esse amálgama fantasioso que se gera sempre no espírito da mulher honesta à beira de desvendar o grande mistério do homem físico, nas suas, para ela desconhecidas, manifestações carnis.

Muitas vezes Lígia, na força da mocidade, saudável e robusta, tinha sonhos extraordinários, amoráveis, voluptuosos, intensos, que lhe determinavam uma sensação deliciosa, da qual, ao acordar, encontrava em si evidente prova.

Mas... nesses sonhos nunca apercebera aquilo de que a tia Benedita lhe falara e cuja descrição fizera com um relevo literário que não deixava dúvidas nem admitia ignorâncias...

Sentira-se nesses sonhos lúbricos beijada por algum rapaz bonito que lhe dera nas vistas e nada mais.

A sua mente escandecida ampliava em demasia as descrições da tia Benedita e quase que chegava a ter medo.

A muito custo adormeceu, passava das duas da madrugada, e só acordou quando a criada, entrando no quarto e abrindo as portas de dentro, fez entrar nele um jorro de claridade, ao passo que dizia com a sua voz esganiçada:

— São sete horas, menina, vou preparar-lhe o banho.

Lígia abriu os olhos, estendeu os formosos braços, passou os dedos pelos opulentos cabelos e sentou-se na cama estremunhada, e linda como uma visão celeste.

Era uma das raras mulheres que se podiam ver ao levantar da cama.

Tinha os olhos brilhantes, as faces rosadas e os lábios vermelhos como cravos.

A mocidade e a saúde espalhavam-se nesse rosto fresco e belo duma grande correção de linhas.

— Está pronto o banho, menina, disse a criada entrando de novo no quarto e vazando na tina um grande panelão cheio de água a ferver.

— Bem, podes retirar-te.

— Quer que a ajude?

— Não. Quando vestir o espartilho te chamarei para me puxares os cordões.

A criada retirou-se, fechou a porta, e Lígia tirando a camisa saltou da cama em plena nudez.

O divino Praxiteles se a visse tê-la-ia invejado para modelo da sua celebrada Vénus!

Seria difícil imaginar um corpo mais belo, mais escultural mais formoso e correto que o de Lígia.

A terciéz venusina do ventre, a correção dos seios deslumbrantes, pouco volumosos, brancos, aveludados, de uma rijeza que pareciam talhados em mármore, feridos no centro por dois mimosos botões de rosa desmaiada, o talhe do colo e da garganta, o torneado dos braços e das pernas, de uma opulência rara na coxa e de uma delicadeza grácil no artelho, onde começava um pé pequenino, branco, cetinoso, de falanges muito bem cuidadas e planta nacarada, as nádegas polpudas, rijas, alvas de neve e o dorso magnífico, bipartido por um rego delicioso que terminava nos dois mais sugestivos e apetitosos hemisférios que a natureza pode generosamente conceder a uma mulher de boa plástica.

Junte-se a isto as florescências capilares mais espessas, aveludadas e sedutoras que é dado fantasiar, e ter-se-á assim o esboço daquele encanto feminino de rara valia, que em poucas horas passaria a ser do comendador Bernardino Pena Pina.

De um salto, alçando a linda perna de deslumbrante alvura, Lígia meteu-se no banho, tendo o cuidado de não molhar os cabelos para se poder pentear.

A água cristalina, da qual se evolava uma ténue atmosfera de vapor, formava como que uma grande lente a ampliar as curvas, os contornos, as superfícies e os encantos daquele corpo divinal.

A temperatura quente do banho deu-lhe ao sangue e aos nervos uma sensação de delícia, porque ela cerrou os olhos, alongou os braços, esticou as pernas e deixou-se estar assim numa quietude adorável durante talvez cinco minutos, em que pelo seu cérebro perpassou um mundo inteiro de sonho e de ilusão.

Era bela, excessivamente bela, como uma odalisca do harém de algum rajá indiano!

Aquele corpo encantador merecia todas as joias de mais alto preço, mas, melhor do que elas, uma chuva de apaixonados beijos que levassem aos mais recônditos encantos que o exornavam as doces e intensas vibrações do amor.

O Bernardino, quando a visse, sofreria um deslumbramento.

Passado aquele instante de moleza e de volúpia, Lígia, revendo vaidosa as suas formas admiráveis, pôs-se de pé dentro da tina, e lançando mão de um finíssimo sabonete Lubin que tinha posto sobre uma cadeira, mergulhou-o na água e esfregou-se com ele, cobrindo de branca e perfumada espuma todas as carnes níveas e mimosas.

Mergulhou de novo até que a água dissolveu essa camada branca que lhe dava as aparências de uma estátua de neve.

Saltou da tina e a um amplo lençol de felpa enxugou-se muito bem, findo o que, passou sobre todo o corpo uma grande borla de arminho cheia de fino pó de arroz.

A tonificação do banho dera-lhe à carne juvenil e fresca um leve tom rosado que a tornava pecadoramente apetitosa.

Sentou-se numa cadeira baixinha forrada de tapete e calçou as meias do noivado, de seda branca, todas arrendadas, que lhe chegavam um palmo acima do joelho, meias preciosas de finíssima malha e primoroso rendilhado, com o seu monograma bordado a ouro a meia altura da perna, o que era o último chique parisiense. Prendeu-as na perna musculosa e roliça com as ligas de cetim brancas com grandes

laços de *moirée* e rendas, tendo no centro uns lindos botões de flor de laranja. Em seguida, calçou os primorosos sapatos nupciais, também de cetim branco, de saltos altos à Luiz XV e entrada curta, bordados na frente a pequeninos aljôfres e missanga branca, pelos quais o Bernardino pagara quinze mil réis, pois eram o que de mais elegante, delicioso e distinto se fabricava no género.

Assim calçada, ergueu-se e reviu com deslumbramento a sua encantadora beleza.

Estava supinamente sugestiva no contraste indescritível do busto nu com as rijas pomas eretas, o ventre escultural e virgíneo, e aquelas seduçõs da arte a revestirem-lhe os pés e as pernas de inigualável sedução. O mais fervoroso asceta, se a visse, teria prevaricado, esquecendo todos os seus votos de castidade!

Satisfeita de si própria, cõscia de que estava irresistível, enfiou a camisa do noivado, esplêndido primor de seda branca repleta de rendas finas, tão leve e subtil que através dela se lhe viam as formas venusinas.

Os lindíssimos seios ficaram-lhe verdadeiramente estojados num mundo de rendas.

Vestiu depois as calças de finíssima e transparente cambraia, todas em folhos de rendas sobrepostas e que mal lhe chegavam aos joelhos, calças afrodisíacas, elegantes, tentadoras, que mais lhe revelavam a beleza das meias e dos sapatinhos.

E só depois de ter apenas nus os braços admiráveis e o colo, pois vestira sobre a camisa o corpete de seda branca com entremeios caros, é que chamou a criada para lhe apertar o espartilho.

— Ai como a menina está linda! exclamou a rapariga mirando-a com crescente admiração.

Lígia sorriu-se.

— Achas? interrogou.

— Ainda a menina me pergunta! Só essas meias e esses sapatos vão dar volta à cabeça do seu noivo.

— Não digas tolices, Ana. Estica esses cordões com jeito, toma cuidado.

Lígia colocou o espartilho primoroso no seu busto gentil e a criada esticou-o com certa perícia. Ficou com uma cintura deliciosa, que mais lhe revelava a opulência das nádegas e a eretividade dos seios.

Pronta, vestiu as duas saias brancas, todas de cambraia e rendas, enfiou um penteador e mandou entrar a cabeleireira, que esperava na sala, assim como a D. Eudóxia, que, quase pronta, lhe vestiria o vestido do noivado.

Hábil na sua arte, a cabeleireira, faladora e pedante, arranjou-lhe um penteado artístico e simples que lhe ia divinamente ao rosto, e sobre o qual colocou a grinalda de flor de laranjeira.

A D. Eudóxia e a tia Benedita davam pareceres e emitiam opiniões acerca do frisamento dos bandós. Os magníficos cabelos da jovem noiva, prestavam-se a tudo com uma docilidade infinita.

Penteada, a D. Eudóxia ajudou-a a vestir a soberba *toilette* nupcial que dois dias estivera em exposição na loja que o mandara vir de Paris e fora a tentação e o sonho de todas as raparigas solteiras que passavam por aquela rua, e a tia Benedita pôs-lhe nas orelhas os soberbos brincos de brilhantes que o Bernardino lhe oferecera como *cadeau de noces*.

— Estás um anjo, filha, exclamou a D. Benedita levando o lenço aos olhos para limpar as lágrimas.

Deus te faça feliz.

— Não podia ter uma afilhada mais linda, rematou a D. Eudóxia.

— Que pena a tia não poder acompanhar-me, disse Lígia.

— Não tens mais pena que eu, mas este maldito reumático quase que nem me deixa pôr de pé. Seria uma nota triste para o teu casamento, esta velha trôpega a arrastar-se pela igreja e a precisar que a ajudassem a subir e a descer do trem. A D. Eudóxia fez o favor de me substituir.

— O que eu muito agradeço, disse Lígia.

— Agora é um instantinho enquanto vou pôr o chapéu e volto a colocar-te o véu, disse a D. Eudóxia. O Policarpo já marchou para ir buscar o noivo.

De pé, junto da janela para não amarrotar o vestido, Lígia mirava a rua banal e estúpida, onde o grito dos vendilhões contrastava na sua rudez com a atmosfera de elegância e de riqueza que começava a envolvê-la.

Achou aquela rua detestável, de um acre e bolorento sabor burguês!

Do seu fato e corpo exalavam-se aromas penetrantes de essências caras; ela, que gastava do Robert, defronte do Gymnasio, pequenas porções de perfumes baratos, a pataco e a três vinténs a grama, tinha agora caixas magníficas cheias de frascos de cristal contendo os mais *exquiss* perfumes que o Bernardino lhe dera.

Como presentes de noivado, a D. Eudóxia oferecera-lhe um bonito anel de rubis e brilhantes, o Policarpo, um serviço de *toilette* de cristal e prata, e o Leonel, um binóculo de madrepérola.

A tia Benedita dera-lhe o seu meio adereço de brilhantes e esmeraldas antigo, o mesmo com que se casara, prova soberana de afeto e dedicação pela sobrinha.

A criada pedira-lhe licença para lhe oferecer um lenço de rendas.

Por expressa determinação, o Bernardino prevenira o Policarpo de que não queria brinde algum, custando imenso que ele consentisse em aceitar um curioso berloque para cadeia de relógio, que pertencera ao bisavô do seu antigo patrão e padrinho de casamento.

*

Às dez horas em ponto, Lígia, depois de proferir o *sim* sacramental com voz firme e clara, estava esposa do Bernardino! Fora este quem empalidecera durante toda a cerimónia, impressionado com a beleza da noiva, e ouvindo de todos os lados dizerem:

— É muito formosa!

Lígia pensava em tudo menos na felicidade de se unir ao homem que a elegera para esposa e de haver conquistado esse supremo ideal de todas as mulheres.

O seu coração estava frio e tranquilo como um floco de neve pendente do galho de uma árvore em gélida e tranquila madrugada de janeiro.

O amor, esse sonho eterno que embala todos os corações e aquece todas as almas, não tomara parte

naquele ato solene da sua existência.

Considerava o Bernardino um homem muito aceitável, muito bondoso, muito simpático, e sobretudo muito rico e... nada mais.

Cumpriria com ele os seus deveres de esposa, como sempre tinha cumprido os de sobrinha para com sua tia Benedita. Dava o seu corpo em troca daquela boa posição social, mas reservava-se o direito de conservar a alma e o coração plenamente alheados dessa troca.

Como nunca tinha amado, o seu espírito, sem recordações nem saudades, mantinha-se em paz perante aquele contrato que lhe assegurava um futuro sem receios e um presente próspero e amplo como sempre ambicionara.

E ao vê-la tão tranquila e sorridente, o Bernardino julgou-se amado e pensou que a felicidade dela era igual àquela que lhe enchia a alma.

De volta da igreja, vieram a casa da tia Benedita cumprimentá-la e juntamente para a noiva mudar de *toilette*.

A boa senhora, muito impressionada, teve um violento ataque de choro abraçando-se à sobrinha.

Faça-a feliz, senhor meu sobrinho, faça-a feliz que ela tudo merece, exclamou com a voz entrecortada pelas lágrimas.

— Creia, minha respeitável tia, respondeu o Bernardino um tanto sensibilizado, que em tudo quanto a felicidade de Lígia depender de mim, ela a terá.

— Oh, obrigada, obrigada, pelas suas palavras. Creio nelas, porque sei que o senhor é um verdadeiro homem de bem.

— Nada de tristezas, exclamou o Policarpo. Hoje é dia de alegria e nada de choros.

— Diz bem, padrinho, observou Lígia, tirando o véu e a grinalda de flor de laranja.

Depois recolheu-se pela última vez ao seu quarto de solteira, onde a D. Eudóxia, a ajudou a mudar de fato, vestindo uma elegante *toilette* de seda cor-de-cinza, com que tencionava partir para Sintra no comboio da tarde para passar os primeiros oito dias da lua-de-mel.

As malas arrumadas e providas de tudo para aquela primeira *étape* da sua vida de casada, já estavam fechadas e arrumadas com esse espírito de arranjo e providência que caracterizava Lígia.

A D. Benedita não se esqueceu de meter numa delas a providencial caixinha de vaselina bórica.

O almoço serviu-se em casa do Martins, opíparo e delicado como o Bernardino mandara vir do Ferrari, assistindo apenas as pessoas nossas conhecidas e dois sujeitos, hóspedes do mesmo hotel onde ele residia e com os quais tinha travado relações mais íntimas, pois eram seus conhecidos do Pará.

O Bernardino estava pletórico de felicidade.

Lia-se-lhe nos olhos, que não se fartavam de contemplar a beleza da esposa, essa ventura sem igual que nos dá a posse da mulher amada.

Lígia, recebendo parabéns e elogios de todos, como que existia nas regiões de um sonho estranho!

Estava bela, supinamente bela.

Para não tirar o espartilho, a criada substituíra-lhe as meias de seda do noivado e os sapatinhos brancos por outras cor-de-lilás e umas botinas altas de pelica bronzeada, que lhe assentavam no pé como uma luva e relevavam o belo torneado da perna sedutora.

A espaços, o Bernardino fixava esses pés adoráveis, capazes de darem volta à cabeça de um santo.

Ele comeu pouco. A alegria de que estava possuído tirara-lhe o apetite.

Lígia, pelo contrário, almoçou esplendidamente, mostrando-se sempre animada e expansiva.

Os fulgores que os seus belos brincos de brilhantes despediam cada vez que movia a cabeça, e que ela muito bem via no espelho, enchiam-na de plena satisfação.

Com prazer, contemplou também os dedos recamados de magníficos anéis preciosos e as narinas dilataram-se-lhe naquele ambiente novo, onde perpassavam odores de riqueza e de luxo.

O Bernardino acabara por convencer a D. Benedita a aceitar uma pensão de vinte mil réis mensais para ter outra criada que tratasse dela, visto o seu mau estado de saúde e falta de forças.

Às quatro da tarde, partiram os noivos no comboio para Sintra, onde já tinham no melhor hotel, dois quartos e uma sala preparados.

Fazia calor.

Antes do jantar foram dar um passeio de trem até Colares. Apearam-se e deram um pequenino passeio na várzea, em cujas águas paradas se refletiam os raios avermelhados do sol declinante. No alto de um eucalipto robusto, uma cigarra cantava.

Lígia estava alegre e satisfeita e de vez em quando sorria-se para o esposo, dizendo-lhe:

— Isto é lindo, é encantador!

E ele, com os olhos fitos nos dela, mergulhava a alma naquele oceano de ventura que lhe dava a posse de uma mulher tão linda e sedutora, a quem poucas horas antes ligara indissolúvelmente o seu destino, a sua sorte, a sua vida.

Queria dizer-lhe muitas coisas, expandir em catadupas de frases amoráveis toda a rejubilante felicidade de que estava possuído, mas essa felicidade era tanta, tanta, que as palavras confundiam-se-lhe no cérebro num bloco espesso e monstruoso. E tão distraído estava que foi necessário o barqueiro gritar-lhe: «Oh patrão, agache a cabeça», para não dar uma forte pancada de encontro às traves que sustentam a pontezinha de troncos rústicos que existe a meio caminho da várzea.

Naquele estreito canal, onde as silvas se emaranhavam nos troncos nodosos de árvores seculares, havia sombras apetitosas a que o declinar da tarde dava um vago sabor de mistério. E a essa claridade difusa, espécie de pulverização de prata suspensa na atmosfera, a beleza ideal de Lígia emergia desse fundo bucólico de folhagem, como as aparições fantásticas das fadas formosíssimas dos contos árabes.

Junto dela, furtivamente, o marido apertou-lhe a pequenina mão alva e macia como um lírio.

Lígia sorriu-lhe e correspondeu automaticamente a essa pressão que não lhe excitou um músculo, que não lhe produziu um frémito!

Os seus olhos verdes expressivos e voluptuosos fixaram-se firme e persistentemente nos do marido,

lendo neles toda a sinceridade do enorme afeto e sentido amor que ele lhe votava e de que dera a mais completa e exuberante prova.

Encheu-se-lhe o coração bondoso e terno de uma grande piedade, e no mais íntimo da alma jurou a si própria que procuraria fazê-lo feliz, tanto quanto estivesse ao alcance dos seus recursos.

E instintivamente encostou-se-lhe ao braço com uma grande confiança e tranquilidade, muito consciente da sua posição de esposa.

Ele passou-lhe o braço em torno da cintura flexível e delicada e puxou-a levemente para si.

Lígia segredou-lhe:

— O barqueiro observa-nos.

E disse-lhe isto sem a mais leve contrariedade do seu espírito, até irritada por se sentir tão insensível às aspirações amorosas daquele homem que era seu marido, que não amava, e ao qual se ligara no exclusivo ideal de satisfazer as suas ambições de rapariga pobre e formosa, ardendo em desejos de estadear esse luxo que via noutras que não valiam um só dos seus lindos pezinhos.

Pensava se seria possível algum dia vir a amá-lo à custa do tempo, do convívio e da intimidade, como se o amor, esse misterioso sentimento da alma humana, fosse uma coisa que se adquirisse por método, quando em verdade é uma estrela que se acende num fugitivo momento da existência.

Desembarcaram e, metendo-se no trem, regressaram a Sintra, jantando na pequenina sala dos seus aposentos reservados.

O Bernardino rejuvenescia de felicidade.

Servia-a com extremo cuidado e de vez em quando beijava-a no pescoço alvo de neve, e no rosto, onde o ar oxigenado do campo pusera o tom delicado das rosas.

Lígia jantou regularmente.

Sem comoções nem excitamentos nervosos, o coração tranquilo cedia lugar ao estômago para este exercer a sua ação natural tantas vezes prejudicada pelo outro.

Aquele primeiro jantar com a sua linda esposa, em calmo e remansoso *tête-à-tête*, teve para o Bernardino encantos indefiníveis e para Lígia o travo agri-doce da novidade.

Achou mesmo tudo aquilo muito engraçado e agradável, e quando ao café ele a abraçou com apaixonada ternura comprimindo-lhe os seios virginais, rígidos e lerdos, ela experimentou uma vaga comoção indefinível, o rebate da sua carne juvenil tocada pelo macho.

— Queres dar uma volta para ajudarmos a digestão? interrogou ele.

— Com todo o gosto. Deve mesmo fazer-nos bem. A noite está tão serena. Aonde vamos?

— Até à Vila Estefânia. É perto.

— Mesmo que fosse longe não me importaria. Eu gosto de andar.

— Ainda bem, porque também eu tenho esse gosto.

Lígia teve uma inspiração.

Serenamente, como se fosse praticar uma obra piedosa, lançou os braços em torno do pescoço do

marido e ofereceu-lhe os lábios vermelhos e húmidos, onde ele lhe depositou uma onda de beijos quentes e apaixonados.

Por um momento, aquela carícia excitante estonteou-a um pouco; mas como o maldito coração continuava a funcionar com o isocronismo de um pêndulo, pronto se acalmou e, pondo nos ombros uma leve capa de rendas e dando o braço ao esposo, saíram do hotel seguidos pelo olhar curioso e pelo sorriso minaz de uma criada da casa.

Estava uma noite soberba, noite de verão pleno, de uma quietude e serenidade encantadora.

Não corria a mais leve aragem, e por entre o negro profundo do arvoredado espesso, os pirilampos acendiam em tremulações luminosas as suas fulgurações esverdeadas.

Do Duche para lá, a escuridão da estrada era completa.

Vagos rumores de água jorrando chegavam até aos ouvidos de Lígia, a quem a poesia do local pusera no coração uma doçura infinita.

Muito arrimado a ela, o marido, silencioso e avaro da sua ventura, fumava com delícia o seu invejável charuto baiano, aromático e bem fabricado, do qual se evolavam azuladas espirais de fumo que se perdiam no espaço.

Foram assim até à estação do caminho-de-ferro, onde entraram, descansando um bocado.

No céu estrelado e sereno corriam céleres, leves flocos de nuvens de formas caprichosas e fantásticas.

Começava a esfriar:

— Tens frio? inquiriu o Bernardino, solícito.

— Frio, positivamente, não, mas está a noite húmida.

— Então recolhamo-nos ao hotel, não te parece?

Lígia hesitou um pouco, mas, aconchegando a capa, respondeu:

— É melhor.

Deram o braço e voltaram pelo mesmo caminho.

Enigmática e sagaz a criada disse-lhe:

— Se V. Ex.^a precisar de alguma coisa fará favor de chamar.

— Sim, respondeu Lígia secamente.

Aproximava-se o momento supremo.

O Bernardino acendeu a palmatória que estava sobre mesinha de cabeceira, e exclamou:

— Esperarei ali na sala que tu te deites.

Lígia tornou-se muito vermelha e fez-lhe com a cabeça um sinal de assentimento.

Ele então abriu a janela da sala, de onde se avistava um trecho do Castelo dos Mouros e ficou a tomar o ar fresco da noite e a saborear o seu belo charuto baiano.

A denticuladura interessante das muralhas do castelo, fábrica artística desse homem de gosto que se chamou El-Rei D. Fernando, recortava-se no fundo negro do espaço ao clarão do luar que vinha rompendo.

E para baixo, toda a serra pendia como um enorme pano negro formado pela copa frondosa do cerrado arvoredo.

Corria agora uma aragem muito subtil e leve que purificava os pulmões.

O Bernardino esteve assim uma boa meia hora, durante a qual o seu charuto se gastou e pelo cérebro passou-lhe, como numa revista animatográfica, todos os quadros do seu passado, desde a sua vinda para Lisboa, para a loja do Policarpo Martins, até à primeira vez em que vira Lígia, sua esposa.

A cerimónia do casamento, como datava de poucas horas, baralhava-se lhe no cérebro nessa confusão em que se envolvem sempre as cenas mais recentes da nossa vida.

Por muito tranquilo que diligenciasse estar, a ideia de que em breve iria tomar posse absoluta daquela linda mulher no alvorecer da juventude, impressionava-o nervosamente.

E tentava afastar de si essa ideia com receio de que uma superstição moral o inutilizasse para o cumprimento do seu dever marital.

Apesar dos seus quarenta e pico, o Bernardino era um homem robusto e saudável. Poupara-se muito no capítulo mulheres, na ânsia fixa de dar ao trabalho todas as suas forças e cuidados, a fim de conquistar essa fortuna que excedera em muito as suas primitivas ambições.

Finalmente decidiu-se.

Fechou a janela e, entreabrindo a porta do quarto, exclamou:

— Posso entrar?

— Podes, respondeu Lígia.

O Bernardino viu-a então no leito com a formosa cabeça estojada no amplo almofadão de rendas, os braços cruzados sobre o peito e as formas venusinas do busto a revelarem-se vagamente sob as roupas.

Com uma rapidez de relâmpago, o Bernardino começou a despír-se, e quando ficou em trajos menores apagou a luz!

Era um envergonhado e um tímido.

Não só teve vergonha de que sua mulher o visse descomposto, mas também não lhe quis violar à claridade os encantos que se ocultavam sob essa linda camisa de dormir tão luxuriosamente recamada de rendas finas.

Lígia sentiu-lhe o contacto da carne cabeluda e rija de encontro à sua, macia e cetúnea que era um primor.

Ele enlaçou-a com os braços musculosos e, aconchegando-a, disse-lhe:

— Tem paciência, Lígia. Isto tem que ser.

Ao soar da última badalada da meia-noite, vibrada com um som cavo no sino da torre da cadeia, vibração que se perdeu ao longe de encontro ao arvoredo da montanha, Lígia soltou um grito abafado.

Consummatus est.

*

Oito dias depois regressavam a Lisboa.

Foram logo visitar a D. Benedita, que entristecera muito com a separação da sobrinha.

Lígia estava um encanto. Rosada, gentil, bela, uma verdadeira flor da mocidade, a quem nem mesmo o primeiro oitavário da lua-de-mel esmaecera a incomparável frescura do seu rosto formosíssimo.

O Bernardino também estava bem. Talvez com as olheiras mais fundas e arroxeadas, mas de resto muito bem-disposto e satisfeito.

Quando achou a ocasião propícia, a D. Benedita chamou a sobrinha ao quarto, e ali, cerrando os olhos piscos e a meia-voz, fez-lhe perguntas minuciosas e indiscretas que o estado de casada de Lígia e o dela de viúva plenamente autorizavam.

Lígia respondeu-lhe com a maior sinceridade e franqueza.

D. Benedita, frisando os lábios num ricto de despeito, murmurou como que falando consigo:

— Banal, muito banal e prosaico tudo isso.

— Porquê, tia?

— Por nada, sobrinha. Falo com os meus botões...

E arrastando-se até à casa de jantar rememorava a arte, a finura, a elegância, o gosto e a capitosidade excitante e amorosa como o seu defunto marido lhe houvera colhido a virgindade, contava então ela vinte e uma primaveras.

*

Partiram para o Luso em viagem de núpcias e dali para as Pedras Salgadas, onde o Bernardino fez uma curta estação de águas. Percorreram em seguida todo o Minho, esse ridente e encantado jardim de Portugal, duma beleza inigualável e que Lígia admirou com sentimento e satisfação.

O Bernardino não a levou à sua aldeia. Tinha lá parentes muito pobres, verdadeiros labregos rudes e toscos que não desejava que a esposa, fina e bem-educada, os visse e soubesse que eram seus parentes.

Regulou, pois, os seus negócios por intermédio de um procurador e ao cabo de um mês voltou a Lisboa, tencionando partir para França, Alemanha e Itália, viagem larga e instrutiva, que fora sempre o seu desejo constante que contava realizar em companhia de qualquer amigo e o acaso determinara que a fizesse ao lado de uma linda rapariga, adorável de carácter e de qualidades, que era sua mulher legítima.

Na *gare* extensa e luminosa, onde os comboios se alinhavam e o *Sud express* os devia conduzir ao centro da Europa civilizada, o pequeno Leonel, agarrado à D. Eudóxia, que em companhia do marido e da D. Benedita viera despedir-se dos noivos, disse, volvendo para Lígia os seus belos e aveludados olhos negros:

— Então já não és a minha noiva?!

— Sou, sim, Leonel, sou sempre a tua noiva.

E Lígia beijou-o enquanto o marido, um pouco afastado, conversava com o Martins.

Vibrou o segundo sinal da partida.

Muito elegante e apetitosa no seu traje de viagem, Lígia subiu lesta para o *wagon* que a devia conduzir a essa excursão opulenta e deliciosa que fora sempre um dos ideais das suas ambições.

Boa viagem, berrou o Policarpo com a voz comovida.

— Adeus, Lígia, soluçou a D. Benedita chorando.

Ela sorria impressionada e saudava os seus bons amigos e a tia que tanto a estimava.

Até à entrada do túnel, viram-na acenar-lhes com o seu belo lenço de renda, dizendo-lhes adeus.

Depois o comboio sumiu-se na negrura profunda daquele buraco enorme, cada qual debandou para o seu lado e um novo comboio envolto em fumo e em pó entrou pesadamente na *gare* silvando com irritante estridência.

— Quando é que ela volta, mamã? perguntou o pequeno Leonel.

— Não sei, filho, respondeu a D. Eudóxia.

Parte II

V

Na sua pequena casa de jantar da rua da Madalena, a D. Eudóxia, vestida de negro e com a cabeça quase toda branca, almoçava tranquilamente em companhia do filho, o Leonel.

Que diferença entre o Leonel de hoje e aquele Leonel pequeno que, no dia da partida de Lígia para Paris, lhe perguntara na *gare* se ela já não era a sua noiva!

Estava agora um belo rapaz de vinte anos, forte, robusto, apolíneo, verdadeiramente encantador, com o seu pequeno buço preto aveludado e fino, os fartos cabelos anelados, os grandes olhos profundos e caridosos, lânguidos e ternos, que muitas mulheres invejavam, e as formas delicadas, opulentas, roliças, magníficas, salientando-se como apanágio de beleza, os pés e as mãos de admirável talhe e pequenez.

Havia apenas dois anos que o Policarpo morrera de um cirro de estômago, doença terrível, dolorosa, martirizante, de que a medicina o não pôde libertar.

Apenas com o exame de instrução primária, que a mais não chegara a sua curta inteligência, o Leonel empregara-se num escritório de comissões pertencente a um amigo de seu pai, onde ganhava vinte mil réis por mês.

Era fiel, delicado e obediente, embora um pouco mandrião.

Os patrões gostavam dele, confessando aliás que tinha pouco jeito para o comércio.

Bom filho, estremecia os pais e nunca lhes dera o mínimo desgosto. A mãe então não via outro sol nem outra lua.

O ordenado que ganhava era todo para a sua algibeira, mas as despesas que fazia ultrapassavam em mais do quádruplo a importância desse vencimento.

Passava por ser um dos rapazes mais chiques de Lisboa. Sempre na moda, vestia com impecável correção e extrema elegância. As suas roupas brancas eram de finíssima seda no verão e de magnífica flanela no inverno. Possuía uma valiosa coleção de anéis e alfinetes de gravata preciosos.

Só a corrente e a medalha do relógio custara-lhe duzentos e sessenta mil réis, com o seu monograma em esmeraldas e brilhantes.

Tinha um anel que valia trezentos mil réis, e era raro o mês em que não aparecia com uma joia nova.

Andava de bicicleta e possuía assinatura em S. Carlos, onde comparecia no rigor da etiqueta.

Estava bem relacionado, e mantinha um porte grave, sério, distinto e insinuante.

A mãe achava-o adorável e o pai, torturado pela doença e não tendo a menor razão de queixa, não inquiria de onde vinha ao filho aquela luxuosa grandeza que estadeava como um príncipe.

De resto, nunca se lhe conhecera um namoro, e quando os amigos o convidavam para depois do teatro e da ceia irem acabar a noite nos templos profanos de Citera, recusava sempre, aduzindo que era tarde e não queria fazer esperar sua mãe, velha e doente.

Esta razão contentava a todos e não deixava margem para insistências.

Na rua, nos teatros e nos passeios, as mulheres faziam-lhe a corte, seduzidas por aquele rosto belo,

juvenil e atraente, aliado a uma figura distinta, elegante e sugestiva. Ele, porém, distraído, não lhes dava atenção e mantinha-se na sua rara e estranha invulnerabilidade.

Era de um asseio extremo e de uns cuidados com o seu corpo que a mais asseada e *coquette* mulher, não os teria melhores. Tomava banho todos os dias, de verão e de inverno, e polvilhava-se com pó de arroz como uma *coquette*, sensual e lúbrica.

Imberbe, a barba parecia não querer romper, tendo apenas esse leve e acetinado buço, mais fraco que o da Clementina Medeiros, notável no Avenida e no D. Amélia pelo seu buço negro de uma opulência rara.

Quando o pai morreu, a D. Eudóxia trespassou a loja por seis contos de réis, que empregou em inscrições, e fez leilão das fazendas, pagando todas as contas aos fornecedores. Apurados, os seus haveres davam-lhe um rendimento de mil e oitocentos réis diários, que chegavam bem para ambos manterem uma situação tranquila, embora modesta. Se não fosse a sua doença, com a qual gastou rios de dinheiro, o Policarpo teria deixado mais alguma coisa, mas aquele maldito cirro levava-o para a cova pesado a oiro. D. Eudóxia, porém, era muito económica e bem governada, e nem mesmo chegava a gastar todo o rendimento.

Demais, o filho não lhe esbanjava nem um ceitil, antes estava sempre a mandar coisas para casa, em notável abundância, frutas, vinho magnífico, legumes, queijos, manteiga, etc.

A mãe idolatrava-o.

Leonel era o modelo dos filhos e o exemplo dos rapazes de agora...

Também todos os seus desvelos, todos os seus carinhos e atenções eram para ele.

Era ela quem lhe preparava o banho todas as manhãs, que o despertava suave e ternamente, com essa delicadeza afetuosa que só as mães possuem, quem lhe arranjava a roupa preciosa e fina, e quem vigiava o almoço para estar ao gosto dele.

Leonel tinha um quarto muito lindo, elegante, chique, quase rico, com magnífica mobília de pau-santo, uma rica colcha de seda no leito, esplêndida coleção de perfumarias, alguns quadros de valor e *bibelots* do mais fino gosto sobre mesinhas e *étagers*. Parecia mais um quarto de uma mulher fina do que o de um rapaz de vinte anos.

E a D. Eudóxia conservava-o numa ordem e num asseio impecáveis.

Doente, ia todos os dias passar um bocado com a D. Benedita, que vivia ainda, mas entrecera de todo.

Na sua ampla cadeira de rodas, a ilustre senhora passava a vida a ler e a conversar com algumas pessoas amigas que a visitavam. A sua única preocupação era se morreria sem tornar a ver a sobrinha.

Havia doze anos que Lígia partira de Portugal com o marido, e nesse espaço de tempo nunca deixara de escrever duas vezes no mês regularmente, nem de lhe entregarem a sua pensão.

As coisas, porém, tinham tomado um caminho bem diferente daquele que o Bernardino imaginara.

A revolta política que originara a queda do império e o estabelecimento da república, lançara o Brasil

numa luta civil que afetou todos os interesses e provocou um forte desequilíbrio comercial.

Na sua casa do Pará, os negócios levaram uma volta importante, que o obrigaram a um desfalque de perto de cinquenta contos fortes.

Era mister reparar estes rombos da fortuna, e como Lígia se dava bem no clima foi adiando a sua vinda à Europa de ano para ano, atarefado sempre com a multiplicidade dos negócios que lhe floresciam desde que a ordem e a paz reentraram no país, de maneira que assim se passaram onze anos, até que uma congestão cerebral o prostrou uma tarde, depois de jantar, quando bebera um grande copo de água gelada.

Lígia ficou viúva com trinta e dois anos de idade e senhora de uma fortuna de quatrocentos contos.

O marido deixara-a sua herdeira universal, afora dez contos para se construir uma escola para os dois sexos, na sua aldeia, e outros dez ao seu amigo Policarpo Martins, e na falta deste a sua esposa D. Eudóxia.

Lígia nomeou logo um procurador sério e honesto para proceder à liquidação da sua fortuna, exceto as propriedades que possuía no Rio e davam bom rendimento. Estava ansiosa por voltar a Portugal.

Nunca gostara do Brasil, embora gozasse sempre perfeita saúde. A nostalgia da pátria assaltou-a com intensidade, e apenas o cadáver do marido desceu à cova escreveu logo à tia Benedita e à D. Eudóxia participando-lhe a infausta notícia.

Aqueles onze anos viveu-os Lígia como que mergulhada num sonho.

Afetuosos, dedicados, carinhosos e bons, o marido fora para ela o melhor dos amigos e o mais apreciável dos homens. Estimava-o como se fora seu pai ou seu irmão e sentiu-lhe a morte com verdadeira mágoa.

No entanto, o seu coração de mulher, na parte misteriosa do mais belo dos seus sentimentos — o amor — nunca dera o menor rebate!

Foi, todavia, a mais dedicada das esposas e a mais honesta das mulheres. Nem por pensamento lhe passou uma só vez a ideia de trair o homem a quem ligara a sua existência.

Da vida de casada conservava a recordação dessa linda viagem a França, à Suíça e à Itália, que durante quatro meses lhe absorveu todo o seu espírito culto e finíssimo.

Paris deslumbrara-a, mas Milão e Roma tinham-lhe deixado na memória uma impressão vibrante, sobretudo a majestade imponente da catedral de S. Pedro e a vida elegante do Corso, mais singular e interessante do que a do Bois-de-Boulogne.

O Bernardino prometera-lhe, no regresso a Portugal, visitarem a Áustria, a Alemanha, a Bélgica e Londres, mas infelizmente, coitado, não pudera cumprir essa promessa.

A Suíça com os seus lagos espelhentos e verdes, as suas montanhas cobertas de neve, a sua animação de *touristes*, o Jungfrau e o Pilatos, os hotéis alcandorados nas encostas dessas penedias ciclópicas, a beleza de Davos Platz, procurado por centenas de tuberculosos lívidos, de grandes olhos profundos, sonhadores e tristes, Lucerna, Zurique, Berna, o sabor delicioso do leite, a frescura ideal da manteiga e a serenidade bondosa e casta de todo aquele povo trabalhador e civilizado, tinham-lhe não somente perturbado o cérebro, mas deixado no espírito as mais doces e adoráveis recordações.

Ah, como ela teria gozado naquele cantinho da terra se o seu coração amasse o marido, se um entusiasmo apaixonado e terno demorasse na sua alma, relevando-lhe de uma poeira de ouro e de um ideal de ternura todos aqueles quadros grandiosos e belos da natureza!

Sofria mesmo pela impossibilidade de pressentir esse sentimento pelo homem a quem pertencia e que a idolatrava com celestial amor.

Quantas vezes nos braços dele procurara enganar-se a si própria, e a carne se recusara a obedecer-lhe!

Finalmente, que as exigências do Bernardino eram as mais modestas possíveis. Em onze anos de casada e, apesar da excessiva elevação da temperatura, nunca ele a vira em camisa!

Guardava nas suas relações matrimoniais uma santa castidade patriarcal, digna dos tempos bíblicos.

Uma tarde, a sua amiga Madalena de Matos, casada recentemente com o guarda-livros da casa, confidenciou-lhe segredos que a deixaram atónita!

Segredos capitosos da sua vida de casada que ela nunca imaginara que se executassem.

O marido, o Matos, adorava-a, e ela casara com ele por paixão. E na franqueza dos seus vinte e dois anos e na amizade que votava a Lígia, contou-lhe esses encantos da vida de dois entes que se amam, os beijos ardentes e incondicionais que geram desejos, as carícias excitantes, os arrulhos amorosos, a arte de gozar, um mundo enfim de revelações, desde os ósculos que o marido lhe dava nos pequeninos pés perfumados e brancos até ao impudor de tomarem os dois banho na mesma piscina, como Adão e Eva antes do pecado!

Lígia riu muito, mas quando meditou no caso concluiu:

— Sim, está bem, quando há amor de parte a parte deve ser assim!

E o seio arfou-lhe num movimento rápido e convulso. Ela, porém, não amava, e ainda que amasse seria a mesma coisa.

O Bernardino possuía a castidade austera do marido, sob todos os prismas por que a moral dogmática encara este curioso espécimen social.

*

A criada trouxe o café do Leonel, um café precioso, odorífero, puro, como ele gostava e a mãe lhe sabia preparar.

— Sabe, mamã, disse-lhe ele deitando na chávena um torrão de açúcar, domingo vou passar o dia a Sintra com o conde da Lagoa Escura. Naturalmente fico lá e só regresso a Lisboa na segunda-feira depois do almoço.

— O conde é muito teu amigo, filho.

— Muito, mamã. Conheci-o há dois anos em S. Carlos, e foi aí que estabelecemos relações.

E depois de ter levado a chávena aos lábios, observou:

— O café hoje está um pouco mais fraco.

— Pois olha, filho, é do mesmo. Se queres vou fazer-te outro.

— Não, mamã, este está bom. Queres?

— Não, filho. Faz-me mal o café tão forte, e a ti não te pode fazer bem.

— Assim é que eu gosto dele.

— Então bebe. Queres conhaque?

— Um cálix.

Bateram à porta.

— Quem será? disse a D. Eudóxia.

— O correio, respondeu a criada.

E veio trazer numa salva uma carta tarjada de preto.

— É do Brasil, mamã, exclamou o Leonel.

— Ai, filho, aconteceu decerto alguma coisa triste. Abre-a e lê que a mim falta-me o ânimo.

O Leonel rasgou o envelope e leu:

Minha querida madrinha e amiga,

Escrevo-lhe esta sob a mais dolorosa das impressões. Meu marido faleceu ontem pelas cinco horas da tarde, de uma congestão cerebral após ter bebido sobre o jantar um copo de água gelada.

O médico, chamado a toda a pressa, só pôde verificar o óbito.

Foi uma enorme desgraça. Um homem ainda moço, tão bom e tão meu amigo.

Por este correio escrevo a minha tia participando-lhe esta desgraça.

Ele deixou-me sua herdeira universal e dez contos de réis a seu falecido marido, o meu querido padrinho, com a cláusula de passarem para si no caso dele já não ser vivo como infelizmente não é.

Tão depressa liquide, mandar-lhe-ei o cheque sobre Lisboa para a madrinha receber o que lhe pertence.

Eu em breve regressarei a Portugal. Estou farta do Brasil.

No seguinte paquete serei mais extensa.

Estou muito aflita e incomodada com esta fatalidade.

Saudades ao Leonel e a madrinha aceite um beijo e um abraço desta sua

Afilhada e amiga

Lígia.

— Coitado do Bernardino! exclamou a D. Eudóxia. Deus lhe tenha a alma em descanso. Era um santo homem. Conheci-o na loja de teu pai ainda não éramos casados.

— A Lígia está, pois, viúva e rica, observou o Leonel.

— Rica, dizes tu? Riquíssima. A fortuna do Bernardino, depois de reconstituída, deve andar para cima de trezentos contos, segundo teu pai me dizia.

— Ela na carta não se mostra muito pesarosa, observou-lhe o Leonel.

— Ora, filho, aqui para nós, a Lígia casou com ele por interesse, e não por amor. Foi sempre uma

excelente rapariga, mas era muito ambiciosa. A D. Benedita mesmo já me tem dito isto. O Bernardino podia ser pai dela, tinha mais vinte e dois anos. Era uma grande diferença de idades.

— Esses dez contitos, disse o Leonel, fazem-nos bem bom arranjo.

— Ah, o Bernardino foi sempre muito nosso amigo, e era homem franco e obsequiador.

— Deus lhe fale na alma, rematou o Leonel secamente.

E esvaziando o cálix de conhaque, compôs o laço da gravata, acendeu um cigarro e, beijando a mãe, saiu. Eram onze horas do dia.

De há muito que se despedira do escritório, passando a vida sem fazer nada, em vadiação pelas ruas de Lisboa, em passeios e festas com outros amigos tão vadios como ele.

A mãe não sabia de nada, e ele dissera-lhe que o patrão o incumbira de um serviço especial na bolsa e na alfândega que só começava às onze e meia, para assim se levantar tarde, almoçar tarde e fazer vida de lorde.

O conde da Lagoa Escura, que por causa dele tivera um conflito com o Couto capitalista, pagava tudo generosamente.

VI

Era muito recatada, quase misteriosa, aquela pequena casa da rua do Trombeta, ao Bairro Alto, de aparência modesta e limpa.

Tratava dela todos os dias a senhora Angélica, mulher dos seus sessenta anos, viúva, que tinha um filho soldado de cavalaria, uma filha casada com um oficial de marceneiro, e outra, a mais velha, a Ermelinda, enfermeira do hospital Estefânia.

A senhora Angélica vivia de fazer recados às raparigas perdidas que infestam aquele bairro, e de alguma coisa que os filhos lhe davam.

Era serviçal atenciosa, reservada e muito amiga do asseio. Não se metia na vida de ninguém, embirrava com mexericos e contos, o que era para notar em pessoa da sua condição.

Há dois anos que tratava da casinha da rua do Trombeta e nunca se dera a curiosidade de saber a quem ela pertencia ou quem a frequentava.

Todos os dias, às onze horas da manhã, ia lá limpar o pó, fazer a cama, esvaziar as águas e deixar tudo na melhor ordem e asseio. Muitos dias a cama estava intacta, sem que por isso deixasse de lhe pôr roupa lavada todas as semanas.

Toda a casa, uma sala, um quarto de dormir, outro para lavagens, a cozinha, a casa de jantar e um quarto grande junto do primeiro e que estava desocupado, se encontrava mobilada com grande elegância e apurado gosto.

Com a sua perspicácia de uma larga existência e trato da vida, ela estava firmemente convicta de que aquela casa era um *coté*, como tantos outros cuja existência conhecia, onde algum D. Juan de boa sociedade se ia encontrar com a dama dos seus amores. E achava este caso tão vulgar, tão conhecido e corriqueiro, que já nem lhe ligava a menor atenção. Demais, uma vez, levada pela curiosidade, bem inata no seu sexo, abria as gavetas do *toilette* e encontrara nelas lindas camisas de seda e rendas, meias luxuosas e elegantes, sapatinhos e botinas do mais apurado gosto, caixas com ligas de variadas cores e laços, além de sobre a pedra do mesmo *toilette* existir uma profusão de frascos de essências, caixas com pó de arroz, borlas, todo o arsenal enfim da *toilette* de uma mulher galante.

No entanto, nos numerosos quadros que enchiam as paredes, aguarelas, telas a óleo, fotografias coloridas, gravuras antigas, etc., não existia um só de mulher. Eram tudo paisagens marinhas, interiores, flores, e algumas cabeças de estudo bem pintadas, todas de homens.

Na sala havia um único retrato, o de um rapaz quase imberbe, muito bonito e elegantemente vestido, cujo olhar lânguido e suave parecia contemplar com satisfação todo o aposento.

De resto, nos *biscuits* e bronzes que estavam sobre a consola e *étagers*, não se via a menor figura ou grupo obsceno.

Ela nunca conseguira ver nenhum dos moradores da casa.

No dia um decada mês, o seu ordenado de três mil réis lá estava, sobre a consola, dentro de um

envelope com estes dizeres: «Para a senhora Angélica».

Pelo Natal e Páscoa davam-lhe sempre a consoada, que consistia numa nota de cinco mil réis.

Algumas vezes, à noite, passando por lá, via luz na sala através do *vitrage* que cobria os vidros das janelas.

Nessas ocasiões, a cama aparecia sempre desmanchada no dia seguinte.

Enfim, a senhora Angélica fazia o seu serviço, pagavam-lhe em dia; *ergo*, não tinha nada que ver com a vida particular de cada um.

Mas, se ela não tinha, temos nós, porque dessa casa, ou para melhor, de tudo quanto a ela se liga, é que depende irresistivelmente o principal entrecho deste livro.

Assim é que às nove horas da noite desse cáldido e estiolante mês de agosto, o Leonel, muito elegante e distinto no seu fato claro, rosa na lapela e luvas amarelas, chegou à porta da casa, abriu-a com a chave que sempre trazia e entrou, fechando a porta com suavidade.

A casa tinha rés-do-chão e primeiro andar, mas estava tudo alugado por conta do mesmo inquilino, não servindo o rés-do-chão, que permanecia rigorosamente fechado.

Chegado à sala o Leonel viu as horas no lindo relógio antigo de bronze dourado, que estava sobre a consola, que regulava como uma pêndula.

Depois recolheu-se ao quarto interior, onde se começou a despir, arrumando o fato com todas as precauções.

Meia hora depois surgia desse quarto uma elegantíssima rapariga de cabelos frisados e sedosos, olhos negros sensuais e ternos, e lábios de carmim, que desafiavam os mais ardentes beijos.

Vestia uma linda bata de cassa branca, presa na cintura gentil e delgada por um cinto de veludo negro, cingia-lhe o colo alabastrino um fio de pérolas com uma cruz de ouro, e calçava uns elegantes sapatinhos de cetim negro, de salto peonado e muito decotados, deixando ver meia de seda cor-de-rosa com abertos no meio do pé pequeno e grácil.

Essa rapariga era o Leonel!!

Sentou-se no sofá, languidamente, como a mais romântica das mulheres, e como fazia calor abanava-se com um belo leque de rendas.

Pelas mangas largas da bata surgiam-lhe os braços nus, alvos, cetinosos, completamente despilados.

Folheou ao acaso um livro que começou a ler distraidamente, aplicando o ouvido aos rumores que vinham da rua, que estava deserta àquela hora.

Em todo o aposento apenas se ouvia o tic-tac regular do pêndulo do relógio nas suas oscilações curtas e rápidas.

Impaciente, ele batia nervosamente com o pé no tapete aveludado e caro.

Às dez horas em ponto alguém bateu à porta três pancadas.

Levantou-se rápido, exclamando:

— Finalmente.

E às escuras puxou a corda que abria o trinco da porta da escada.

Sentiram-se passos rápidos de homem, que entrou no corredor e depois na sala.

— Julguei que não viesses, amor! exclamou o Leonel com uma voz adocicada e dengosa que faria estremecer de indignação todos os cacetes e bengalas deste mundo.

— Tive serão, filho, perdoa, exclamou o recém-chegado, abraçando o outro e beijando-o como se ele fora a mais feminina de todas as mulheres.

— Estava tão triste com a tua demora!

— Ah, mas agora reparo: como tu estás encantador, como te fica bem o branco ao teu rosto de anjo! E que lindeza de sapatinhos!

— Vê, vê, meu querido, exclamou o Leonel erguendo a bata.

— Oh, meu adorável querubim, que lindas meias e que elegância de ligas. Estás o que se chama uma tentação.

E agarrou-se ao Leonel num furor de carícias exóticas que a pena se recusa a reproduzir.

Leonel deixou-se cair no sofá num abandono voluptuoso de mulher lasciva, e cerrando os lindos olhos negros, murmurou:

— Tu matas-me, meu amor.

O outro violou-lhe a bata, como se faz às mulheres que amamos, e exclamou beijando-o:

— Ih! ih! ih! filho!

— Que queres? amo-te tanto...

— Sim, mas eu tenho ciúmes do conde. Não posso conformar-me que esse velho rico e ocioso te possua à sua vontade, enquanto que eu apenas aproveito fugitivas ocasiões, amando-me tu tanto como dizes.

— Dúvidas?

— Não, não duvido. Tenho provas do teu amor, mas mesmo por isso mais sofro.

— Que fazer, meu querido Liberato, eu sou pobre! O conde é quem me dá tudo, e não estou acostumado a trabalhar. Não poderia mudar de hábitos. Depois, bem sabes que a ele cedo por interesse e a ti entrego-me por amor, amor verdadeiro, apaixonado, ardente, único, só teu e sempre teu.

— E agora quanto tempo gozaremos a nossa ventura, meu anjo?

— Até ao fim do mês. O conde partiu para as suas propriedades no alto Douro, com a família, para cuidar da próxima vindima. Já me escreveu hoje uma longa carta cheia de saudade e...

— Cala-te, Leonel, cala-te; por quem és, não me faças sofrer.

— Perdoa, Liberato. Como te digo tudo.

— Sim, mas essas coisas não se dizem a um homem apaixonado como eu.

— Olha, menino, disse o Leonel muito terno, podes amanhã ir ao meu alfaiate mandar fazer o fato, porque já lá dei ordem para te fornecerem o que quiseres.

— Obrigado, Leonel, muito obrigado. Dás licença que fume um cigarro?

— Quantos queiras, estás em tua casa.

O Liberato puxou da onça e do livro de mortalhas *zig-zag* e começou a fazer um cigarro com toda a pachorra.

Voluptuoso e meigo, o Leonel sentara-se a seu lado, pondo-lhe uma perna sobre as dele em atitude de *cocotte*, a fim de deixar ver bem o primor das meias, a elegância das ligas, e a sedução dos sapatinhos de cetim.

*

O Liberato, empregado de um escritório de mangas e bicos de incandescência, era um celibatário de trinta e cinco anos, alto, forte, robusto, vigoroso, trigueiro, de grande bigodeira façanhuda e abundante, olhos brilhantes e expressivos, muito simpático e insinuante. Disponha de uma força pouco vulgar, e tocava guitarra e cantava o fado com uma perfeição inexcelável.

O Leonel, delicado, fino, distinto, bem-educado e quase aristocrata, concebera por ele uma verdadeira paixão, semelhante no seu repulsivo exotismo àquelas que muitas mulheres débeis e de nascimento escolhido tributam a homens grosseiros, de esfera e educação muito inferiores à sua.

Era o eterno caso das gentis condessas que se amancebam com o seu cocheiro.

Na hibridez dos seus instintos sensuais, o Leonel tinha todas as perversões morais e físicas de uma cortesã caprichosa e histérica.

E que ninguém se admire do caso, porque ele está de sobra estudado pelas celebridades médicas mais notáveis da França, Itália e Alemanha, como o Dr. Krafft Ebing explica no seu livro *O instinto sexual e suas aberrações*.

*

Devemos explicar que Leonel era um efebo por tendência moral, fisiológica e educativa, enquanto que o Liberato era um sodomita por vesânia mental desde os vinte e quatro anos, após um facto que explicaremos.

O arredondado das formas, a pequenez dos pés e das mãos, o timbre da voz, a ausência total de pilosidade no corpo e barba, contrastando com a abundância da cabeleira e das pestanas, a macieza da pele, a timidez e cobardia que sempre manifestara desde criança, a ponto de o pai lhe chamar o último dos cagarolas, a sua inclinação para brincar com as raparigas fugindo do convívio dos indivíduos do seu sexo, a predileção por todos os brinquedos que pertencem às meninas e não aos rapazes, e a má conformação do aparelho genital, deixavam prever a um observador perspicaz e estudioso que aquele homem continha em si muitos detalhes e verdadeiras qualidades do sexo feminino.

Aos dezoito anos engordara bastante e alterara-se-lhe a estatura, o que lhe dava uma bela presença, que junta à beleza do seu rosto era o encanto de todas as mulheres.

Na resumida roda de amigos que frequentava, quase todos tão efecos como ele, a começar pelo Jaime poeta, que todos os catraeiros do Cais do Sodré conheciam à légua, e que uma vez na Figueira da Foz tivera uma aventura *galante* das mais indecentes, a qual logo no dia seguinte se soube em Lisboa, e em

pleno Suíço chamavam-lhe o olhos de veludo, assim à laia de cognome de *cocotte* luxuosa com alta cotação no mercado.

O desflorador da honestidade do Leonel fora um contínuo do Liceu, antigo sargento de cavalaria bruto e espadachim, que os rapazes temiam e respeitavam, e era chamado em particular quando se queria conservar a ordem no estabelecimento.

Sodomita medonho, a beleza grácil do Leonel tentou-lhe o vício, e em troca de o defender contra as partidas dos camaradas, abusou dele, iniciando-o nas mais desonestas práticas.

Perverso, e conhecido o caso, o Leonel prestou-se às exigências lascivas dos colegas, e quando ainda não completara dezoito anos, já tinha pertencido ao major Terramonde, ao padre Amâncio, explicador de matemática, ao mestre-de-obras Aparício Batalha, e ao capitalista Couto, de cujas mãos avaras passou para as do conde da Lagoa Escura, homem riquíssimo, distinto, ilustrado, do mais fino gosto estético e artístico.

De depravação em depravação, todo o seu organismo se atrofiou, convencendo-se quase que nascera para as funções femininas, esquecendo por completo as do seu sexo.

Assim é que chegara aos vinte anos sem nunca ter tido contacto com mulher alguma!!

Fora o conde quem lhe aperfeiçoara o gosto pela efeminização, para a qual aliás ele sempre tivera tendência desde pequeno.

E na casinha da rua do Trombeta passava horas esquecidas vestido de senhora, como esse célebre abade de Choisy, a quem o cardeal Mazzarino chamava ironicamente a mais linda mulher masculina da corte de França!

O Jaime poeta, que também gostava de se vestir de mulher, dera-lhe sábias indicações acerca do assunto.

No entanto, quem o visse desempenado, robusto, nutrido, elegante e vivaz, jamais reconheceria nele, a não se ser observador finíssimo, um dos aberrativos mais completos que passeavam pela Avenida e pelo Chiado, seduzindo com a sua beleza as ingénuas mulheres, que nem ao de leve suspeitavam o que ele era.

Nada disto se dava com o Liberato. Esse fora um grande amigo de mulheres, conquistador terrível que não deixava em paz toda aquela que lhe agradasse.

Aos vinte e cinco anos, porém, apanhara uma infeção sifilítica simplesmente horrenda. Caiu-lhe o cabelo, o corpo cobriu-se-lhe de chagas pustulosas, a garganta transformou-se-lhe numa ferida hedionda, e todos os ossos e músculos se lhe torceram sob dores atrozes. Chegou quase a não ter amígdalas e o nariz salvou-se-lhe por um milagre, mediante o rigoroso tratamento que sofreu em Faro, para onde foi levado em maca.

No tratamento dessa doença terrível, monumental, pavorosa, gastou todas as suas pequenas economias e perdeu o lugar no escritório onde estava empregado, pois durante dois anos foi um homem completamente inútil.

Desde esse momento, votou às mulheres um ódio profundo, igual ao muito que tinha gostado delas.

Esse ódio chegou até a obcecação, não distinguindo as que não oferecem perigos das que os contêm por motivo do seu género de vida. Nunca mais quis ter com mulheres o menor contacto, e deu em sodomita por deliberação irrevogável do seu espírito.

Constituindo o hábito uma segunda natureza, acabou por exceder os mais furibundos da seita, pois era homem de grande pletora genésica.

Manteve sempre a sua dignidade pessoal, fazendo apenas ao Leonel, que por ele se apaixonara violentamente, algumas concessões, pois que este efebo mais tinha de mulher em tudo do que de homem, sendo de todos os que conhecia, o mais fino o mais delicado e o mais feminino que era possível imaginar-se.

Exatamente como as *chulas* pervertidas, o Leonel, que explorava como uma cortesã encanecida a bolsa do conde da Lagoa Escura, gastava bastante com o Liberato, seu amante de alma, dando-lhe dinheiro e presentes a cada momento.

E como um resplendor divino a iluminar toda esta crápula ignóbil, baixa, cloacina, pulha e repulsiva, alçava-se a figura doce e honestíssima da D. Eudóxia, venerando o filho com o seu santo amor de mãe e tendo-o em conceito como o mais digno, o mais decente e o mais honesto dos homens.

VII

Estava-se em fins de janeiro, pleno inverno chuvoso e frio, mês ingrato para os pobres e de alegria para os ricos no conforto das suas casas, no bom passado das suas mesas, nos bailes, *soirées*, reuniões e teatros, que os reclamam sempre, como amenização agradável da mísera passagem da existência.

Funcionava S. Carlos, onde o Leonel tinha a sua cadeira de assinante, que só deixava de ocupar nas noites em que recebia o conde da Lagoa Escura no seu apartamento de *cocotte* na Rua do Trombeta.

Na última palavra da moda e da elegância, o Leonel, cuja existência crapulosa a maioria dos seus amigos ignorava, porque ele mantinha uma aparência corretíssima que não dava margem à difamação, era o árbitro do chique entre os *dilettanti*.

As suas camisas, as suas casacas, os seus colarinhos, coletes e gravatas, apontavam-se como modelos dos últimos figurinos de Paris e Londres.

As mulheres bombardeavam-no com os seus olhares lânguidos e insinuantes, mas ele era de pedra.

Todos os seus afetos e expansões concentravam-se no Liberato, o seu único e apaixonado amor, a quem sofria brutalidades e rudezas que contrastavam flagrantemente com a distinção e delicadeza com que o conde o tratava.

E como uma mulher enamorada pode fazer ao homem da sua paixão, ele espiava o outro, e tinha ciúmes e zelos, amuos e tristezas, se por acaso o via a conversar mais intimamente com algum rapaz suspeito!!! Porque, coisa digna de reparo, os efebos reconhecem sempre os da sua seita, como as cortesãs descobrem as mulheres fáceis, ainda que estas guardem prudentemente todas as aparências que as possam comprometer.

Estes amores, porém, exatamente o que sucede com as mulheres, traziam-no apreensivo e distraído da paixão que o conde lhe tributava, a ponto de algumas vezes uma suspeita atravessar o espírito do ilustre titular.

Vigiava-o o melhor que era possível, atenta a sua posição, a sua qualidade de chefe de família, e o ser muito conhecido em Lisboa, mas não descobrira motivo para a sua suspeita, a não ser o encontrá-lo menos efusivo do que dantes.

Queixara-se disso, e o Leonel só então compreendeu que o seu *protetor* andava desconfiado e por isso redobrou de precauções nos seus encontros com o Liberato, recebendo-o altas horas, depois de verificar pessoalmente que o conde recolhera ao palácio.

A fim de o tentar pelas seduções da vaidade, que era o seu ponto fraco, o conde comprara-lhe um carrinho muito elegante e dispensara-lhe um cavalo dos seus para ele fazer o passeio da tarde em companhia de algum amigo.

*

Como quase não recebia visitas de ninguém e essas mesmas eram pessoas modestas que raras vezes saíam de casa, antigas relações de seu marido, duas velhotas e um velhote estabelecido ao lado da loja

do Martins e que já trespassara o estabelecimento, dispondo de uma fortuna muito razoável, D. Eudóxia ignorava o género de vida que o filho levava, julgando-o na Bolsa em serviço do patrão, à hora a que ele quebrava as esquinas pelas ruas em companhia de outros vadios elegantes da sua igualha.

Em casa de D. Benedita, para onde a D. Eudóxia ia passar todas as noites até às dez horas, ativava-se uma azáfama fora do vulgar.

Lígia escrevera, pedindo-lhe que lhe preparassem o seu antigo quarto, pois enquanto não arranjasse casa sua viria viver para a da tia.

A vida de hotel, nova como ainda era, não lhe convinha nem estava acostumada a ela. Em hotéis apenas vivera durante a viagem de núpcias que fizera a Paris, Suíça e Itália, em companhia de seu falecido marido.

Recomendara à tia que queria o quarto confortavelmente mobilado, para o que lhe enviava uma ordem de oitocentos mil réis, a receber do seu correspondente em Lisboa.

Paralítica e sem relações, a D. Benedita ficou muito atrapalhada com aquele desejo da sobrinha, que aliás considerava justo, como de senhora rica que era.

Consultou a D. Eudóxia, que lhe prometeu falar ao filho.

O Leonel tinha um notável bom gosto artístico, de que era prova o seu quarto luxuoso e encantador que a D. Benedita já vira uma vez. Com certeza que ele não lhe recusaria o favor de tratar do arranjo do quarto para quando Lígia chegasse.

No dia seguinte, ao almoço, porque nesse, ele não jantara em casa, mas sim em Cabo Ruivo, em amoroso *tête-à-tête* com o Liberato, expôs-lhe o assunto.

O Leonel aceitou a missão, de que o encarregavam, com todo o júbilo.

— Ora essa, mamã, respondeu ele sorridente, pois em Cabo Ruivo gozara felicidades amorosas inarráveis, com todo o gosto farei o que a D. Benedita (que ainda lhe chamava menino) lhe pediu. De mais a mais para Lígia, a minha primeira professora...

— E a tua noiva, interrompeu a mãe. Lembras-te?

— Lembro, lembro, mamã!

E o Leonel deu uma gargalhada.

Cheia de amor maternal a D. Eudóxia levantou-se e beijou-o carinhosamente, dizendo-lhe:

— Tu és a pérola dos filhos e dos rapazes.

O Leonel abraçou-a. A mãe era a única mulher de quem gostava.

À tarde a D. Benedita agradeceu-lhe muito o favor que ele ia prestar-lhe, e logo no dia seguinte o Leonel, dando conta ao conde do pedido que tivera, lançou mãos à obra. Como não tinha que fazer, aquele serviço servia-lhe de distração.

Arranjou o quarto forrando as paredes com um lindo papel verde-malva e ouro, oleando o chão, pondo-lhe cortinas brancas e reposteiros de seda vermelha e amortecendo a luz nas janelas com uma *vitrage* artística representando episódios da Idade Média. Um leito de pau-santo, estilo D. Luiz XV, uma

mesa-de-cabeceira e um grande espelho de moldura de carvalho esmaltado completavam a mobília.

No quarto seguinte, colocou o *toilette*, a cómoda e o guarda-fato de nogueira da América, o chão alcatifado e as paredes forradas de cor-de-rosa pálido.

Ornamentou tudo com quadros e pequeninos *étagers* e mísulas com jarros, que deviam estar cheios de flores frescas quando Lígia chegasse.

Ao Leonel não escapou o mais leve detalhe.

— Oh! exclamou a D. Benedita, pasmada, mas isto está um encanto!

— E ainda me sobraram quarenta mil réis, exclamou o Leonel radiante.

— Ah, menino, que jeito que tem para arranjar uma casa!

A D. Eudóxia lagrimejava com os elogios que a Benedita rendia ao filho.

Era a sua fraqueza e a sua cegueira de mãe extremosa e amantíssima.

*

Finalmente, a 29 de janeiro, pelas oito horas da manhã, o *Clyde* entrava no Tejo e fundeava em frente de Belém, arvorando a bandeira quarentenária.

Lígia devia, como os demais passageiros que se destinavam a Lisboa, permanecer oito dias no Lazareto.

O Leonel não a foi esperar por este motivo, escrevendo-lhe aliás em seu nome e no da mãe, participando-lhe que tão depressa findasse a quarentena lá estariam para lhe dar as boas vindas.

E assim foi.

Ao cabo de oito dias, que menos não pudera ser porque a febre-amarela grassava no Rio com intensidade e a bordo dera-se um caso fatal num passageiro de segunda, cujo cadáver fora lançado ao mar cinco dias depois de o paquete sair, a D. Eudóxia e o Leonel, logo na manhã do dia nono, estavam no Lazareto.

Lígia abraçou-se à D. Eudóxia, exclamando:

— Há doze anos que a não via, minha querida madrinha.

E encarando com o Leonel disse:

— Mas como tu estás um homem! Deixa que te abrace e te trate por tu, acrescentou. Desculpa, mas conheci-te tão pequenino que não sei nem posso dar-te outro tratamento.

E o Leonel abraçou-a muito alegre e satisfeito.

— Como está nutrida! exclamou.

Efetivamente, Lígia engordara muito, sem aliás perder a elegância suprema de todas as suas linhas e contornos.

Estava uma bela mulher, em plena maturação da vida; trinta e dois anos apenas, formosa, fresca, louçã, uma verdadeira sedução capaz de tentar um monge.

Perdera um pouco as suas antigas cores rosadas, mas essa mesma palidez, adquirida pelo clima do Brasil onde residira onze anos, mais linda a tornava ainda, dando-lhe um tom poético, doce, voluptuoso e

meigo.

Os seus olhos, esses raros e expressivos olhos verdes que tinham sido a tentação do Bernardino, conservavam todo o brilho e expressão que sempre os revestira.

Trazia consigo a criada mulata que a servia desde o primeiro dia em que chegara ao Brasil e que lhe era dedicada e fiel como um cão.

— Traz muita bagagem? inquiriu o Leonel.

— Ai filho, se tu me tratasses disso era favor que me fazias. Nada menos de sete malas e três baús. E notem que deixei intacta a minha casa do Rio. O que trago são apenas roupas, alguns objetos de uso, várias coisas de valor que me ofereceram e os meus fatos.

— E porque não vendeste a casa? inquiriu a D. Eudóxia.

— Não quis. Pode ser que um dia ainda volte ao Rio, pois tenho lá interesses, e assim já dispenso hotéis. Demais, foi a casa onde vivi onze anos com meu marido e ficou ao cuidado da família do meu procurador, que mora no segundo andar.

— Tencionas voltar ao Brasil?

— Tão cedo, não. Estava ansiosa de tornar a ver Lisboa, de mais a mais sabendo que a tia era viva, graças a Deus. É possível que daqui a alguns anos lá vá ver as minhas propriedades.

— Tens muitas?

— Seis prédios no Rio e dois em S. Paulo.

E cheia de ansiedade perguntou:

— A tia está muito velhinha, pois não está?

— Não, nem por isso. Quase que não faz diferença do que era quando partiste. Apenas não pode andar, porque a paralisia das pernas é completa.

— E o Leonel é bom rapaz?

— Oh! filha, não imaginas! É o modelo dos filhos e o exemplo dos rapazes. Nunca me deu o menor desgosto. Obediente, dedicado, afetuoso, sem vícios a não ser o de fumar, e isso mesmo pouco, muito arranjado e sério, não se dando senão com pessoas finas: é um anjo, Lígia, é um anjo.

— Está um bonito rapaz e veste muito bem.

— Isso é a sua mania: vestir bem. É um figurino. Se o visses de casaca! Que bem lhe fica. Parece um príncipe.

— E em que se emprega?

— Está numa casa de comissões, onde ganha bem. Os patrões são muito amigos dele. Faz o serviço da Bolsa, para onde vai ao meio-dia.

— E porque não seguiu ele uma carreira? Médico, militar, advogado, professor?

— Era fraquito de cabeça e não pôde com os estudos. Mas é muito esperto e ativo, muito fiel e trabalhador. Os patrões estão contentíssimos com ele e já lá está há três anos.

— Está tudo já a bordo do bote, disse o Leonel aproximando-se e compondo o seu elegante fato de

inverno e a gravata da moda, onde luzia um rubi rodeado de brilhantes.

Lígia pôs sobre os ombros a sua rica capa forrada de peles, e dando o braço à D. Eudóxia, embarcou.

*

Quando a viu, a D. Benedita sofreu uma comoção nervosa tão intensa, que conseguiu vencer a ataxia das pernas e erguer-se na sua cadeira de rodas para a abraçar.

Lígia teve uma crise de choro nos braços dessa senhora que lhe servira de mãe, e durante alguns minutos assim estiveram abraçadas sem poderem articular palavra.

Quando se tranquilizaram, a D. Eudóxia foi mostrar-lhe os seus aposentos.

— Oh, mas que lindo, que elegante, que bom gosto com que tudo isto está arranjado, exclamou maravilhada.

— Foi o Leonel que cuidou de tudo, observou a D. Benedita.

— E também de pôr flores nas jarras?

— Também.

— Mas tu és um tesouro, exclamou Lígia sorrindo-lhe e envolvendo-o carinhosamente na ampla e doce expressão do seu olhar adorável e bom.

— Lembras-te de quando ele te chamava a sua noiva, disse a D. Benedita.

— Perfeitamente.

E Lígia cravou no Leonel os seus olhos verdes, examinando-o com penetrante atenção.

Nesse tempo era ele um petiz de oito anos, débil, franzino, tímido e quase feminino, enquanto que agora, doze anos volvidos, estava um belo rapaz na aurora da mocidade, apolíneo, sedutor, desenvolvido, magnífico, um homem em toda a florescência da vida, formoso como poucos, elegante como pouquíssimos.

E nesse golpe de vista lançado sobre o homem que ela ainda conhecera em criança, na primavera da sua juventude cheia de ambições e de fantasias que a sorte lhe satisfizera, via os doze anos passados da sua vida conjugal tão feliz e falta de consolos de alma como decerto não haveria em todo o mundo outra igual.

O Bernardino fora sempre um marido dedicado, afetuoso e bom por excelência. Nunca lhe vira um mau modo, nem uma frase menos amável se soltara dos seus lábios.

Para a manter no bem-estar que lhe oferecera e deixar-lhe uma fortuna sólida, lançara-se de novo ao trabalho, a fim de reparar certas avarias de vulto que as questões políticas do país tinham aberto na sua vida comercial. Cansado, esse excesso de fadiga numa idade em que o repouso já de direito lhe pertencia, irritava-lhe às vezes os nervos, mas para ela era sempre o homem carinhoso, cheio de afetos e cuidados que a sensibilizavam.

Na alma de Lígia existia, porém, um vácuo enorme que a torturava. Nunca pudera amar o Bernardino. Estimava-o mais do que se ele fora seu pai ou irmão, mas amá-lo fora-lhe absolutamente impossível, tanto espiritual como carnalmente.

Depois, desde as confidências que recolhera da esposa do guarda-livros da casa, sua amiga íntima, acerca dos encantos do amor físico entre dois seres que se amam, ainda mais esse vácuo se alargou.

Realmente as suas relações com o marido eram de uma materialidade desesperante e muitas vezes acudiam-lhe à memória as palavras de sua tia Benedita no seu regresso de Sintra após os oito dias da lua-de-mel:

— «Banal, muito banal tudo isso», dissera ela.

Realmente, comparando o que se passava entre a sua amiga e o marido desta, e as suas relações com o Bernardino, estas rastejavam pela animalidade dos primeiros dias da criação.

Resignara-se, porém, numa honestidade de aço que todos reconheciam e respeitavam. Nunca simpatizara com a vida mundana da sociedade fluminense, e por isso passava uma existência patriarcal cuidando da casa, das flores, dos pássaros, e desses mil nadas domésticos que lhe absorviam todo o tempo.

De verão ia para o campo, para a sua elegante propriedade na Tijuca, e de inverno frequentava muito os teatros, especialmente aqueles onde funcionavam companhias portuguesas, sempre acompanhada do marido.

Recebia poucas visitas e ainda fazia menos. Assim passara doze anos da sua vida como que num sonho, com o coração por assim dizer adormecido, e o espírito tranquilo e sereno, embora não satisfeito.

A morte, essa finalização fatal de todo o drama da vida, viera modificar a sua situação. Estava rica e saudosa da pátria. Regulara os seus interesses, volvera a Portugal, e encontrava-se de novo no seu quarto de solteira, nesse quarto burguês onde tantas vezes, ao romper do dia, com a formosa cabeça reclinada sobre o braço escultural, idealizara as mais belas fantasias que o destino lhe satisfiz em toda a sua essência material.

E a nota vivida e culminante desse período de doze anos era o Leonel, que ela deixara uma criança de vestidos de menina e cabelos compridos, e viera encontrar um belo rapaz, em toda a plenitude das seduções do seu sexo.

E quanto mais olhava para ele, mais formoso e encantador o achava.

VIII

Desvendar os mistérios que se albergam nas profundezas insondáveis do coração das mulheres, é trabalho baldado que os maiores filósofos nunca conseguiram concluir, nem mesmo levantar uma ponta do véu que encobre esse mundo moral infinito, feito de trevas e de luz, de dedicações e de ódios, de generosidades e de avarezas, de heroísmos e vinganças, que traz a vida em constantes desinquietações.

Cada mulher é um enigma vivo, e cada homem que as pretende decifrar, um asno da mais pura raça.

Lígia, como todas, não escapou à regra.

No seu coração virgem, no seu cérebro equilibrado e na sua carne ainda não superexcitada pelo delírio dos prazeres, acendeu-se pelo Leonel uma destas paixões súbitas que conduzem as mulheres às maiores loucuras.

Aquela mocidade de rapaz afetuoso, terno, gentil, delicado, bom e meigo, tentava-a como uma sedução demoníaca.

Lia-lhe no olhar aveludado e lânguido uma bíblia de amor e de voluptuosidades infinitas.

Sentia desejos de unir à sua carne a carne daquele homem formoso e jovem, de confundir com os dele, no mesmo beijo de amor, os seus lábios sequiosos, de o amar, de o possuir, de lhe chamar seu, de gozar finalmente as delícias desse sonho que ao de leve antevira sempre mas nunca experimentara, e vendo-o todos os dias, sempre belo e afetuoso, dedicado e serviçal, modelo dos filhos e dos homens bem-educados, não lhe soube resistir e foi ela quem, com uma subtileza extrema, com toda a verdadeira arte da mulher experiente, começou a fazer-lhe a corte.

Demais, no seu espírito nasceram-lhe duas ideias trazidas pelo amor, pois como ele não há outro melhor mensageiro para conduzir razões que justifiquem e defendam a essência única do seu sentimento.

Estava só no mundo, rica, e precisava de alguém para tratar dos seus negócios e escudar-lhe a reputação, além de que fazer feliz o homem que conhecera em criança, a quem ensinara as primeiras letras, lhe parecia uma ação tão generosa e meritória, que certamente mereceria a aprovação de Deus.

O Leonel parecia-lhe acanhado e tímido, sempre ruborizando-se quando ela o abraçava com expressão de encontro aos seus seios opulentos e túrgidos. E então, por mais de uma vez, sonhando com ele, atingira espasmos voluptuosos que lhe davam deliciosas sensações.

Coquette, aparecia-lhe sempre muito elegante e sugestiva, deixando-lhe ver os pés pequeninos e sedutores, que tinham sido a tentação do Bernardino, e *por acaso*, ao traçar a perna, punha às vezes a descoberto um bocado dessa magnificência do seu corpo, que era estonteante.

O Leonel, porém, mantivera-se sempre numa honestidade de vestal, não ousando mesmo fixar a vista nesse trecho de perna que deixava adivinhar um paraíso de divinais encantos.

Duas suspeitas atravessaram o espírito de Lígia: ou ele era um tímido e um casto fora do vulgar, ou tinha alguma amante que o dominava, monopolizando-lhe todas as naturais tendências e impulsos do seu sexo, distraíndo-o por completo das outras mulheres.

Esta última suspeita foi a que radiou no seu espírito, porque uma mulher enamorada, a primeira coisa que sente depois do seu amor, é um ódio profundo pelas outras mulheres.

Lígia saía pouco e não ia aos teatros, pois ainda estava viúva de seis meses apenas.

Essas saídas mesmo eram sempre de carruagem, em companhia da D. Eudóxia.

Foi numa delas, num dia de chuva, quando se apeou à porta da casa de modas *Paris em Lisboa*, no Chiado, para escolher um chapéu, que um gentil tenente de cavalaria se dirigiu a ela entregando-lhe a carteira que tinha deixado cair ao apear-se do trem.

Era esse oficial um magnífico tipo de homem varonil e robusto, simpático e insinuante, delicado e cortês. Ela agradeceu-lhe o favor, e ele olhou-a de uma maneira estranha, fixa e penetrante.

Ao entrar na carruagem, viu-o parado à esquina distraidamente a fumar. Ele cortejou-a e ela correspondeu ao seu cumprimento.

No dia seguinte, tornou a vê-lo quando saía de casa para ir ao escritório do seu correspondente, e assim mais vezes, até que recebeu dele uma carta que era uma apaixonada declaração de amor.

Profundamente enamorada de Leonel, Lígia não respondeu, e a primeira vez que o encontrou na rua, voltou-lhe a cara.

Percebera no entanto que o tenente era um magnífico exemplar de homem, nos casos de ser amado pela mais exigente das mulheres, e ficou sabendo que ele se chamava Nuno de Freitas e Vasconcelos.

A indiferença do Leonel às suas seduções amorosas irritava-lhe o espírito e mais a excitavam naquela paixão que a assaltara com tão ardente intensidade.

Ainda tornou a ver o tenente mais duas vezes, e depois, por acaso, lendo os jornais, soube que ele tinha sido transferido para um regimento da província.

De lá, este escreveu-lhe nova carta mais apaixonada e expressiva do que a primeira. Lígia sorriu-se e rasgou-a indiferentemente.

O Leonel preenchia toda a sua alma, de maneira que nela não cabia outro afeto nem outra preocupação.

Em abono da verdade deve dizer-se que o ilustre efebo já percebera os sentimentos de que era alvo de parte de Lígia, e esse percebimento enchera-o de tédio e de aborrecimento.

Mulher era ele, e quase se indignava que uma verdadeira ousasse namorá-lo, ele que estava doidamente apaixonado pelo Liberato, seu amante de alma e por causa do qual praticava toda a casta de loucuras!

Era mister, porém, ser prudente e reservado.

Lígia era quase uma parenta, afilhada de sua mãe, à qual não queria por coisa alguma deste mundo dar o mais pequeno desgosto.

Calculava que não correspondendo, ou fingindo não perceber aquela insistência, ela mudaria de ideia.

O conspícuo Ganimedes ignorava por completo o carácter das mulheres.

Muito diplomaticamente, Lígia sondou a D. Eudóxia, que com toda a sinceridade lhe declarou que nunca conhecera ao filho inclinação alguma amorosa, que estava mesmo convencida que ele nunca tivera

namoro algum, gostando apenas de se divertir com os amigos, ir a S. Carlos, andar de bicicleta e vestir no rigor da moda.

O espírito de Lígia tranquilizou-se um pouco e seguiu na sua missão de conquistar o amor do esquivo seu ex-discípulo das primeiras letras.

*

Chegara o Carnaval com toda a sua monumental sensaboria, carnaval chuvoso e porco, com os mesmos mascarados de todos os anos, e a mesma farrapagem de sempre.

Estava-se em terça-feira gorda, ou seja na agonia desse curto tempo de doidice, de embriaguez e de folia.

Numa primeira ordem de S. Carlos, o conde da Lagoa Escura, muito aborrecido, assistia ao baile de máscaras em companhia da esposa e dos filhos, três lindas raparigas, que ninguém diria serem descendentes de um sodomita de tal quilate!

De pé, correto e distinto na sua casaca, binoculava toda a sala e as várias máscaras que vinham entrando.

De repente, afirmou o binóculo num par que acabava de surgir.

Era ela uma mulher alta, vestida de espanhola, de cabelos loiros e mantilha, gentil, grácil, elegantíssima, sedutora, exibindo uns pés adoráveis primorosamente calçados em meias de seda lilases com lantejoulas de prata e sapatos de cetim preto bordados a ouro e de salto à Luís XV.

Reclinava-se languidamente no braço de um dominó negro, homem de elevada estatura, de andar um pouco gingão.

Toda a gente fixava a elegantíssima máscara que tinha um modo de andar verdadeiramente sugestivo e tentador.

O binóculo do conde, que recuara para o fundo do camarote, não a perdia de vista.

Quando deixou de olhar, estava pálido e com a vista turva.

Reconhecera aqueles sapatos e aquelas meias que ele dera ao Leonel para a *mise-en-scene* do seu vício, e à força de se afirmar acabara por se convencer que era o próprio Leonel que as trazia, pois lhe vira nos dedos os anéis que eram muito seus conhecidos.

Declarou à esposa que estava aborrecido e ia até ao grémio jogar um bocado e tomar o seu chá, e que se retirassem quando quisessem.

A condessa não estranhou esta resolução do marido, que tinha hábitos muito singulares.

— O papá vem buscar-nos? inquiriu a filha mais nova.

— Talvez, Maria.

E o conde, vestindo o *pardessous*, saiu do teatro.

Rápido, correu à rua do Trombeta, que ficava perto, entrou em casa, e a primeira coisa que viu foi o fato do Leonel sobre a *chaise-longue* do quarto.

A gaveta do *toilette* estava aberta e revolvida.

— Grande malandro, rugiu ele furioso. Hei de saber tudo.

E, apagando a luz, escondeu-se naquele quarto que estava sempre devoluto.

Esperou talvez uma hora, e já estava resolvido a ir-se embora quando sentiu abrir a porta da rua e passos na escada.

Pouco depois ouviu a voz afeminada do Leonel exclamar:

— Ai, meu amor, a cabeleira afrontava-me.

— Tu quiseste ir assim, respondeu a voz grossa e forte do Liberato. Eu bem te disse que levasses dominó.

— Tens razão, mas como sei que gostas muito de me ver vestido de senhora, fiz-te a vontade. Não estava bonito?

— Lá isso estavas. Toda gente olhava para ti.

— Bem via, mas eu, meu filho, sou só teu e só a ti amo.

O relógio da sala bateu as duas horas.

— Já duas horas! exclamou o Leonel, tão tarde!

— Porque não dormes comigo?

— Ai, isso não, por causa de minha mãe, que está em cuidado. Até às três horas sou teu.

— Não tires as meias nem a camisa, observou o Liberato, acendendo um cigarro.

— Já sei, escusavas de recomendar.

O conde ouviu o ruído característico de beijos, depois os dois entrarem na alcova, depois as mais espantosas e atrozes revelações que se podem imaginar.

O Leonel tinha concedido ao Liberato tudo quanto uma mulher apaixonada ou uma prostituta sem brio podem conceder, por amor ou por interesse, ao homem amado ou ao freguês vicioso.

Davam três horas quando os ouviu fechar a porta da rua.

Então saiu também e dirigiu-se para casa.

No dia seguinte, muito cedo, antes de almoço, saiu e chamando um negociante de móveis que havia próximo da rua do Trombeta, vendeu a mobília toda, mandando-a retirar.

Num lençol, embrulhou toda a roupa feminina que estava nas gavetas, e sobre essa trouxa pôs a carta que escrevera ao amante infiel.

Procurou a senhora Angélica, pagou-lhe dois meses e despediu-a, agradecendo-lhe os seus serviços.

*

Eram três horas da tarde quando o Leonel veio a casa a fim de arrumar a roupa que de véspera deixara espalhada sobre a *chaise-longue*.

Ao entrar soltou um grito e exclamou:

— Fomos roubados!

Viu, porém, a trouxa no chão e sobre ela, pregada com um alfinete, a carta do conde.

Abriu-a. Era lacónica e dizia apenas:

Seu garoto,

Ouvi tudo escondido no quarto ao lado da alcova.

Esse com quem foi para S. Carlos gozar as meias de seda e os sapatos bordados, e a quem você se prostitui por amor, que lhe pague.

Entre nós está tudo acabado.

Se me procurar, recebê-lo-ei com uma girândola de pontapés, seu grande...

A carta não tinha assinatura mas a letra era do conde, ele bem a conhecia.

Ficou atordoado.

O rompimento com o conde era a sua ruína, a perda total da sua vida lauta de vadio elegante, desvergonhado e indecente.

Adeus joias, adeus cavalo, adeus trem, adeus dinheiro, e este último adeus era o que mais lhe custava.

Bem sabia que haviam muitos da seita que o perseguiram, mas nenhum deles era generoso como o conde e este não deixaria de o *desacreditar* para seu prejuízo.

Demais, qualquer que tivesse, era um embaraço aos seus amores com o Liberato.

Ficou muito tempo a pensar e a olhar para a trouxa donde emergia o tacão de um dos sapatos que o perdera, e uma liga de seda cor-de-rosa, das que levava ao baile, onde vira também vestidos de mulher outros pulhas da sua igualha que nunca faltam aos bailes de máscaras, alguns tão bem postos no traje que lhes não pertence, que muitas pessoas chegam a tomá-los por verdadeiras mulheres!

Acobardado, e parecendo-lhe ainda aquilo um sonho, esperou ansioso pela hora em que devia encontrar-se com o Liberato, que já contara ao serralheiro Guilherme Lobo, um dos sodomitas mais temíveis que à noite passeavam pela baixa, a grande bacanal carnavalesca que tivera com o Leonel.

Apreensivo, comeu pouco, a ponto de a mãe lhe perguntar ansiosa se estava doente.

Desculpou-se com o ter-se deitado tarde, e às oito horas contava tudo ao Liberato a uma mesa da cervejaria da Trindade, em frente de dois copos de cerveja Pilsner.

— Como diabo não demos por ele! observou o Liberato.

— Não fez o menor ruído! disse o Leonel.

— E mesmo que o fizesse não o ouviríamos com a *lambança* que sempre fazes a folhas tantas.

O Leonel baixou os olhos pudicamente...

— E agora? interrogou o Liberato, batendo as palmas e mandando vir outra cerveja.

— Vou fazer-te uma confidência sobre a qual me darás a tua opinião, e dela depende o nosso futuro.

— Dize, respondeu o outro aplicando o ouvido.

O Leonel contou-lhe tudo quanto se passava a respeito da corte que Lígia lhe fazia.

— Se eu quiser e tu deres licença, caso com ela, rematou. É uma fortuna de quatrocentos contos.

Poderemos então gozar o nosso amor sem medos nem sobressaltos. Que te parece?

O Liberato enrolou um cigarro, esvaziou um copo, riscou o fósforo, aspirou duas fumaças, e respondeu:

— Já que tenho de ser... à força, antes com uma mulher do que com um homem! Ao menos dela não terei ciúmes. Digo-te que te cases, mas vê antes se ela te dota. É mais seguro, porque...

E disse-lhe umas coisas ao ouvido.

*

Uma felicidade radiante, inexplicável, única, uma sensação nova, deliciosa, sedutora, empolgante, bela, como até ali nunca tinha sentido, invadiu a alma de Lígia como um raio de luar entrando no mistério tranquilo de uma catedral por calma noite de ardente estio!

O seu amor nascente pelo Leonel, que era o seu primeiro amor, obtivera enfim essa correspondência que ela tanto ambicionava e que durante semanas a trouxera nervosa e preocupada na desconfiança de que outra mulher possuísse o coração do famoso mancebo.

Quase que subitamente, o Leonel demonstrara-lhe um afeto intensivo e extremoso, que para os olhos de uma mulher de trinta e dois anos não podia sofrer equívocos.

Procurava-a com frequência e passava longas horas a seu lado, olhando-a com tão insistente ternura que às vezes era ela quem tinha de baixar os olhos para não se trair...

Acompanhava-a quando ela necessitava sair, sempre de carruagem, e não cessava de lhe gabar a formosura, o que lhe rejubilava a sua vaidade de mulher.

No entanto, o Leonel era muito inábil na arte de fazer a corte a uma senhora.

Essa inabilidade que Lígia surpreendia a cada instante, enchia-a de satisfação, porque lhe deixava perceber que ele nunca amara outra mulher, como aliás a D. Eudóxia tantas vezes lhe afirmara.

O Leonel estava realmente praticando um feito superior às suas forças.

Plenamente insensível às seduções femininas, tudo aquilo que fazia era artificial, estudado, calculado e com intenção reservada.

A magnificência das formas de Lígia e a sua empolgante formosura não conseguiram acender nele a mínima centelha de sensibilidade!!

Essa sensibilidade era toda para o Liberato, que, com os seus modos afadistados e a sua rudez natural o trazia plenamente apaixonado numa destas aberrações reversivas que muitos fisiologistas têm explicado, ligando o caso a fenómenos patológicos bem dignos de comiseração e lástima.

Chegara a copiar a elegância do modo de andar e de sentar-se que Lígia sempre tivera, para fazer exhibir diante do Liberato iguais seduções!!!

Modificara um pouco o seu género de vida, evitando comparecer em S. Carlos para não se encontrar com o conde, que lhe voltara desprezivamente as costas a primeira vez que o viu depois do caso do baile de terça-feira gorda.

Alugara um quarto independente na rua das Gáveas, em casa de uma velhota viúva, e era ali que se juntava com o Liberato.

*

A falta de dinheiro, que Leonel sentira desde que se amancebara com o conde, irritava-lhe o ânimo. Todo o seu pecúlio eram uns miseráveis duzentos mil réis que possuía juntos, e as belas joias de que não queria desfazer-se.

Apressava, pois, o resultado final do amor de Lígia a fim de saber o caminho que devia tomar.

E muito ingenuamente confessou à mãe que amava a gentil viúva.

D. Eudóxia quase que ia desmaiando de alegria.

Também Lígia já lhe dissera que amava o Leonel, e muito desejava que o título de noiva que ele lhe dava quando era pequenito, se realizasse a valer, agora que estava um homem.

Nessa mesma tarde, muito envergonhado e sem atinar com as frases, o singular efebo declarou-se à formosa mulher.

Lígia sentiu uma felicidade imensa invadir-lhe a alma, e com os olhos fitos nele, as mãos entre as suas, respondeu-lhe:

— E julgas-te feliz em ser meu marido, Leonel?

Ele fixou-a com aquele olhar aveludado e meigo que seduzia todas as mulheres e desvairava todos os sodomitas, e retorquiu-lhe:

— Felicíssimo, Lígia. Se eu te amo tanto!...

No dia seguinte, Lígia pedia à D. Eudóxia o filho em casamento, declarando que o dotava em vinte e cinco contos como presente de núpcias.

A D. Eudóxia abraçou-se a ela chorando.

D. Benedita aprovou plenamente a resolução da sobrinha.

O Leonel era um excelente rapaz, dotado das melhores qualidades desejáveis, e certamente Lígia havia de ser muito feliz, além de que se livrava assim de vir a cair nas mãos de alguns desses pescadores de viúvas ricas que tanto abundam em Lisboa.

*

À noite, na cervejaria da Trindade, o Leonel contou tudo ao Liberato.

— Está muito bem, respondeu ele. A *pega* não foi lá muito generosa, mas, enfim, com vinte e cinco contos já se pode ser independente. E quando é o casório?

— Para junho. Ela vai montar casa catita e dispor tudo para a consumação deste enorme sacrifício que faço por ti!!! Mas também nós havemos de ter a nossa casa, descansa, e se puder apanhá-la, há de ser a antiga da rua do Trombeta, onde tivemos tantas horas felizes. Ainda está com escritos.

— Sim, ali é bom. Rua sossegada à noite, pouco concorrida de dia, e até se pode arranjar a Angélica para tratar dela outra vez.

— Já pensei nisso.

E os olhos do efebo tiveram um desses cúpidos reviramentos em que se manifestava o brilho sensual que lhe produzira a lembrança das cenas que ali passara com o amante.

Esvaziados os copos, o Leonel bateu as palmas.

— Rapaz, traz meia garrafa de champanhe, exclamou o Leonel.

— Viva o luxo! disse o Liberato.

— Vamos beber pela próxima e independente felicidade do nosso amor.

A rolha estalou, e o vinho doirado claro espumou nas taças, que os amigos tocaram alegremente.

IX

Uma existência completamente nova começou então para Lígia.

Por doze contos de réis comprou numa das ruas da Avenida um elegante palacete-chalé, composto de rés-do-chão, primeiro andar e jardim, pertencente a um brasileiro, que tendo perdido a esposa desgostara-se de Lisboa e fora residir para o Porto em companhia de duas filhas já senhoras.

Mobilou-o com todo o gosto e elegância, ajudada pelo Leonel, que como já sabemos tinha um gosto especial para estas coisas, adquirido no convívio do conde, que era um artista de primeira ordem e cujo palácio em Lisboa tinha fama de ser um verdadeiro templo de arte, onde se encontravam preciosidades raras, antigas e modernas, além da beleza de todas as decorações e mobiliário.

O seu amor pelo Leonel atingira o grau de uma verdadeira paixão.

A extrema formosura e distinta elegância do filho da D. Eudóxia deram-lhe volta à cabeça e no seu espírito sereno acordaram desejos ardentes de voluptuosidades doces auferidas nos braços daquele rapaz de vinte anos.

Às vezes assaltava-a a ideia da diferença de idades, pois quase que podia ser mãe dele, mas, revendo-se ao espelho, confessava a si própria que era bela, fresca e louçã como uma rosa em abril, e que nenhuma outra mulher possuía uma tez mais pura, uns olhos mais brilhantes, uns cabelos mais lindos, uns seios mais túrgidos, um ventre e um colo mais esculturais e umas formas mais corretas e estonteantes, que fariam a felicidade e o encanto de qualquer homem, por mais jovem que ele fosse!

Quando se apeava do trem e entrava nas lojas, surpreendia, com a sua natural perspicácia de mulher, os olhares intencionais admirativos com que todos os homens a examinavam.

Convidara a tia Benedita para vir viver em sua companhia, mas a prudente senhora, agradecendo-lhe a lembrança, respondeu-lhe:

— Deixa-me antes viver cá no meu canto. Vocês são duas crianças, o Leonel especialmente, e tu estás doidinha por ele. Vivam apenas os dois na sua casa sem testemunhas, que é o melhor. Ainda se eu lhes pudesse ser útil! Mas para andar nesta cadeira fico melhor aqui, se com isto te não ofendo.

— A tia nunca me ofende. Convidei-a a viver connosco pelo muito que a estimo, mas longe de mim a ideia de contrariar.

— Não, Lígia, não me contrarias, eu é que os iria contrariar.

No fundo, Lígia achava que sua tia Benedita tinha razão.

Ela preferia viver apenas com o marido naquele doce sonho de uma felicidade de amor que se lhe apresentava ao espírito como o paraíso na terra.

Qualquer pessoa estranha, parecia-lhe um embaraço ao correr desses caudais de ternura que ela sentia prestes a rebentarem-lhe do seu coração apaixonado de mulher de trinta anos que nunca amara.

O desejo da tia Benedita agradou-lhe, pois, sobremaneira.

E seguiu alegre, satisfeita, radiante e jubilosa nos arranjos do ninho dos seus amores, que dia a dia

adquiria as aparências de um verdadeiro palácio de conto das mil e uma noites, tal era o gosto, a finura e a arte com que o estavam decorando sob as indicações dela e do Leonel, ao qual por conta do seu dote entregara um conto de réis para o enxoval.

*

Ao todo, Lígia destinara para as despesas do seu novo estado a importante verba de cinquenta contos, ou seja a oitava parte da sua fortuna, que regulava por quatrocentos contos fortes.

Um caso imprevisto, porém, veio impressioná-la bastante. O Leonel dera uma queda da bicicleta, torcendo um pé e ferindo-se no cóccix.

Recolheu ao leito, onde persistiu duas semanas sem poder ter-se em pé.

O médico declarara que a queda fora desastrosa, especialmente a pancada que recebera nesse osso tão delicado e que tanta importância exerce em todo o sistema nervoso.

Não houvera, porém, fratura, o que diminuía a gravidade do desastre.

Lígia foi para ele de uma solicitude extrema, que não desmerecia em nada a de D. Eudóxia.

Não lhe abandonava o leito senão o tempo indispensável dos afazeres práticos da vida, e demonstrou-lhe sempre uma ternura, um afeto e uma dedicação que o faziam sofrer, por constatar que lhe era impossível corresponder àquele grande e desinteressado amor, como ao de outra qualquer mulher.

Não podendo conter-se, o Liberato veio visitá-lo.

Lígia, que estava presente, antipatizou com ele, com a sua corpulência hercúlea, os seus bigodes de granadeiro, os seus modos grosseiros e desabusados, e a sua voz de estentor ressoando em frases banais e galhofeiras que lhe irritavam os seus nervos delicados e sensíveis.

Leonel sentiu uma grande alegria quando o viu, mas conteve-se.

Lígia não se retirara do quarto, o que contrariou bastante o Liberato, que não demorou a visita.

— Quem é este homem tão grosseiro? perguntou ela.

— É o cobrador do escritório, respondeu o Leonel. Um excelente rapaz, não imaginas! Aquilo é o coração mais nobre e dedicado que tenho conhecido. Sob aquela aparência rude, oculta os melhores sentimentos que se podem desejar. É muito meu amigo e os patrões estimam-no muito. Devo-lhe bastantes finezas.

— Sendo como dizes, respondeu Lígia, é pena que tenha uma apresentação tão desastrada.

— Desculpa. O pobre rapaz não tem culpa de ser filho de gente baixa e não haver recebido a precisa educação para saber tratar com gente de certa ordem.

— Ai, eu embirro tanto com gente mal-educada, suspirou Lígia.

— Tens razão, ajuntou o Leonel distraidamente.

*

Só ao cabo de vinte dias é que o Leonel se encontrou completamente curado e em estado de poder sair.

O seu amigo Liberato viera ainda visitá-lo mais três vezes.

Da primeira, por acaso, Lígia tinha saído, e das duas seguintes aproveitara propositadamente, por

conselho do amigo, a ausência dela, que todos os dias, das duas às quatro horas, permanecia na sua casa da Avenida determinando o arrumamento e disposição dos móveis, louças, vidros, pratas, etc.

— Porque não queres que eu cá venha quando ela cá está? inquiriu o Liberato.

— Porque ela embirrou contigo a primeira vez que te viu. Não gostou do teu modo alegre e piadista.

— Olha lá a marquesa não se ofenda! respondeu o Liberato acendendo um cigarro.

— Cala-te, que pode vir por aí a minha mãe.

— Diabo, tu estás cada vez mais cagão. Se não fosse o dote, palavra que não consentia que te casasses.

— Ai, filho, nem tu sabes o sacrifício que vou fazer!

O Liberato olhou-o de revés e chupando o cigarro, monologou:

— Sei, sei, estou certo disso...

*

Chegou finalmente o grande dia.

Na véspera, Lígia entregou ao noivo um estojo contendo uma magnífica abotoadura de brilhantes que pertencera ao Bernardino, um lindo alfinete de esmeraldas e pérolas, e um envelope contendo um cheque de vinte e cinco contos ao portador, que era o seu dote e presente de núpcias.

O Leonel dera-lhe um meio adereço de turquesas e brilhantes que lhe custara quatrocentos mil réis, obra-prima de fino gosto, *signè* Leitão, que ela achou um verdadeiro encanto.

Mais uma vez, a D. Eudóxia tornou a ser madrinha do casamento de Lígia.

O Leonel escolhera para padrinho, à última hora, o comendador Teixeira Galo, a quem em tempo concedera os seus favores e que caiu das nuvens quando recebeu semelhante convite.

Homem fino, discreto e muito bem-educado, aceitou sem fazer a menor referência a coisas passadas, limitando-se a esboçar nos lábios um leve sorriso irónico.

Estava ao facto da mancebia do Leonel com o conde da Lagoa Escura e das causas que haviam determinado a rutura dessas exóticas e repulsivas relações.

Não acreditava que o filho da D. Eudóxia sofresse uma regeneração nos seus hábitos de efebo reconhecido.

Quando ele lhe declarou que a noiva era uma viúva muito rica, o comendador teve um calafrio.

— Uma viúva já não era uma ignorante, pensou ele, e o Leonel, ou havia de portar-se com galhardia ou fazer a mais triste das figuras.

Achava-o bonito de mais e homem de menos para esse efeito, e lembrava-se de umas certas particularidades que ele em tempos lhe contara e lhe revelaram que a natureza quando o gerara com certeza que se enganou com o sexo que lhe dera.

Não pode conter-se que lhe não dissesse:

— Então já conheces mulheres?

Muito corado, o Leonel respondeu-lhe:

— Não, ainda não.

— Diabo, retorquiu o comendador, vê lá no que te vais meter, e de mais a mais com uma viúva.

— Conhece-me desde pequeno.

O comendador encolheu os ombros murmurando:

— E que tem isso?

*

Lígia quis que o seu casamento fosse como o primeiro, o mais modesto possível.

Tencionava jantar na sua casa em companhia da D. Eudóxia, da tia Benedita, do marido, do padrinho deste e de mais duas senhoras amigas, a mulher e a filha do seu correspondente, que também foram convidadas.

O Leonel convidara também o seu amigo Arnaldo Sarilhos, repórter de um jornal da noite, a quem emprestara muitos cinco tostões em troca de ele, que era uma língua de víbora, não contar a toda a gente o que sabia a seu respeito.

Convidara-o para que desse a notícia do casamento na gazeta e para o fazer testemunha de que a passada maledicência terminava definitivamente naquele dia.

Divinal, simplesmente divinal estava Lígia, na sua elegantíssima *toilette* de cetim lilás com rendas pretas, como competia à sua qualidade de viúva.

A alegria e a felicidade irradiavam no seu rosto formosíssimo, esplendendo como um sol, quando o Leonel primorosamente encasacado apareceu na igreja para a realização da cerimónia.

— A noiva é uma linda mulher, diziam os curiosos do sexo forte.

— Ai, mas o noivo é uma beleza de rapaz, murmuravam as mulheres embasbacadas para o Leonel, que estava realmente uma sedução, gentil, elegante, distinto, apolíneo enfim.

A um canto, meio oculto com uma das colunas que sustinham o coro, o Liberato observava a cena retorcendo a respeitável bigodeira e ruminando projetos, nascidos de saber o Leonel possuidor da bonita quantia de vinte e cinco contos.

O sacerdote proferiu o *conjugo vobis* sacramental e fez aos noivos uma prática muito moral e romântica, olhando de soslaio para o Leonel, cuja crónica lhe chegara vagamente aos ouvidos por intermédio do coadjutor, que era homem enfrornado em todos os escândalos da capital e das relações do capitalista Couto, a quem o conde disputara em tempo a posse do famoso efebo.

O gentil mancebo estava pálido como a cera.

Quando proferiu o *sim* da praxe que o ligava para sempre àquela formosa mulher por tantos apetecida e desejada, pareceu-lhe que a alterosa cúpula do templo ia desabar sobre ele.

A conquista legal e ampla daquela verdadeira flor da carne em plena exuberância da vida, conquista que para outro qualquer constituiria a mais suprema das felicidades, era exatamente o que lhe infundia maior pavor.

A sua aversão às mulheres fora sempre profunda, já por uma acentuada reversão sexual tantas vezes

cientificamente debatida, já porque a cultura persistente do vício constituíra nele um hábito que era uma segunda natureza.

De Lígia, adorável mulher em toda a pujança dos mais sugestivos encantos e seduções que uma mulher pode possuir, boa, meiga, amorável, rica, elegante, tentadora, que o amava com a mais intensa paixão, só sabia espiar-lhe a maneira de andar e o fino gosto com que se calçava para assim aparecer diante do Liberato, desse rude e brutal sodomita por quem nutria a mais exótica e brutal das paixões!

A ideia de que tinha de se deitar com uma mulher e tatear-lhe as carnes aveludadas e excitantes, irritava-o profundamente!!

Deu, pois, o braço a Lígia, radiante de ventura, atravessando com ela o templo entre a admiração dos curiosos que o enchiam, e na sacristia assinou com mão trémula o termo matrimonial.

Os seus olhos meigos e tentadores debalde tinham procurado entre os circunstantes o Liberato, que, escondido atrás da coluna do coro, se retirara depois da bênção nupcial.

O seu pensamento, porém, voava para ele e para esse quarto ignóbil da rua das Gáveas, onde tinham lugar os seus amores repulsivos e nojentos.

*

— Estás tão triste, meu amor! disse-lhe Lígia apenas o trem começou a rodar.

— Um pouco nervoso, respondeu ele. Desculpa.

E a sua mão gelada estremeceu violentamente na da esposa, que lha tomara por natural instinto amorável.

Chegados a casa, Lígia esperou debalde que ele a abraçasse e beijasse com esse fogo natural da sua juventude, provocado pelos encantos e beleza que ela possuía.

Junto da mãe, com o olhar abstrato e como que fixo num ponto indefinido no espaço, o Leonel deixou-a recolher aos seus aposentos para mudar de *toilette*, e não a seguiu.

Embora um pouco despeitada, atribuiu à timidez aquele procedimento do marido.

Depois de vestida, chamou-o para o consultar acerca de uma coisa fútil.

— Tua mulher chama-te, disse-lhe a mãe.

O Leonel, como que acordando de um sonho, foi ter com ela, respondendo com toda a gravidade às perguntas que lhe eram feitas.

— Então nem ao menos me dás um beijo! exclamou Lígia com a seta da desconfiança a ferir-lhe o coração duas horas depois de casada!

Automaticamente, o Leonel beijou-a no rosto umas poucas de vezes; mas com a sua fina percepção de mulher, Lígia percebeu que aqueles beijos não tinham calor, nem expressão, nem intencionalismo.

Um mundo de suposições, qual delas a mais dolorosa, atravessou o cérebro da gentil mulher, magoando-a profundamente.

— Anda cá, Leonel, disse ela sentando-se num sofá; sê franco, diz-me: tu namoravas alguma rapariga ou tinhas alguma amante?

— Não, Lígia. Juro-te pela vida de minha mãe. Nem namorava rapariga alguma nem tinha nenhuma amante. Nunca namorei nem nunca tive amantes, podes acreditar.

Havia tanta sinceridade na maneira como ele dissera aquelas palavras e o seu rosto conservava-se tão tranquilo, que Lígia não duvidou mais.

— Perdoa-me ter duvidado de ti, exclamou ela abraçando-o carinhosamente. Mas, vejo-te tão indiferente e frio, que cheguei a desconfiar que a recordação de outra mulher te preocupasse ao ponto de te esqueceres de mim.

Ele sorriu-se franca e lealmente, e fazendo um esforço, enlaçou-a nos braços e beijou-a nos lábios vermelhos e quentes.

Lígia sentiu a vertigem da voluptuosidade, apertou-o ao coração e soltou um suspiro, cerrando as pálpebras veludíneas que encobriam o brilho esmeraldino dos seus verdes olhos.

*

Tim, tim, tim, tim, tim, tim, tim, tim, tim, tim.

Onze horas da noite dadas no elegante relógio de bronze dourado e jaspe colocado sobre o artístico fogão de mármore do *boudoir* que precedia o quarto de Lígia.

Sentado na magnífica *chaise-longue* forrada de peluche grená com guarnições de cetim verde-malva, o Leonel, ainda encasacado, olhava abstratamente as velas de cera cor-de-rosa que ardiam serenamente nas duas serpentinas de cinco lumes que ladeavam o relógio. Estava muito pálido e nervoso.

A esposa retirara-se havia pouco, dizendo-lhe que quando tocasse a campainha elétrica podia entrar na alcova nupcial.

Leonel aguardava esse momento, que para todos os homens constitui o mais inolvidável de toda a sua existência, com o mesmo terror com que um condenado a pena última espera tristemente na prisão a leitura da fatal sentença.

Lígia, lembrando as cenas de amor que a sua amiga do Rio lhe confidenciara, perdera essa timidez e indiferença que tinham presidido à sua noite de núpcias com o primeiro marido, e tornara-se *coquette*.

Demais, amava o Leonel e desejava-o carnalmente no acordar de uma voluptuosidade intensa, própria dos seus esplendentes trinta e dois anos tão cheios de vida e de seduções.

Vestira uma leve camisa de seda gris, opulenta de rendas e extremamente decotada, deixando-lhe a descoberto os seios olímpicos de Vénus gloriosa, conservara calçadas as lindas meias do noivado e as ligas luxuosas com fivelas de diamantes, e soltara os abundantes cabelos que lhe emolduravam deliciosamente o rosto sedutor e insinuante.

Perfumara as carnes brancas e rijas com a mais fina essência de *muguet*, de Deletrez, tirara os anéis preciosos, conservando apenas a aliança conjugal, e estendendo o braço alvo e torneado que era um encanto, fez soar o timbre dando sinal ao marido.

O Leonel, ao ouvir aquele sinal, teve um sobressalto comparável ao que Ernâni deveria ter sentido quando a buzina de Rui Gomes da Silva lhe recordou o seu terrível juramento^[1].

Ergueu-se do sofá e trémulo, agitado, frio, com todo o sangue a paralisar-lhe nas veias, afastou o reposteiro e entrou no quarto.

Lígia sorriu-lhe amavelmente e disse-lhe:

— Creio que não te deitarás de casaca...

— Ah, respondeu ele, eu já me dispo.

E nervosamente, atabalhoadamente, começou a despir-se, atirando com o fato ao acaso para cima das cadeiras.

Lígia reparou naqueles modos, mas atribuiu-os a um frenesim sensual, à pressa de ele se encontrar nos seus braços, e esta ideia sorriu-lhe à sua imaginação de mulher enamorada.

Quando ele se meteu na cama com a maior reserva e pudicícia, ela cingiu-o ao coração e disse-lhe após um longo beijo de amor:

— Como eu te amo, meu querido Leonel!

Ele não respondeu, e afastou-se um pouco subtil e suavemente do contacto dessas carnes frescas de mulher nova, que tinham a macieza de veludo.

Lígia esperou o que naturalmente toda a mulher espera em semelhante ocasião, tanto mais uma viúva de trinta e dois anos.

O marido, porém, mantinha-se insensível!!

Ela então perdeu as reservas e acanhamentos.

Era necessário ter arte e audácia para vencer o que julgava a timidez daquele homem quase uma criança, e reflexionando que a sua idade e posição lhe davam direitos soberanos, apoderou-se do marido com todas as liberdades e seduções de uma mulher *coquette* e desejosa.

Tudo quanto aceitavelmente sensual uma mulher pode exercer, para despertar os desejos do homem amado, ela exerceu com a mais requintada galanteria e coquetismo.

O Leonel porém, estava morto...

— Mas que te passa, filho? que tens tu? o que é isto? exclamou nervosa, fixando o marido com persistência, como querendo ler-lhe no olhar a revelação daquele terrível mistério!

— Sabes, disse-lhe ele muito triste, o médico disse-me que por muito tempo ficaria assim em resultado da queda!

Lígia soltou um grande suspiro, beijou o marido na fronte e depois desatou a chorar convulsivamente.

Ele afagava-a como um autómató, declarando-lhe que tinha fé que aquilo havia de passar, e para que ela dormisse melhor, descalçou-lhe as lindas meias, pensando que o Liberato havia de gostar muito de o ver com umas assim!

Apagaram a luz, e durante muito tempo o Leonel ouviu o choro abafado e convulsivo da esposa, até que adormeceu eram quase quatro horas da madrugada.

Ao almoço, a tia Benedita, que nessa noite ficara em casa de Lígia, pois se sentira um pouco indisposta depois do jantar, vendo-lhe os olhos vermelhos e as fundas olheiras que os bistravam, pois a desditosa

senhora não dormira um minuto sequer, sorriu-se com finura e murmurou:

— Desta vez sim!!

X

Passaram-se três semanas.

Velhacamente, o Leonel medicamentava-se para fingir que procurava curar aquele mal, que era nada mais nada menos que a destruição de todos os sonhos de ventura de sua esposa.

Lígia caíra numa tristeza profunda, e quando estava só, chorava ardentemente a sua desdita.

Acreditara na desculpa que o marido lhe dera, e era ela própria quem queria dar-lhe as fricções prostáticas, causando-lhe, porém, espanto a esquisita conformação genital do Leonel, de um raquitismo infantil, que não tinha comparação possível com a do seu primeiro marido, banal e antiartístico, é certo, mas homem perfeito e viril na mais lata aceção da palavra, apesar dos seus cinquenta e seis anos quando falecera.

Pensava que, mesmo que ele se curasse, nunca teria mais do que um rudimento de marido, ridículo e raro, que lhe mataria todas as suas ilusões e projetos.

Um dia, não podendo conter-se, contou tudo à tia Benedita.

Precisava desafogar com alguém a sua grande infelicidade, e só na tia, que amava como mãe, tinha a confiança precisa para semelhantes revelações.

D. Benedita, pitadeando-se, ouviu-a com atenção, pendulando o corpo na sua cadeira de rodas.

— Isso que acabas de contar-me é grave, sobrinha, respondeu ela. Depois... é teu marido e gostas dele, não é verdade?

— Sim, tia, amo-o muito, e mesmo por lhe ter amor é que mais soffro.

— Enfim, sobrinha, tem paciência, espera que ele se cure.

— O demónio é o resto que me contaste. Contra isso é que não há mudanças possíveis. Cada um é como Deus o fez!

E tomando nova pitada rematou:

— Parece-me, sobrinha, que não foste feliz no teu segundo matrimónio.

Lígia começou a chorar.

Também ela participava daquela desconfiança da tia Benedita.

*

O Leonel pediu a Lígia para dormirem em leitos separados, enquanto não se achasse bom.

Lígia acedeu, mandando arranjar-lhe o quarto na antecâmara do seu.

Aquela casa tornara-se um repositório de mágoa em vez do hilariante e festivo ninho de amor a que fora destinado.

O Leonel saía todas as noites. Às onze horas, o mais tardar meia-noite, quando recolhia, já a esposa estava deitada. Almoçavam e jantavam juntos, trocando poucas falas.

O estado doentio permanecia o mesmo.

Demais, ele, além de não ter uma conversação interessante e animada, era frio e indiferente.

Beijava-a por cortesia, tratava-a com toda a consideração e respeito, e passava horas esquecidas a falar com os papagaios e a brincar com dois gatos angoras que lhe tinham dado de presente.

Lígia começou a sentir um enorme vácuo no coração e a compreender que se enganara, deixando-se seduzir pela beleza estética daquele homem, que no fundo era um banal e um ignorante hediondo, como em pequeno fora sempre um pateta e um piegas irritante.

Para quebrar a monotonia daquele viver horrendo, iam às vezes ao teatro, o que muito o contrariava, porque nessas noites não podia encontrar-se com o Liberato, que debalde o esperava na casinha da rua do Trombeta, que o Leonel tinha alugado e mobilado ao seu gosto, vingando-se assim da partida que o conde da Lagoa Escura lhe fizera.

Sempre muito elegante, era esta a única qualidade recomendável do mísero efebo.

Lígia sofria terrivelmente, porque quantos mais dias passavam mais verificava que tendo adquirido um marido fisicamente inútil, se ligara a um homem intelectualmente abaixo de toda a crítica.

Além de possuir bom gosto para ornamentações, o Leonel não sabia mais nada!

No entanto, parecia viver feliz. Comia bem, dormia magnificamente e os seus modos eram alegres e satisfeitos!

Esta boa disposição do ânimo do marido mais a irritava, e o seu amor-próprio de mulher nova e formosa começou a sentir-se ferido.

Parecia-lhe impossível que, dado o que se dava, aquele homem pudesse viver satisfeito!

Não sabia já dizer se ainda o amava ou se principiava a ter-lhe aversão.

O seu cérebro e o seu espírito debatiam-se numa luta medonha, rodeada de todos os confortos e comodidades que a sua grande fortuna lhe facultava.

Teve mesmo a superstição de que aquela desventura era uma vingança da alma do Bernardino que fora tão seu amigo, que lhe dera todas as felicidades materiais da vida, que a fizera rica e a quem ela nunca amara!

Tão pouco tempo guardara fidelidade à sua memória, que ele obrigara-a a ser-lhe fiel, dando-lhe um marido mais inútil que um eunuco!

E aterrava-a a ideia fixa, vívida, como um remorso, de que semelhante situação não podia acabar bem.

Desesperada, consultou o antigo médico de sua casa, homem experiente, já velho e de grande respeitabilidade.

O médico, que conhecia a crónica do Leonel, sorriu-se, depois fez uma cara triste e por fim respondeu:

— A doença de seu marido, minha senhora, parece-me incurável!!

— Porquê, doutor?

— Pancadas nesse sítio são sempre perigosas, quando não são fatais, e implicam com outros órgãos das proximidades... que é talvez aí onde reside todo o mal...

Lígia não percebeu o intencionalismo destas palavras e ficou muito impressionada com a declaração do médico.

— Mas... insistiu, não haverá meio de o curar?

O doutor limpou os vidros da luneta e respondeu:

— Creio que já é tarde...

*

Uma noite, Lígia, quando o marido veio jantar, disse-lhe:

— Esta noite vamos a S. Carlos; mandei alugar uma frisa.

O Leonel empalideceu.

S. Carlos era o teatro do conde, do capitalista Couto, do Safreti, do Dr. Sinfrónio Vareta, e de tantos outros sodomitas que o conheciam e que cá por fora faziam uma troça medonha ao seu casamento.

Não havia, porém, maneira de dizer que não, tanto menos que Lígia, nervosa e excitada, perdera muito do modo amorável e afetuoso dos primeiros dias de casada.

Encasacou-se, pois, e às oito e meia, estava com ela no teatro, provocando a beleza da gentil mulher as atenções de todos os homens e mesmo das outras mulheres.

Lígia estava verdadeiramente sedutora na sua esplendente *toilette* de crepe da China, lilás, com rendas brancas, e decotada, evidenciando a formosura clássica do colo e a garganta escultural, onde cintilava um magnífico colar de pérolas e diamantes.

Pouco antes da orquestra romper a sinfonia, entrou na plateia um tenente de cavalaria, magnífico tipo de homem desembaraçado e gentil, que cumprimentou várias famílias que estavam nas frisas e nos camarotes de primeira ordem.

Lígia viu-o e teve um sobressalto.

Aquele tenente era o mesmo que lhe fizera a corte pouco antes de casar com o Leonel e que lhe escrevera aquela carta apaixonada, que ela rasgara com a maior indiferença.

Também ele a viu e ficara extático a contemplá-la, numa adoração fixa, que chegava quase a ser impertinente!

Lígia desviara a vista e atendeu o marido que lhe dizia:

— Olha, os colarinhos para casaca já não são tão altos como os que se usavam a época passada!

Ela olhou-o com um modo aborrecido e comiserativo, e não lhe respondeu.

No intervalo do primeiro ato, o tenente chegou-se ao Raul de Noronha, um dos mundanos mais elegantes e conhecidos de Lisboa, e disse-lhe:

— Tu conheces aquele homem e aquela mulher que estão na frisa 17?

— Perfeitamente, respondeu o outro.

— Quem são?

— Ele, é o Leonel Martins da Gama Cabral, ex-amante do conde da Lagoa Escura, que o abandonou por o ter encontrado em flagrante delito de adultério com um marmanjo qualquer da sua especial predileção. Ela é sua esposa legítima, viúva de um brasileiro que lhe deixou a bagatela de trezentos contos e pico.

O Nuno de Mascarenhas encarou o amigo com ar de dúvida.

— Isso que tu acabas de me dizer é verdade ou é chalaça tua?

— Porquê? Ignoras quem é aquele refinado?

E o Raul baixou a voz.

— Ignoro.

— Pois, meu velho, já vejo que não conheces os escândalos desta cidade de mármore e de granito à beira mar plantada. Pergunta ao Safreti e ao Couto capitalista quem é aquele figurão, e eles te darão todas as informações que desejares. Aquilo foi sempre assim desde a escola.

— E a mulher sabe?

O Raul encolheu os ombros.

— Isso agora só ela o pode dizer. Que parece que não vive satisfeita, desconfio naquela expressão melancólica e triste que sempre conserva.

— E porta-se bem?

— Creio que sim. Pelo menos ainda não ouvi a menor referência em seu desabono, apesar do espanto de que toda a gente está possuída por ter escolhido para esposo um mariolão daquela laia.

Ia começar o ato.

Os dois amigos apertaram as mãos e sentaram-se nos seus lugares.

De vez em quando, o Nuno olhava disfarçadamente para a frisa onde estava Lígia com o marido, cuja aparição, na sua dupla qualidade de homem casado e de antiga mulher, fora o assunto de todas as conversas antes de começar o espetáculo e no intervalo do primeiro ato.

De uma das vezes pareceu-lhe que ela o estava mirando, e por mais duas vezes os seus olhos se encontraram rapidamente, porque Lígia baixara-os logo com aquela infinita expressão de tristeza que agora se lhe notava e que fazia com que a D. Eudóxia dissesse confidencialmente à D. Benedita que desconfiava que a sua afilhada e nora andava grávida!!!

— Do Espírito Santo, respondeu a boa velhota sorrindo-se.

À saída, o Nuno veio esperá-la no salão.

Lígia apareceu pelo braço do marido e ao passarem por diante de um grupo ouviram-se várias tosses secas e algumas risadas irónicas.

Neste rápido trajeto, de novo os seus olhos se encontraram, mas desta vez Lígia fixou-o bem.

O Nuno ficou indeciso. Achava estranha a fixidez e a expressão daquele olhar sereno, firme e indecifrável que ela lhe lançara.

Quando se achou dentro do trem, Leonel respirou. Toda a noite estivera sobre brasas.

A insistência com que certos tipos o olhavam, conversando depois em voz baixa e acabando alguns por soltarem sonoras gargalhadas, deu-lhe a perceber que se ocupavam da sua pessoa.

Jurou aos seus deuses que tão cedo não iria com a esposa ao S. Carlos.

O Nuno, depois de eles saírem, dirigiu-se ao Tavares para tomar um cálix de *cognac*, e toda a noite levou a pensar se deveria escrever a Lígia ou desvendar primeiro o mistério que certamente existia na sua vida matrimonial.

Se ela conhecia o nível moral do marido e a sua desqualificação como homem, era sem dúvida tão pulha e devassa como ele.

Se ignorava estas circunstâncias, tendo-o na conta de pessoa honrada e digna, laborava num triste erro queurgia aclarar-lhe.

A noite trouxe-lhe bom conselho, e de manhã a sua linha de conduta estava traçada.

Começou por indagar onde Lígia morava, o que obteve facilmente. Em seguida, por intermédio do seu impedido, que era amigo do guarda-portão da casa dela, soube que o Leonel saía quase todas as noites, só, aí pela volta das nove horas, recolhendo às onze e meia, o mais tardar à meia-noite.

Tratou de o espionar.

Ao tempo, já soubera tanta coisa a respeito dele, que quase lhe não restavam dúvidas que Lígia era vítima da mais ignóbil das mistificações.

O Safreti, piadista e irónico, contara-lhe tudo quanto o conde da Lagoa Escura lhe revelara a respeito do extraordinário efebo.

Era simplesmente hediondo!

Apurou, pois, que o Leonel saía todas as noites, conforme o seu impedido lhe dissera, e muito rápido, em passadinhas miúdas de mulher, vinha Avenida abaixo encontrar-se com um tipo alto, espadaúdo, de grande bigodeira façanhuda, que o esperava defronte do elevador da Glória, metendo-se ambos no mesmo elevador ou passeando na Avenida um bocado, até que seguiam o caminho descrito.

À terceira vez, o tenente seguiu-os, e à distância viu-os entrar para a casinha da rua do Trombeta.

Mais quatro vezes verificou a mesma cena.

Era mister, pois, indagar que casa era aquela e quem nela vivia.

Tinham decorrido assim duas semanas.

No domingo, da segunda, fazia um lindo dia de março batido de sol e salubrizado por uma fresca aragem de nordeste, o Nuno cruzou na Avenida o seu belo cavalo de Alter com a bem posta carruagem de Lígia, que passeava, acompanhada pelo esposo, muito aborrecido, olhando para aquilo tudo com o seu olhar parado, imbecil e enigmático.

De novo os seus olhares se cruzaram, mantendo o de Lígia a mesma fixidez com que o tinha fitado no salão de S. Carlos.

O Nuno andava nervoso e excitado. Preocupava-o o interesse de levar ao fim a conclusão daquele caso, que lhe parecia de sobeja importância.

Com toda a reserva, indagou a quem pertencia a casa da rua do Trombeta.

— Olhe, meu senhor, disse-lhe uma mulher baixa e gorda a quem se dirigira, que morava defronte e que estava a estender roupa numa corda presa na parede, quem o pode informar é a senhora Angélica, que

é quem trata da casa.

— E onde mora a senhora Angélica?

— Ali, ao fim da rua, naquela portinha baixa que tem o postigo aberto.

— Já sei, muito obrigado.

— Não há de quê; vá com Nossa Senhora.

O Nuno dirigiu-se à porta indicada e bateu uma argolada.

— A senhora Angélica mora aqui? disse para a mulher que acudira ao chamamento.

— Sou eu mesma, senhor tenente. Há alguma novidade a respeito do meu neto? inquiriu assustada.

— Do seu neto?

— Sim, senhor tenente, do meu Francisco, que é soldado de Cavalaria 4; parece-me que é o regimento de V. Ex.^a.

— Ah, do 27 da 3.^a, não é verdade?

— Sim, meu senhor.

— Pertence à minha companhia e é bom rapaz, tanto que desejo que o promovam a cabo.

O rosto da senhora Angélica irradiou de alegria.

— Ah, senhor tenente, era um grande favor que V. Ex.^a me fazia, mas desculpe não o ter mandado entrar. Esta minha cabeça, esta minha cabeça!

— Entro, porque tenho que falar-lhe em particular.

A senhora Angélica abriu a porta e o tenente entrou. Ela ofereceu-lhe logo uma cadeira.

— Estou às ordens de V. Ex.^a.

— Ora diga-me cá: vossemecê não é a mulher que trata daquela casa aqui da rua, que tem só rés-do-chão e primeiro andar?

— Sou, sim, meu senhor, mas...

— De quem é essa casa?

— O senhorio é...

— Não lhe pergunto pelo senhorio, mas sim quem mora lá.

— Pois lá não mora ninguém.

— Não mora ninguém!?

— Eu lhe digo: ela está alugada a um rapaz muito novo e janota que quase todas as noites lá vai.

— Há quanto tempo?

— Há dois meses. Essa casa tem coisas muito esquisitas. Esteve muito tempo alugada a um sujeito de idade, que parecia muito rico, e na sala estava o retrato do rapaz que a alugou agora. Um belo dia levaram os móveis, e tal sujeito despediu-me dizendo que já não precisava da casa. Esteve quase um semestre com escritos, até que o atual inquilino a alugou e mobilou com todo o luxo. Está um luxo. Está um brinco.

— E sabe se vão lá mulheres?

— Nunca vi entrar nenhuma. Aí está outra ratice.

— Porquê?

— Porque lá dentro há roupas brancas e calçado de senhora. Muita dessa roupa finíssima, mando eu lavar e engomar.

O Nuno meditou um momento.

— Eu tinha grande interesse em que vossemecê me fizesse um favor, que eu saberia recompensar, principiando por fazer cabo o seu neto.

— Oh, meu senhor, se estiver na minha mão há de ser servido, juro.

— Está.

— Então diga.

— Vossemecê tem as chaves dessa casa?

— Tenho, sim, senhor, para fazer as limpezas todas as manhãs.

— Precisava que me as emprestasse até amanhã. A senhora olhou-o admirada.

— O senhor tenente quer entrar lá?

— Quero. Descanse que não se trata de nenhuma mulher que atraíçoe o marido, nem de nenhuma vingança, ou da mais pequena coisa que a possa comprometer.

— Oh, meu senhor, mas eu sou a responsável!

— Já lhe disse que pode estar tranquila; dou-lhe a minha palavra de honra.

— E o meu neto será cabo?

— Há de ser, afirmo-lhe.

— Veja o que faz, senhor oficial. Pelo amor de Deus, não me comprometa.

— Tranquelize-se, senhora Angélica, isto é uma simples curiosidade e nada mais.

— Eu fio-me no senhor, ouviu?

— Pode fiar-se.

— Então aqui estão as chaves. A mais comprida é da porta da rua e a outra a da saleta.

O Nuno guardou-as no bolso.

— Amanhã cá lhas trago.

— Sem falta, senhor tenente, por causa da limpeza.

— Às dez horas cá as tem. É tarde?

— Até ao meio-dia não me fazem falta.

— Bem, tome lá para rapé.

E o Nuno deu-lhe quatro coroas.

Ela não queria aceitar.

— Guarde, guarde, que isto não tem nada com a promoção do seu neto.

*

O Nuno dirigiu-se logo a um serralheiro e mandou com toda a urgência fazer duas chaves iguais

àquelas. À tarde estavam prontas.

Nessa noite viu o Leonel entrar em casa passava das onze e meia.

Embrulhado no seu capote, dirigiu-se à rua do Trombeta, silenciosa e solitária àquela hora.

A empresa era arriscada e por demais criminosa, de entrar na casa alheia com chaves falsas. Ele, porém, precisava saber tudo, absolutamente tudo.

Abriu a porta e entrou na escada, acabava de dar meia-noite na torre de S. Roque.

Subiu às escuras e aplicou o ouvido à porta. De dentro não vinha o mais leve ruído nem o mínimo raio de luz.

Meteu a chave na fechadura e entrou.

Os seus pés encontraram uma alcatifa felpuda e macia que abafava os passos.

Riscou um fósforo e avançou na sala. As portas de dentro estavam fechadas. Acendeu uma das velas das serpentinas colocadas sobre o Boule, e examinou o aposento. Estava mobilado com fino gosto e suprema elegância.

Por cima do sofá viu magnificamente emoldurados na mesma moldura o retrato de dois homens. Conheceu-os.

Um, o mais novo, era o marido de Lígia; o outro era aquele marmanjola que o acompanhava sempre.

Dirigiu-se à alcova e viu o leito desmanchado, as roupas em desordem, e sobre uma linda bata de peluche vermelha, um par de meias de seda azuis claras, umas ligas vermelhas e um par de sapatinhos de cetim cor-de-rosa.

— Diabo, pensou ele. Isto são trajes de mulher!

E ficou perplexo, porque do muito que lhe tinham contado a respeito do Leonel escapou este detalhe curioso.

Percorreu toda a casa, e verificou que junto da alcova havia um quarto quase vazio onde apenas estavam malas, panos do pó, vassouras, alguma roupa de homem, caixotes de vinho do Porto e outros objetos que indicavam que esse quarto servia de arrecadação e não era frequentado. A um canto tinha uma grande cesta para roupa e várias caixas de madeira vazias. Comunicava com o corredor por uma porta com chave. Em caso de necessidade fechar-se-ia por dentro.

Examinou as paredes e não viu maneira de as furar para observar o que se passasse na alcova.

Mas, se não era possível ver, tudo quanto se ouvisse chegaria ao tímpano com uma nitidez perfeita.

Estava resolvido.

Na manhã seguinte entregou as chaves à senhora Angélica, que o olhava desconfiada.

— Enganei-me, disse-lhe ele sorrindo-se e retorcendo o bigode. Não encontrei lá o que desconfiava.

— Oh, senhor tenente, pela sua boa sorte não diga a ninguém que eu lhe emprestei as chaves!

— Claro que não digo. Isso é segredo de nós os dois. Olhe, já hoje falei ao capitão a respeito do seu neto. A coisa vai bem encaminhada.

— Deus lho pague senhor tenente, Deus lho pague. Se vejo o meu Francisco cabo não *acredito*.

— Pois há de ver.

*

Às oito e meia da noite, o Nuno dirigiu-se à rua do Trombeta e entrou na casa, rapidamente, sem despertar suspeitas. A senhora Angélica tinha a sua porta fechada.

Encerrou-se no quarto das arrecadações, fechando-se por dentro, e esperou.

Estava numa ansiedade terrível e seguia com impaciência o bater igual e metálico da máquina do seu relógio.

Ouviu a pêndula da sala bater as nove horas e, logo quase a seguir, o relógio da casa de jantar dar as mesmas.

Decorreu mais meia hora, longa e aborrecida como se pode imaginar.

Finalmente, ouviu abrir a porta da escada e brilhar luz pela bandeira do quarto.

Sentiu vozes de homens e um deles dizer para outro:

— Espera meu amor, que eu vou vestir-me. Fuma esse charuto que é delicioso.

Espreitou pelo buraco da fechadura do quarto e reconheceu o Leonel, que avançava rapidamente pelo corredor, fazendo ranger as suas belas botas de verniz.

O que ficara na sala cantarolava a meia-voz uma moda popular.

De novo, após alguns minutos, sentiu passos no corredor e tornou a ver o Leonel, de bata de peluche, curta adiante, e sapatinhos de cetim cor-de-rosa, e meias pretas bordadas!

Ficou como que petrificado! Agora tinha a revelação do mistério de naquela casa, onde não entravam mulheres, existirem roupas femininas.

Sentiu que eles riam e falavam, mas não pôde perceber o que diziam, porque os pesados reposteiros das portas abafavam as vozes.

Passados talvez uns vinte minutos sentiu-os entrar na alcova.

Colou o ouvido à parede:

— E tua mulher continua com maus modos? perguntou aquele que tinha voz mais forte e áspera.

— Maus modos não digo, filho, mas olha-me de uma maneira esquisita, que me deixa bastante desconfiado. Já me não beija nem acarinha e...

— E tens muita pena disso?

O Leonel soltou uma gargalhada.

— Bem sabes que para mim, festas de mulher não valem nada.

— Disseste isso de um modo!...

— Para estares ao facto de tudo.

— Ela um dia raspa-se com algum súcio.

— Tomara eu que o fizesse, que já estou farto desta comédia, mas creio que o não fará, porque é muito séria e honesta.

— Acredita na tua doença?

— Ao princípio acreditou. Agora não sei. Nunca mais tratou de mim, nem entra no meu quarto.

— Assim está bem.

E o Nuno, com o sangue em fogo, ouviu o ruído de um beijo!!

*

Por mais de uma vez, Nuno esteve para abrir a porta e desatar à pancada àqueles dois devassos da mais ignóbil espécie, tais eram as coisas medonhas que ouvia na alcova e que lhe davam a impressão da cena que se estava passando. Conteve-o a ideia de que se encontrava na casa alheia, onde entrara com chaves falsas como um criminoso, e não saberia como, sem declarar que amava Lígia, justificar aquela invasão de domicílio, para a qual não lhe assistia nenhum direito legal.

Até às onze horas e meia teve que inteirar-se de toda aquela medonha crápula que excedeu tudo de quanto até ali, acerca do género, tinha conhecimento!

Era meia-noite e meia hora quando saiu para a rua, com a cabeça atordoada por tantas baixezas e perversões que lhe pareciam um sonho febril.

A inocência de Lígia estava de sobra comprovada.

Agora era dever de homem, *abstraindo* mesmo o sentimento amoroso que ela sempre lhe inspirara, arrancá-la da união daquele biltre indecentíssimo, a quem dera a mão de esposa, cujo nome usava, e com quem aparecia na sociedade, deixando dúvidas acerca da sua ignorância ou conivência nos vícios desse homem.

O mundo é mau e podiam julgar dela aquilo que ela realmente não era: uma miserável tão devassa e imoral como o marido!

Nuno amava-a bastante para não ter dúvidas em a salvar desta triste e desonesta situação.

XI

Eram onze horas da manhã, dirigia-se Lígia para a mesa do almoço, linda e gentil, no seu magnífico robe de crepe da China com rendas cremes, os cabelos esplendentes presos num gancho de ouro, e as mãos brancas esculturais, aristocráticas e cuidadas a primor, recamadas de anéis de fino gosto, quando o criado lhe apresentou, numa salva de prata, uma carta que um moço acabava de trazer.

Lígia reconheceu a letra. Era da D. Eudóxia, sua sogra e madrinha.

Abriu-a e leu.

A mãe de seu marido participava-lhe que a tia Benedita, que se sentira muito incomodada depois do chá, tivera de madrugada o ameaço de uma congestão cerebral, sendo logo chamado um médico que declarou perigoso o seu estado.

— Há alguma novidade? inquiriu o Leonel sentando-se à mesa e compondo o laço da gravata.

— Lê, respondeu Lígia, e apresentou-lhe a carta.

— Está velhinha, está velhinha, comentou servindo-se da *mayonnaise* de lagosta que o criado lhe apresenta.

Lígia levantou-se da mesa.

— Não almoças?

— Não. Almoça tu.

E chamando o criado, disse-lhe:

— Ó Bernardo, dê-me um copo de leite e mande já aprontar o trem.

O Leonel encolheu os ombros.

— Serve-me depressa para eu acompanhar a senhora, disse ao criado.

— Não te incomodes, observou Lígia com aquele modo triste e melancólico que nunca mais a deixara desde a manhã seguinte à noite do seu casamento com o Leonel.

— Não me incomoda nada. Sempre fui muito amigo de tua tia e o meu dever é ir saber do seu estado visto estar mal.

— Faze o que queiras.

E Lígia retirou-se aos seus aposentos para se vestir. Em menos de meia hora metia-se no trem com o marido e dirigia-se a casa de D. Benedita.

A pobre senhora estava muito perigosa. O ataque repetira-se às nove da manhã e deixara-a parálitica de todo o lado esquerdo, com a boca torcida e o olho pasmado e meio fechado, numa expressão horrível que pronunciava a morte. Perdera a noção das coisas e não reconheceu a sobrinha. Às três da tarde teve o terceiro ataque, fez um esforço para dizer qualquer coisa, olhou para Lígia, e expirou serenamente sem soltar um ai, sem aflições nem torturas.

Contava sessenta e seis anos incompletos.

D. Eudóxia ofereceu-lhe um lugar no seu jazigo enquanto se não concluía o que Lígia mandara

construir para si no cemitério dos Prazeres.

Com esse espírito serviçal, que era inato em Leonel, tratou do enterro com toda a solícitude.

Lígia, rigorosamente vestida de luto, acompanhou ao cemitério o cadáver daquela boa mulher que lhe servira de mãe e que, por laços de parentesco, era irmã de sua mãe.

E durante oito dias, as portas do seu palacete conservaram-se cerradas em sinal de sentimento.

O Nuno soube deste facto e, como homem fino e delicado que era, resolveu deixar decorrer algum tempo antes de por em prática o que resolvera.

Verificou porém, que o Leonel, que durante três noites não saíra, logo na quarta fora para a casa da rua do Trombeta em companhia do Liberato.

Decorrida uma semana após a morte de D. Benedita, Lígia recebeu pelo correio a seguinte carta, que leu duas vezes entre admirada e surpreendida:

Ex.^{ma} Sr.^a

Dão-se na vida matrimonial de V. Ex.^a factos de tal gravidade, que a minha dignidade de homem e a simpatia que sempre me mereceu não pode consentir que eles persistam sem ter com V. Ex.^a uma conferência importante.

Neste desejo abduco por completo de todos os sentimentos que em tempos manifestei a V. Ex.^a quando ainda estava viúva.

Prezo-me de ser um homem de bem, e se lhe mereço confiança, V. Ex.^a me indicará o dia e a hora em que me pode ouvir, pois o que lhe tenho a comunicar é grave e implica na sua reputação e honestidade.

De V. Ex.^a

At.^o Ven.^{or} com todo o respeito e consideração^[2]

Nuno de Freitas e Vasconcelos.

P. S. — V. Ex.^a pode responder-me para o “Grémio Literário”, Rua Ivens.

Lígia ficou pensativa.

Aquela carta era do tenente que lhe fizera a corte pouco antes de ela casar com o Leonel, e que em S. Carlos não deixara de a contemplar.

Mas, na sua vida matrimonial dava-se realmente um facto tão grave, e que tão doloroso era, que ela ansiava por lhe conhecer as causas.

Desconfiou logo que se tratava de qualquer amante do marido e, nestes termos, não hesitou mais, escrevendo ao Nuno a seguinte resposta:

Ex.^o Sr.

Amanhã, às duas da tarde, espero-o em minha casa.

Lígia.

E durante vinte e quatro horas o seu cérebro perdeu-se num verdadeiro mar de conjeturas, na expectativa de uma revelação que lhe provasse que o Leonel amava outra, de tal maneira que lhe era

absolutamente impossível cumprir com os seus deveres matrimoniais!

A desconfiança da existência de uma amante enquistara-se no cérebro de Lígia de uma forma irreduzível.

Sagaz, percebia que o marido estava magnificamente disposto de saúde, comia muito bem e nunca mais cuidara de dar as fomentações destinadas a extinguirem aquele estado que ele atribuía à queda que dera da bicicleta.

À custa de bom dinheiro, mandara-o espionar por pessoa de toda a confiança, e ao cabo de oito dias soube que ele ia quase todas as noites a uma casa da rua da Trombeta em companhia de um homem alto e espadaúdo, com o qual se encontrava quase todas as noites.

Mais lhe garantiram que nesta casa isolada não habitava mulher alguma, nem para lá se via entrar de dia ou de noite qualquer outra, além da velha Angélica encarregada da limpeza, e que fora quem fornecera estas indicações.

Angélica acrescentara, porém, que na casa existiam trajes femininos luxuosos e de apurado gosto, e este detalhe levara Lígia ao convencimento de que, fosse como fosse, àquela casa que seu marido frequentava iam mulheres, ou *mulher*, aquela que lhe roubava desde o primeiro dia do seu casamento com o Leonel os justos e legais direitos da sua qualidade de esposa.

Demais, o modo indiferente, embora muito respeitoso e cortês, com que o marido a tratava, mais afirmaram no convencimento em que estava.

Precisava sair daquela situação que se lhe tornara horrendamente intolerável, tanto mais que morta sua tia Benedita, não tinha com quem desafogar a enorme mágoa que lhe enlutava a alma.

A carta do Nuno fora como que a esperança da desvendação desse mistério, que para ela constituía uma verdadeira tortura, um martírio indefinível de todas as horas e de todos os momentos.

Em sua casa não tinha o menor receio que o tenente lhe faltasse ao respeito, e, à mínima falta de cortesia ou frase que pudesse ferir a sua dignidade de mulher honesta, mandá-lo-ia pôr fora pelos seus criados.

Parecia-lhe, porém, que tal não havia de suceder, porque o Nuno portara-se sempre com a maior correção, além de que a sua qualidade de oficial brioso e digno, filho de mais a mais de gente de alta sociedade, lhe dava garantias de que ele, embora em tempo lhe houvesse feito a corte, saberia portar-se como um verdadeiro cavalheiro.

A ideia de que viria ao conhecimento da causa da sua infelicidade conjugal sobrepujava, porém, a todos os respeitos e considerações e nestes termos aguardou ansiosa a hora que tinha marcado para o receber.

Às duas em ponto, o Nuno apresentou-se em casa de Lígia; o guarda-portão mandou-o subir e o criado introduziu-o na sala de visitas, elegante e ricamente mobilada, cujas janelas davam para a Avenida, quase deserta àquela hora.

Lígia não tardou a aparecer sedutoramente formosa no seu traje de veludo preto, a que a obrigava o

luto pela tia.

Ele cumprimentou-a, sentindo todo o sangue afluir-lhe ao coração, e ela, sentando-se, indicou-lhe uma cadeira próxima.

— Espero que V. Ex.^a, exclamou Lígia, quebrando aquele silêncio que se tornava embaraçoso para ambos, me explicará claramente o que me mandou dizer na sua carta.

— Minha senhora, respondeu o Nuno, há coisas que pela sua qualidade se tornam tão melindrosas, que se não podem explicar a uma senhora com a clareza que V. Ex.^a, com muita razão, exige.

— Não compreendo bem as suas palavras, observou Lígia.

— Procurarei fazer-me compreender se V. Ex.^a me der licença para lhe falar com a liberdade precisa para essa compreensão.

— Fale, respondeu Lígia simplesmente.

— É certo que o senhor seu marido pretextou sofrer dos resultados da queda que, ainda em solteiro, dera da bicicleta, para não cumprir com os seus deveres conjugais?

Lígia fez-se muito vermelha e respondeu:

— Parece-me senhor, que essa pergunta tem tanto de impertinente como de vexatória para a minha dupla qualidade de mulher e de esposa.

— Sem dúvida, mas da resposta de V. Ex.^a dependem todas as minhas explicações.

Lígia hesitou um momento. Pensou em levantar-se e dar a conferência por terminada, mas o aguilhão venenoso do ciúme feriu-a na alma, e dominando-se respondeu:

— É verdade isso que me diz, e então?

— É verdade também que V. Ex.^a julga que seu marido tem uma amante, por causa da qual mantém esse insólito procedimento?

— É, mas...

— Mas V. Ex.^a tem sido e continua a ser vilmente, infamemente enganada.

— Sempre é certo pois, que ele tem outra mulher?

O tenente sorriu-se.

— Antes fosse isso, replicou.

— Antes fosse isso, diz o senhor?! Porquê, ele não tem amante?

— Eu lhe digo. Pouco depois de ter escrito a V. Ex.^a a minha declaração, parti para o norte para um outro regimento, para onde fui transferido, e como V. Ex.^a não me contestou, não insisti. Quando regresssei a Lisboa, onde me convinha estar, encontrei V. Ex.^a já casada, e em S. Carlos ouvi tanta coisa a respeito de seu marido, que por minha vez também quis saber.

— E o que soube?

— O bastante para pessoalmente ir a uma casa da rua do...

— Trombeta, completou Lígia.

— Ah! V. Ex.^a sabe?! exclamou Nuno, desnortado.

— Sei, uma casa para onde ele vai quase todas as noites em companhia de um homem alto, forte, de grandes bigodes negros, casa onde, segundo me informaram, nunca vai mulher alguma.

— E não lhe mentiram.

— Mas, nessa casa existem roupas de mulher!

— Também é verdade.

— Oh, senhor, que hei de eu então pensar de tudo isto?

— Perdoe-me o que vai ouvir. Seu marido, vicioso da mais ínfima espécie, é que é a amante desse homem que o acompanha.

Lígia ficou estática e como que petrificada, a olhar para o Nuno.

— O que o senhor acaba de me dizer é um horror! E tapou o rosto com as mãos.

— A pura verdade, minha senhora. Eu vi.

— O senhor viu?!

— Não tanto quanto desejava, mas ouvi o bastante para construir o quadro, e pelo que ouvi é que o meu ânimo não sofreu que V. Ex.^a mais tempo permanecesse num engano que é um ultraje e uma vergonha. Se muitas pessoas pensam que V. Ex.^a ignora tudo, outras há que a imaginam cúmplice das baixezas de seu marido.

— Pois há quem me julgue assim? exclamou Lígia, indignada.

— Há, infelizmente; e por haver é que eu, que tanto a amei, não quis vê-la arrastar a sua existência amarrada a uma suspeita que é uma infâmia, e da qual V. Ex.^a está inocente. Se V. Ex.^a me fosse indiferente, pouco ou nada me importaria com a sua vida particular, mas quando se ama uma mulher, como eu a amei a si, não podemos a sangue-frio vê-la alvo do escárnio do mundo com a convicção, aliás, de que ela não é culpada.

Lígia passou as mãos pela fronte escaldante e fez um esforço supremo para dominar a enorme comoção de que estava possuída.

Muito pálida, encarou finalmente o seu interlocutor e, com voz pausada e grave, disse-lhe:

— Senhor Vasconcelos, eu creio piamente que V. Ex.^a é um homem de bem, que honra por igual o seu nome, o seu sexo e a sua farda. Estou mesmo convencida que o senhor era incapaz de, por um despeito de amor não correspondido, vir a minha casa revelar-me monstruosidades do quilate dessas que acaba de dizer-me, assacando-as, sem razão nem fundamento, ao homem de quem uso o nome e que é meu marido. Mas, e peço-lhe que se não ofenda com o que lhe vou dizer, há acusações de tal gravidade e importância, dependem delas de tal maneira o futuro de uma mulher, que lhe pedia a fineza de me facultar os meios de por mim própria avaliar os factos para nunca me restar no espírito a menor hesitação ou dúvida de que laborei num erro, ou, por qualquer motivo embora desculpável me deixei levianamente suggestionar por umas revelações tremendas, cuja impressão moral V. Ex.^a decerto calculará o efeito que terão produzido no meu espírito.

— Encontro toda a razão nas palavras que V. Ex.^a acaba de proferir, e muito ao contrário de me

ofender com elas, agradeço-lhas do mais íntimo da alma, tanto mais que V. Ex.^a me fez um pedido que eu desejava propor-lhe, mas para isso me sentia com pouco ânimo, temendo melindrá-la.

— Compreendo-o, senhor. Realmente o meu pedido talvez lhe possa parecer um pouco leviano e inconveniente. Assim é, na realidade, mas trata-se de meu marido; tenho trinta e dois anos já feitos, e sou uma mulher casada em segundas núpcias. Se todas estas razões não absolvem por completo a inconveniência do meu desejo, justificam-no pelo menos até certo ponto.

O Nuno fez com a cabeça um gesto afirmativo.

— Quero certificar-me em absoluto dessa incrível monstruosidade moral do homem a quem liguei o meu destino, para, sem hesitações nem remorsos, sem fraquezas nem considerações de espécie alguma, quebrar para todo o sempre essa cadeia que julguei ser de felicidade e se me apresenta de lodosa ignomínia.

— Estou em tudo e para tudo às ordens de V. Ex.^a.

— Diga-me, pois, como se poderá realizar o que lhe disse?

— Da mesma maneira que eu realizei a minha curiosidade, também movido pela mesma dúvida que perdura no espírito de V. Ex.^a.

— Como há de ser então?

— Com as chaves que possuo, V. Ex.^a entrará na casa da rua do Trombeta e ocultar-se-á no tal quarto que fica ao lado da alcova. Se tem coragem para permanecer sozinha, eu retiro-me; se quiser que eu esteja, acompanhá-la-ei.

— Muito obrigado pela sua dedicação. Prefiro ficar só. O senhor dispensar-me-á a fineza de me esperar na rua até que eu saia. Podia dar-se um acaso qualquer, e se me encontrassem em companhia de um homem, meu marido tinha o direito de duvidar do meu procedimento, o que seria para mim, num caso destes, a maior das contrariedades.

— E se por eventualidade inesperada esse caso se der?

— Não tenho medo. Sou bastante animosa para encarar de frente a situação. Diga-me: desse quarto vê-se o que se passa na alcova?

— Não, mas hoje vou lá e com uma verruma farei na parede um furo suficiente para V. Ex.^a tudo poder observar.

— Quando poderei ir?

— Amanhã mesmo, se assim o determinar.

— Seja. Às oito e meia estarei nas proximidades da rua. Não se aproxime de mim nem me fale. Basta que abra a porta. Eu entrarei em seguida.

E Lígia levantou-se muito pálida e nervosa.

O Nuno fez-lhe uma vénia e apertou-lhe a mão perfumada, alva, escultural, recamada de anéis preciosos, que ela lhe estendeu.

Quando o portão se fechou sobre ele, a pobre senhora deixou-se cair numa cadeira, dominada por um

ataque de choro convulso, que era a contracrise dos seus nervos até ali sopeados por uma grande tensão de energia e força de vontade.

E nessas lágrimas que lhe ressaltavam dos formosos olhos sobre o veludo do espaldar da cadeira, afundava-se de vez toda aquela esperança de felicidade e ventura que ela antevira no seu segundo matrimônio.

XII

Oito e meia da noite.

Caía uma chuva miúda e fria que trespassava os ossos e punha nas ruas um lençol viscoso e umas poças de água onde se refletiam os candeeiros da iluminação pública e as luzes dos estabelecimentos quase desertos.

Envolto no seu amplo capote de cavalaria, o Nuno rondava as imediações da rua do Trombeta, fumando o seu inseparável cigarro.

Súbito descobriu ao longe, na rua da Barroca, um vulto de mulher que caminhava apressadamente, resguardando-se da água com o seu guarda-chuva de pequeno diâmetro.

Pela elegância do talhe e maneira de andar, reconheceu Lígia.

Atravessou para o passeio por onde ela caminhava e quando ela, que já o reconhecera, passou junto dele, disse-lhe:

— Siga-me.

Tranquilamente, serenamente, sem despertar suspeitas, o Nuno aproximou-se da casa, meteu a chave à porta e entrou.

Lígia entrou em seguida. Estavam às escuras.

Ele deu-lhe a mão, que através da luva encontrou fria de neve, e guiou-a na escada um tanto íngreme e de degraus estreitos.

Chegado acima, abriu a porta da saleta e acendeu um fósforo.

— Não há tempo a perder, disse-lhe. Eles vêm invariavelmente às nove horas, pouco mais, e como a noite está má não se podem demorar.

— Aonde é o quarto?

— Ali.

E o Nuno, tomando pelo corredor, levou-a ao quarto dos caixotes.

— Por este buraco poderá ver tudo. Eu vou à alcova e depois me dirá se vê bem.

— Pois sim.

O Nuno correu à alcova, acendeu outro fósforo e, aproximando-se da parede, perguntou:

— Vê?

— Perfeitamente, respondeu Lígia.

Deu a volta, e entrando de novo no quarto, perguntou-lhe:

— Sempre quer ficar só?

— Quero.

— Bem. Eu fico na rua até que V. Ex.^a se retire. Aqui tem as chaves. A mais pequena é da saleta e a maior a da escada.

— Basta-me a primeira, visto por dentro abrir o trinco de porta.

— Tem razão. Até logo.

— Até logo.

Lígia fechou-se à chave no quarto e tirou do seio um pequenino revólver que pertencera ao Bernardino e que ele trazia sempre consigo.

Sentou-se em cima de um caixote de vinho e esperou.

Tinha os pés húmidos, porque a água trespassara-lhe as botas de finíssima pelica, como sempre usava.

Através das paredes sentiu o tenente fechar com precaução a porta da rua, e o bater do relógio da sala, que ela apenas lobrigara à claridade indecisa do fósforo, chegava-lhe distintamente ao ouvido apurado.

Tudo aquilo lhe parecia mais um sonho mau, um pesadelo horrível, do que a triste realidade da página mais triste ainda da sua vida.

Na escuridão tumular daquele quarto, em cuja atmosfera fria e húmida pairava um cheiro acre de bafio e de garrafas de vinho fino abertas e vazias, esse cheiro característico das despensas sem arejamento nem luz, ela viu passar-lhe pela memória as cenas mais culminantes da sua existência.

Regressando a esse passado longínquo de doze anos, evocou aquele dia de sol em que na companhia do Martins, da tia Benedita, da D. Eudóxia e do Leonel, então uma criança casta e bela a quem ensinava as primeiras letras, foram todos alegres e satisfeitos buscar ao Lazareto o Bernardino, que, rico e considerado, regressava à pátria após vinte anos de um trabalho honesto e persistente nesse Brasil distante, que foi sempre a terra da promessa dos portugueses ativos e trabalhadores que no seu país não encontram horizonte suficientemente vasto para o alongamento das suas ambições.

Tornou a ver com uma nitidez que a apavorava, isolada como estava naquela casa às escuras, o olhar sereno e bom do Bernardino fixo nela, nesse alegre almoço do Francfort, e caindo na catalepsia das sugestões mentais, sentiu-se transportada pelo braço dele nesse magnífico passeio a Mafra, onde recebera a declaração do seu amor.

Depois passou-lhe pelo cérebro, em harmónico desfile de imagens vívidas, a compra do seu enxoval, a cerimónia da igreja, a enorme alegria de Bernardino, o seu primeiro jantar de noivos, a sós, na pequenina sala do hotel em Sintra, de cuja janela se avistava um trecho da serra e da denticuladura do Castelo dos Mouros, o passeio até à estação pela calada da noite estrelada, silenciosa e fresca, o regresso e a impetuosidade viril com que o marido se apossara do seu corpo de virgem, traduzindo num vigor pouco vulgar aos quarenta e dois anos, a sua forte organização de beirão sadio que soubera poupar a saúde!

Recordou a sua viagem à Suíça e à Itália; essas madrugadas encantadoras, alvorescentes, nos curiosos e confortáveis hotéis das verdejantes montanhas suíças com os seus píncaros cobertos de neves perpétuas; esse leite divino, saboroso, extraordinariamente puro e bom, que ela bebia todas as manhãs, como nunca mais bebera outro igual; os seus passeios a Berna e a Lucerna; as viagens nos lagos poéticos e lindos como um poema; a ascensão ao Jungfrau em companhia de uma família inglesa muito comunicativa e simpática, e depois a partida para a Itália, Roma, Florença, Milão, Turim, Nápoles e Veneza; o Vaticano, amplo como uma cidade; a catedral de S. Pedro com a sua cúpula arrojada a elevar-

se para os seus céus na majestade imponente do cristianismo triunfante na sua longa existência de dezanove séculos; as preciosidades espantosas da arte do homem espalhadas nesses museus que assombram; os restos gigantescos do Coliseu, preciosas relíquias brutais do passado de um grande povo dominador, que até nos seus vícios e crimes foi indiscutivelmente grande; os velhos canais da Veneza dos Doges; a Ponte dos Suspiros e a praça de S. Marcos, com o seu leão alado e os seus pombos amoráveis, parecendo que a sombra tétrica de Marino Faliero^[3] ainda rondava as arcarias dos palácios da Velha Senhoria que monopolizou o comércio do mundo até que os portugueses ensinaram aos povos o caminho marítimo para as Índias; o Vesúvio, com o seu eterno penacho de fumo negro e vômitos ciclóticos de lava incandescente, a Baía de Nápoles, de águas azuladas e tranquilas, atmosfera quente, mulheres magníficas de grandes olhos cismadores e profundos, aromas de frutos maduros e flores frescas, as canções dolentes dos barqueiros, os vendedores do *macarroni* e os *lazzaroni* estendidos ao sol numa beatífica indiferença de filósofos epicuristas por essa coisa bela e extenuante que se chama o trabalho e constitui a nota predominante das sociedades modernas.

Depois, a sua partida para o Brasil, os sucessos políticos daquele grande país, a queda do império, a revolução, as hostilidades do almirante Custódio José de Melo^[4] contra o governo constituído, os enormes desastres financeiros e comerciais, a atividade espantosa do Bernardino para travar a roda da fortuna que por algum tempo lhe desandara, o modo afetuoso, amorável, sincero e de verdadeiro amigo que sempre lhe dispensara ainda nos maiores transes, as confidências extraordinárias que lhe fizera a esposa do guarda-livros da casa acerca do amor fisiológico dos homens, o seu desgosto por não poder amar o marido que tinha por ela quase uma idolatria, e por último a morte dele, lançando-lhe ainda na agonia um olhar de carinho cheio de lealdade e estima!

Quando chegou a este ponto, Lígia sentiu que as lágrimas lhe rebentavam impetuosas e escaldantes.

Em meia hora tinha revivido doze anos da sua existência passada.

Respirou com essa ânsia que segue sempre às grandes impressões morais. Tirou o lenço para limpar as lágrimas e aplicou o ouvido.

Abriram a porta e em casa entrava gente.

As alcatifas abafavam o ruído dos passos e os reposteiros o das vozes.

Mas como o seu sentido auditivo era finíssimo, pode perceber que na sala falavam homens.

Colheu de passagem algumas gargalhadas sonoras, e depois fez-se um grande silêncio, apenas cortado pelo ruído de passos noutra aposento. Pelo buraco da parede esfuziou um raio de luz.

Lígia aproximou-se para espreitar, mas já não viu nada.

Ao cabo de um quarto de hora, essa luz tornou de novo a brilhar, e desta vez fixa.

A sua pupila, dilatada pela escuridão, contraiu-se àquela claridade inesperada, mas em breve, passada a primeira impressão, pode contemplar o seu marido de camisa de rendas com laços cor-de-rosa, sapatinhos de cetim azul celeste, meias de seda escarlates, ligas espantosas e uma pulseira lindíssima no braço esquerdo.

A seu lado, um homem alto, espadaúdo, anguloso, de grandes bigodes negros e com o corpo coberto de pelos hirsutos e bastos como um gorila, afagava-o sensualmente.

Lígia reconheceu esse homem. Era o mesmo que visitara o Leonel quando ele dera a queda, e que pelos seus modos, tão afadistados e jocosos, tão mal a tinha impressionado.

Durante uma hora, Lígia não se retirou daquele posto de observação, de onde viu cenas verdadeiramente espantosas, medonhas, horríveis, como ela nunca imaginara que pudessem existir, especialmente entre dois indivíduos do mesmo sexo!!!

Todo o seu pudor de mulher e de esposa estavam em plena revolta.

Se em vez de a separar daquele biltre nojento, que era seu marido, uma parede espessa, a separasse apenas uma leve cortina, tê-lo-ia morto a tiro, tal era a repugnância e o ódio que ele lhe causava.

Entre aquela avalanche de devassidão houve um detalhe que a fez estremecer de horror ao lembrar-se que tantas vezes o Leonel a beijara nos lábios, beijo frio e sem expressão, é certo, mas em todo o caso — beijo.

Tinha a cabeça em fogo e o espírito em completa excitação nervosa.

Por vezes receou que ia desmaiar.

Aquilo que acabava de ver excedia todos os raios da mais infame libertinagem reversiva.

Faltava-lhe o ar e vergavam-lhe as pernas. Teve de encostar-se à parede para não cair, e suavemente deixar-se curvar até se sentar no chão.

Na alcova, o Liberato proferia frases duras de bordel, e o Leonel dava gritinhos de *cocotte* lúbrica e risadinhas de menina histérica!

Como tudo aquilo era baixo, porco e indigno!!

E era ela esposa de semelhante monstro!!

E aos trinta e dois anos de idade, formosa, rica e livre, apaixonara-se pela beleza rostral e pela elegância daquele perverso que era a vergonha do seu sexo!!

Quantas como ela não teriam tido sorte igual deixando-se levar pelas aparências dos bons rapazes sérios que não têm amantes nem extravagâncias com mulheres, destes que andam sempre agarrados aos amigos como se eles fossem as deusas eleitas das suas almas?

Como as aparências enganam!

E era aquele o Leonel inocente, tímido, envergonhado e casto a quem ela ensinara o *a b c* e que lhe chamava a sua noiva!!

Quão arrependida estava agora de ter recusado a corte do Nuno Vasconcelos, esse tipo magnífico de homem viril que sempre se portara como um cavalheiro e que a amava tanto que não consentira que ela vivesse naquela burla infamante que era a vergonha das vergonhas.

E acudiu-lhe então à mente os risos e caras de troça com que em S. Carlos alguns rapazes olhavam para a sua frisa, e aquelas tosses secas e escarninhas que ressoaram no salão à sua passagem pelo braço do marido!

Pelo cérebro passou-lhe então uma ideia, rápida como a fulguração de um relâmpago.

Súbito os seus nervos acalmaram-se e ficou tranquila à espera que aqueles dois nojentos saíssem.

— São horas de recolher a casa, ouviu dizer ao Leonel. É preciso a gente portar-se bem...

— Pulha! monologou Lígia.

*

O Nuno esperava-a na rua, com o capote encharcado, porque não cessara de chover.

— Enganei-a? perguntou.

— Não, o senhor é um homem de bem. Preciso meter-me num trem para chegar depressa.

Desceram à praça de Camões.

Lígia meteu-se num trem.

— Amanhã às nove da noite espero-o em minha casa, disse-lhe, apertando-lhe muito a mão. Perdoe-me o incómodo que lhe dei.

— V. Ex.^a nunca me incomoda. Amo-a tanto! Ela inclinou-se na portinhola e segredou-lhe:

— Também o amo!

E atirou-se para dentro, enquanto o cocheiro tacava os cavalos, que partiram como uma seta.

*

O Nuno não pode, naquela noite, conciliar o sono.

Naquela frase — *Também eu o amo!* — Lígia dera-lhe a suprema felicidade, a tal ponto, que às vezes chegava a duvidar se ela a proferira e não seria antes um equívoco dos seus sentidos.

Mas... ela acrescentara — *Amanhã espero-o em minha casa às nove horas.*

Dessa entrevista dependia toda a certeza da índole das suas relações com aquela linda mulher, por quem sentia uma atração irresistível.

Adormeceu, manhã quase clara, e despertou estonteado por esse vago indefinível que antecede sempre todas as situações mais intensivas e culminantes da nossa existência. No quartel, passou o dia desenvolvendo uma atividade febril a fim de encurtar as horas que o separavam desse momento tão ansiosamente esperado.

Trocou com um camarada o serviço da noite, e às nove horas precisas batia à porta da casa de Lígia.

— A senhora espera V. Ex.^a, disse-lhe o guarda-portão respeitosamente.

Nuno foi introduzido na sala onde estivera dois dias antes.

Lígia não tardou a aparecer, encantadoramente bela no seu *robe* de veludo negro, que mais lhe fazia realçar a brancura mate da sua magnífica pele fresca e mimosa como uma magnólia.

Tinha os olhos pisados, denotando que não dormira, mas estava assim mais sugestiva e apetecível.

— Sabe? disse ela, escrevi hoje ao meu advogado para me vir falar. Vou propor ação de divórcio. Se o senhor Leonel se não opuser, tudo correrá sem escândalo, mas se ele reagir, preciso saber se posso contar com o senhor para esclarecer os factos.

— Absolutamente, minha senhora. Não tenho a menor dúvida em contar tudo quanto sei.

— Nem mesmo que foi o senhor quem me forneceu as chaves dessa casa?

— Nem mesmo isso. Lígia pode sempre contar comigo seja para o que for.

E o Nuno tomou-lhe as mãos, que ela não retirou.

— Amo-a tanto! disse-lhe ele, encarando-a fixamente. Ela baixou os lindos olhos verdes, esses olhos raros e belos, que eram a tentação de todos os homens.

Ele beijou-lhe as mãos perfumadas e brancas.

— Diga-me: exclamou ela; já pensou nas consequências desse amor que diz ter-me?

— Não sei qual seja o seu pensamento, Lígia!

— Ouça. Como todos os namorados, o senhor quer possuir-me. Não o acuso nem recrimino por isso. Faz apenas o que fazem todos os homens, mas eu é que me encontro numa posição diferente da maioria das mulheres. Talvez não existam duas nas minhas circunstâncias. Tão depressa me separe juridicamente do senhor Leonel, não estarei em Lisboa oito dias. Preciso fugir para longe dessa pústula humana, para sítio onde mais o não veja a ele nem ele a mim, nem mesmo me seja possível ouvir falar da sua pessoa. O senhor tem a sua carreira, a sua posição, e não pode como qualquer outro dispor da liberdade precisa para me seguir. Não lhe oculto que o amo pelo muito digno e cavalheiro que tem sido, mas pensemos bem: vale a pena satisfazer-lhe um capricho para depois nos separarmos, Deus sabe talvez se para não nos vermos mais?

E Lígia ficou pensativa e triste.

— Escute-me também, Lígia, respondeu o Nuno com toda a serenidade. É certo que tenho a minha carreira e a minha posição social, mas, embora modestos, disponho de alguns recursos próprios que me permitem viver decentemente em qualquer parte do mundo. Não tenho família além de minha irmã Maria, que se encontra bem casada, e de meu irmão Jacinto, que é capitão do exército em África. A vida militar não me seduz nem me tenta. Adquiri-a para ter uma posição qualquer. Bem sei que ela conduz a uma carreira brilhante, mas por si, Lígia, que amo com o mais sincero e profundo amor, tudo abandonarei. Peço uma licença ilimitada e irei para onde Lígia for. Viver a seu lado, na sua companhia, vê-la a todas as horas e a todos os momentos, aspirar o mesmo ar, beber a mesma luz, tê-la, enfim, sempre junto a mim, vale todas as posições. É a única prova que posso dar-lhe do meu sincero amor.

Lígia, radiante, apertou-lhe as mãos.

— Reconheço que me ama sinceramente. Pois bem, não o sacrificarei tanto. Iremos passar uns meses no estrangeiro. Depois, à volta, adquira a sua colocação num corpo da província. Serei eu quem o acompanhará sempre para lhe não quebrar esse futuro que o Nuno era capaz de destruir por minha causa. Não gosto do bulício nem da sociedade. Talvez na paz serena da vida dos campos eu encontre essa ventura e essa verdadeira felicidade que Deus nunca me concedeu. Tenho já direito a ser feliz, ao menos uma vez na vida, e oxalá, Nuno, que esse amor seja sincero e puro como o julgo.

— Duvidas?! exclamou ele, apertando-a nos braços.

— Não, Nuno, não duvido; não quero duvidar.

E os lábios de Lígia uniram-se fixamente aos do Nuno num longo beijo adorável, terno, apaixonado, voluptuoso, o primeiro que ela dera e recebera, aos trinta e dois anos de idade e casada duas vezes!

— Aqui não, meu amor. Vem.

*

Eram, pois, bem certas todas as revelações, que a sua amiga do Brasil lhe fizera acerca do amor dos homens.

O Nuno realizara todo esse vasto programa de carinhos e afetos que constituem o paraíso de uma mulher.

Como era meigo, fino, delicado, afetuoso, terno, expansivo, e como lhe teclara toda a sua sensibilidade nervosa e amorável sempre retraída pela fatalidade indomável dos acontecimentos!

— És um anjo! disse-lhe ele, cobrindo-a de ardentes beijos.

— E tu, o meu ideal sempre sonhado, respondera-lhe ela, estreitando-o ao peito alabastrino e escultural.

O relógio bateu as onze horas.

— E agora, quando me darás esta felicidade sem nome?

— Eu te avisarei.

— Lígia, meu amor!

— Nuno, meu querido Nuno, como eu fui infeliz em não ter aceitado a tua corte! Adeus.

— Adeus.

*

Pretextando doença, Lígia nunca mais jantou nem almoçou à mesa com o marido, e da primeira vez que ele fez menção de a beijar, ela afastou-o suavemente com um grande sentimento de nojo e disse-lhe:

— Não penses mais nisso.

Quando o advogado lhe apresentou o pedido de divórcio de sua esposa, o Leonel ficou muito surpreendido. Nunca imaginara que ela chegasse a tanto!

Pediu licença para se ausentar um momento, e dirigindo-se aos aposentos de Lígia bateu à porta do gabinete onde ela passava o dia enquanto ele não saía!

— Quem bate? exclamou ela.

— Eu, respondeu o Leonel. Posso entrar?

— Entre.

Lígia, sentada na *chaise*, lia o jornal.

— Que temos? exclamou ela sem levantar a cabeça.

Muito cobarde e embaraçado, o Leonel respondeu-lhe:

— O seu advogado acaba de me apresentar um pedido de divórcio feito pela senhora; é verdade que se quer divorciar?

— Absolutamente verdade.

— Porquê? arriscou-se ele a perguntar.

Ela pousou o jornal na cadeira, e encarando-o com uma grande expressão de desprezo respondeu:

— Porque, meu caro senhor Leonel Martins da Gama Cabral, eu nunca gostei de mulheres, desculpe a rudeza da frase.

— Não a percebo!

— Ah, não?! Pois quando na sua casa da rua do Trombeta vestir camisas como as senhoras e calçar meias, sapatos e ligas de mulher, e como mulher também, mas mulher perdida e devassa da pior espécie, se prestar com o seu amante às mais infames baixezas, perceberá então. Peço-lhe a fineza de se retirar, que a sua presença faz-me mal ao estômago...

E pegando de novo no jornal, Lígia voltou-lhe as costas.

Pálido como um cadáver, o Leonel assinou o pedido do divórcio, desistindo de intentar ação, aceitando em absoluto a incompatibilidade de génios que Lígia dera como causa do seu pedido.

Lígia despediu os criados e, fechando a sua casa, ausentou-se para o Porto.

O Leonel recolheu a casa da mãe que, quando soube do caso, ficou como que assombrada por um raio.

— Mas que foi isso, filho?! Uma rapariga que sempre te estimou tanto?

— Ora, mamã, *mulheres*, e está dito tudo!!!

*

A sentença não se fez esperar.

Lígia pagava bem à justiça.

Ao cabo de um mês, o juiz declarava a separação de bens e de pessoas destes cônjuges singulares, embora existam muitos nos mesmos casos...

A casa da Avenida, vendeu-se, assim como todo o mobiliário, e uma manhã, no *Sud-express*, Lígia e o Nuno partiam para Paris, onde foram passar a lua-de-mel, a verdadeira, porque Lígia, embora casada duas vezes, nunca conhecera outra.

*

Na noite em que a sentença do divórcio lhe foi notificada, o Leonel, sem se lembrar que sua mãe estava bastante desgostosa com aquele inesperado acontecimento, do qual Lígia não lhe dera a menor satisfação, exclamou para o Liberato na sala do seu ninho de amores da rua do Trombeta:

— Vou buscar uma garrafa de Madeira para bebermos à nossa felicidade, meu querido.

— Pois vai, menino, respondeu o outro enrolando um cigarro.

Às escuras, o Leonel entrou no quarto onde estavam os caixotes.

Como fazia luz na alcova onde fora vestir-se de senhora, conforme o costume, deu pelo buraco da parede de onde Lígia observara tudo.

— Oh, Liberato, oh, Liberato! exclamou ele.

— O que queres?

— Anda cá.

— Para quê?

— Anda cá, filho, vem ver.

O Liberato, gingando, entrou no quarto.

— Então o que há?

— Vê, vê!

E o Leonel apontava-lhe o ponto luminoso fixo na parede.

— Um buraco?!

— Sim, um buraco. Foi por ali que nos viram. Mas quem, se a gente é que tem a chave da casa?

— Vou espiolhar isto.

E o Liberato, acendendo uma vela, entrou de novo no quarto.

— Uma liga! disse ele, baixando-se. Aqui esteve fêmea.

— Deixa ver. Oh! é uma liga de minha mulher. Cá tem no fecho o seu monograma.

— Então foi ela quem nos viu!

— Com certeza.

— Isto foi traição da velha. Amanhã, ou ela escarra tudo ou lhe parto os cornos.

— Ai, por Deus e pela nossa felicidade te peço que não faças tal. Se a velha dá com a língua nos dentes o que por aí não irá! Bem basta o conde, que se tem vingado que nem um canalha. Muito tenho eu sofrido por ti!!

— Bem, bem, não faças chiada. Finjamos que não sabemos nada.

— É melhor.

Foram para a alcova, e o Leonel enchendo os copos, exclamou, abraçando-se ao sodomita:

— *Enfim, livre e só teu!*

FIM

[\[1\]](#) Referência ao episódio do quarto ato da ópera *Ernâni*, de Verdi, em que Ernâni é obrigado a dar a vida por Dom Rui em cumprimento de um juramento que havia feito.

[\[2\]](#) «At.º Ven.ºr» é uma redução, pouco utilizada correntemente, para Atento Venerador.

^[3] Marino Faliero (1285-1355) foi eleito doge de Veneza em 1354, mas foi condenado e decapitado após uma tentativa frustrada de se estabelecer como monarca absoluto.

^[4] Custódio José de Melo (1840-1902) foi um militar da Marinha e político brasileiro. Após a proclamação da República brasileira (1889), foi um dos líderes das Revoltas da Armada de 1891 e 1893.